

CARLOS ROCHA
BRASIL
PREFÁCIO
LUÍS BORGES GOUVEIA
PORTUGAL

ALGORITMOS DAS REDES SOCIAIS E SEITAS POLÍTICAS

REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA, DEMOCRACIA E SOCIEDADE

CARLOS ROCHA
BRASIL

PREFÁCIO
LUÍS BORGES GOUVEIA
PORTUGAL

ALGORITMOS DAS REDES SOCIAIS E SEITAS POLÍTICAS

REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA, DEMOCRACIA E SOCIEDADE

| SÃO PAULO | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R672a

Rocha, Carlos -
Algoritmos das Redes Sociais e Seitas Políticas: Reflexões
sobre Tecnologia, Democracia e Sociedade / Carlos
Rocha. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-995-6

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99956

1. Algoritmo. 2. Redes Sociais. 3. Inteligência Artificial.
4. Democracia. 5. Fake news. I. Rocha, Carlos. II. Título.

CDD: 302.006

Índice para catálogo sistemático:

I. Redes Sociais - Inteligência Artificial

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 o autor.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Sarah Scholz Dias
Tipografias	Acumin, Montserrat
Revisão	Sônia Volpato
Autor	Carlos Rocha

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguiاريو Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschiqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



*"Que todos os seres sejam livres
e felizes, que todos os nossos
pensamentos, palavras e ações
contribuam de alguma forma para a
felicidade e liberdade de todos".*

*Mantra budista: Lokah
Samastah Sukhino Bhavanthu*



À minha esposa

À minha filha



*Agradeço a todos que me
ajudaram e incentivaram*

APRESENTAÇÃO

Este trabalho examina o papel dos algoritmos de redes sociais na formação de bolhas de percepção da realidade, destacando sua influência na sociedade contemporânea, com atuação similar a seitas religiosas extremistas. O conceito de "bolhas de percepção" refere-se a espaços nos quais os indivíduos têm acesso limitado a informações que tendem a reforçar suas crenças e visões de mundo, mesmo que distorcidas. Essas bolhas são formadas pela personalização do conteúdo oferecido aos usuários com base em seus interesses e comportamentos. Os algoritmos têm a função inicial de segmentar audiência para anunciantes e customizar a publicidade. Essa personalização também cria um ambiente no qual os usuários são expostos principalmente a informações que confirmam suas crenças preexistentes. Embora os algoritmos não impeçam os usuários de buscar outras perspectivas, eles simplificam e facilitam a interação, resultando na formação de comunidades com percepções semelhantes da realidade. A percepção da realidade é uma interpretação subjetiva das informações, moldada por experiências passadas e cultura individual. As bolhas de percepção, alimentadas por algoritmos, podem levar à distorção da visão de mundo, à polarização e à formação de comunidades extremistas. Além disso, essas bolhas podem afetar não apenas as preferências de consumo, mas também escolhas políticas e discursos sociais. Este trabalho traz exemplos de seitas religiosas extremistas e do impacto social e político, dessas bolhas de percepção, no Brasil e em outros países. Aborda a ascensão da extrema direita e do fascismo global e, ainda, a história do movimento integralista brasileiro como contextualização de estratégias, ações adotadas durante a campanha eleitoral e no governo Bolsonaro, no Brasil. Versa sobre o uso dos algoritmos para disseminar mensagens, direcionar a opinião pública e



consolidar base de apoio popular. A "política quântica" é um termo que descreve essa realidade fragmentada e personalizada, na qual as perspectivas diversas dificultam a construção de consensos. A exposição limitada e controlada à realidade por meio de algoritmos torna o entendimento mútuo entre diferentes grupos de pensamento desafiador e um amplo campo para estudos em diversas áreas do conhecimento. Essa nova dinâmica política é marcada por paradoxos, inclusive fomenta a formação de líderes extremistas que sustentam a construção de realidades paralelas para seus seguidores. Embora os algoritmos desempenhem um papel técnico na formação das bolhas de percepção, é fundamental reconhecer que líderes carismáticos, discursos sedutores e isolacionismo também desempenham papéis cruciais nesse processo. O indício de um cenário futuro já inclui a proliferação de conteúdos incertos ou mesmo *fakes*, o que pode desafiar a capacidade das pessoas de discernir entre realidade e ficção. Isso mostra a necessidade de abordagens prudentes em áreas de conhecimentos complementares na era das *deepfakes*. Em resumo, este trabalho destaca a importância de compreender como os algoritmos de redes sociais contribuem para a formação de bolhas de percepção da realidade na sociedade contemporânea, enfatizando o desafio de aprofundarmos esses estudos em uma linha transversal. A complexidade dos temas tratados exige uma abordagem interdisciplinar, uma vez que esta realidade representa ameaça para a construção de consensos e para a democracia, impactando nas escolhas individuais e coletivas.

Palavras-chave: Algoritmo, Redes Sociais, Inteligência Artificial, Democracia, *Fake news*.

PREFÁCIO

A obra do Prof. Doutor Carlos Rocha, *Algoritmos das Redes Sociais e Seitas Políticas: Reflexões sobre Tecnologia, Democracia e Sociedade* constitui um testemunho relevante para um tempo de desafio de defesa dos princípios da pluralidade, da inclusão, da liberdade e da possibilidade de cada um de nós poder, além de pensar, expressar e agir em consciência com as suas posições, desde que assegurado o respeito e liberdade de terceiros.

O ano de 2024 será, por ironia, um ano de eleições no contexto de muitos dos países mais relevantes na geopolítica mundial, nos seus blocos e irá decorrer num contexto de enorme exigência de cidadania. Resultado os mais recentes desenvolvimentos dos anos recentes, desde a questão da pandemia, da deriva populista e vertigem para o extremar de posições, até à generalização de conflitos militares, desta vez, protagonizados por atores principais, tudo aponta para uma clarificação de posições, onde uma nova ordem mundial se redefine com novos valores e princípios que se percebe desde já, serem diferentes daqueles que nos conduziram a este nosso tempo.

Muitos são os desafios adicionais, como as alterações climáticas, a transformação da nossa sociedade com impacto na demografia (ora elevada em alguns, poucos casos, ora a constituir um problema de sustentabilidade em muitos dos países mais desenvolvidos) ou, talvez mais desconhecido e muito menos controlado caso da inteligência artificial (IA). Este sim, a IA promete reconceptualizações e reconfigurações da sociedade significativas, impactando o emprego, a economia, a saúde, a educação, os nossos regimes políticos e até a forma como nos vemos a nós, enquanto seres humanos, possuidores e donos da inteligência até agora inquestionável no nosso planeta.

Mundo este que se revela tão maravilhoso, cheio de possibilidade e tão capaz de constituir uma ameaça civilizacional com que temos de nos deparar. É esse o desafio que se nos coloca, em conjunto, o de tomar as escolhas que asseguram o melhor caminho, quem sabe um dos poucos caminhos que nos proporcionem sobrevivência e capacidade de professarmos o desenvolvimento e o papel de humanos que a maior parte de nós deseja, para si, para os seus, quer estes sejam família ou aqueles que amamos.

As tecnologias de informação e comunicação, depois o digital e agora a inteligência artificial possibilitaram um mundo com maior velocidade, encurtando distâncias, representando informação e conhecimento de forma mais rápida, mais fácil e, logo, com menores custos envolvidos. Nesta voragem de mais e melhor, ultrapassamos algumas das restrições físicas humanas, associadas com espaço e tempo – podemos agora estar em diversos locais, sem a nossa presença física, ou em simultâneo e até sermos mais rápidos que a nossa própria capacidade de entendimento permite.

O mundo das possibilidades choca com as capacidades cognitivas de cada indivíduo e com os seus limites, levando a excessos com os quais ainda temos de aprender a lidar com eles. Do excesso de informação, da nossa limitada capacidade de perceber mensagens e filtrar o que circula como dados e informação, surge uma pressão constante e um sentido de emergência que muitas vezes nos confunde e até impacta a nossa saúde mental.

É neste contexto que o texto propõe uma reflexão sobre os algoritmos, as redes sociais, a inteligência artificial, mas essencialmente sobre a vida dos seres humanos e a defesa da democracia e do papel que a desinformação pode ou não representar na constituição de um rumo que queremos que seja humano, inclusivo e capaz de representar o que de melhor tem o coletivo.



Num texto de fevereiro de 1998, intitulado "A Humanização das Tecnologias de Informação"¹ defendia que "A consciência do valor do indivíduo na sociedade (designada de informação), que começa a dar os primeiros verdadeiros passos, vai alterar as organizações, as relações de trabalho e reavaliar estruturas básicas como sejam a família, a educação, o desporto, a cultura e mesmo a religião. Nesta perspetiva, é possível arriscar que as tecnologias de informação ajudaram, como um dos fatores ativos, a humanizar a sociedade (nesta última década), reforçando o reconhecimento do valor do indivíduo como gerador de ideias e angariador de soluções. As T.I. não são fator único, mas são um dos mais influentes e a sua presença é perfeitamente identificável. Talvez por isso, as tecnologias de informação são cada vez mais utilizadas como ponto de partida para o estudo do comportamento da sociedade atual. Será, pois, interessante questionar onde os recentes em serviços como a Internet nos levarão e qual a sua influência no modo de vida do final do século. Pode-se esperar que o reforço da qualidade de vida passa pela humanização das T.I.; para elas próprias atribuírem um novo valor ao seu utilizador: o indivíduo".

Praticamente 3 décadas depois aqui estamos, num mundo bem mais complexo e sofisticado, digital, onde coexistem múltiplos ecossistemas digitais por onde o indivíduo navega, se vê como um produto e do qual é disputada a sua atenção, que se reforça ainda mais a relevância da preocupação já intuída anos antes. O Prof. Doutor Carlos Rocha vai além, ao alertar para os fenómenos que ocorrem com a informação, na escala do indivíduo mas que afetam a nossa sociedade e cuja discussão se torna urgente, a bem da democracia, o tal sistema – regime de governo, legitimado pelos indivíduos e em que é garantido o direito à participação de todos – e que embora conhecidos os seus defeitos, ainda se constitui como o



menos imperfeito e, por isso digno de ser melhorado – um desejo que partilho com o autor da obra que agora os convido a ler.

Porto, janeiro de 2024

Luís Borges Gouveia

Professor Catedrático na Universidade Fernando Pessoa
Investigador Integrado no CITCEM, Universidade do Porto
Membro da Direção da ONG, APDSI, Associação para a
Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação

Cidadão, pai e amante da liberdade



SUMÁRIO

Introdução	20
CAPÍTULO 1	
Conexões digitais:	
algoritmos e bolhas de percepção da realidade.....	23
CAPÍTULO 2	
Explorando o isolamento social e as seitas	35
CAPÍTULO 3	
Ser ou não ser, eis a manipulação:	
comunicação de massa e formação de crenças	46
CAPÍTULO 4	
Fazendas digitais na ciberesfera.....	60
CAPÍTULO 5	
Navegando por águas extremistas.....	72
CAPÍTULO 6	
A (re)volta do integralismo no Brasil.....	119
CAPÍTULO 7	
A teia do discurso messiânico:	
intolerância religiosa e seita política	131
CAPÍTULO 8	
O sequestro do simbolismo	139

CAPÍTULO 9

Ditadores da falsa realidade:

líderes anticorrupção..... 142

CAPÍTULO 10

Xeque-mate:

desafios à ordem institucional 149

CAPÍTULO 11

Follow the money 172

CAPÍTULO 12

Desinformação 2.0:

A fusão fatal entre *fake news* e IA 176

CAPÍTULO 13

Revolução quântica silenciosa..... 193

Conclusão e consequências 200

Referências..... 208

Sobre o autor224



INTRODUÇÃO

Conforme o Dicionário Brasileiro Houaiss, o termo "seita" apresenta diversas definições, que abrangem tanto aspectos históricos quanto contemporâneos. Inicialmente, na antiga literatura romana e pré-cristã, a palavra "seita" era utilizada para descrever um partido ou escola filosófica. Entretanto, um marco significativo na evolução deste conceito ocorreu com a tradução latina da Bíblia realizada por São Jerônimo, na qual o termo adquiriu conotações religiosas, especialmente no contexto do judaísmo.

Além dessas transformações históricas, as definições contemporâneas de seita incorporam uma série de aspectos que delinham sua complexidade. Isso inclui a ideia de uma doutrina ou sistema que se distancia das crenças ou opiniões amplamente aceitas, bem como a consideração do conjunto de indivíduos que aderem a essa doutrina ou sistema. Além disso, o termo pode se referir a um grupo de dissidentes que se separa de uma religião estabelecida ou de uma comunhão religiosa principal. Seita também pode ser aplicado a um grupo de indivíduos que compartilham uma mesma causa e que se organizam como um partido, bando ou facção. O termo, ainda, pode ser usado para representar a teoria de um mestre com numerosos seguidores. Por fim, seita pode referir-se a uma sociedade cujos membros se agregam voluntariamente e escolhem manter-se à parte do mundo exterior.

Por outro lado, a sociedade moderna está imersa em uma rede de conectividade, com base na internet, onde cada indivíduo passou a ser um polo de comunicação, um nó. No mundo moderno e contemporâneo os usuários não mais são passivos perante os meios de comunicação. Pelo contrário, são inclusive produtores de conteúdo em potencial. As redes modernas de comunicação deixaram

para trás o conceito de um veículo feito de “um” para “muitos”, que, por sua vez, passou a ser de “muitos” para “todos”.

Lucia Santaella (2011) aponta em seus estudos que as novas tecnologias são extremamente imersivas e de fácil manuseio. Basta olharmos, segundo a autora, que celulares são usados com normalidade por analfabetos e até mesmo crianças antes da alfabetização. Mas ela ainda salienta que:

O ecossistema engenheirado de tecnologias de linguagem igualmente não implica determinismo tecnológico. Primeiramente porque não se sabe o que vem antes: o ovo ou a galinha, a evolução autogerada ou a lógica do sistema social. Trata-se, muito mais, de realidades que se embaralham. Assim como a evolução humana não é exclusivamente genética, mas também tecnológica, a evolução social não pode ser exclusivamente tecnológica, pois envolve os múltiplos aspectos implícitos na crescente complexidade humana, uma complexidade que é indissociável das tecnologias de linguagem na medida em que estas não podem ser separadas da nossa própria natureza (Santaella, 2011, p. 203).

As redes sociais, neste contexto contemporâneo, não apenas conectam pessoas, mas também oferecem uma experiência altamente personalizada. Os algoritmos dessas plataformas são projetados para analisar o comportamento do usuário e fornecer conteúdo afinado com suas preferências e opiniões.

Nesse sentido, no ambiente digital e conectado no qual o Marketing 4.0 opera, o Big Data toma o lugar dos antigos softwares de relacionamento com cliente ou CRM – Customer Relationship Management, e eleva a coleta e a análise dos dados em algo supra-humano. Nesse caso, só os algoritmos são capazes de analisar os dados e os converter em informações e conhecimento passíveis de serem monetizados (Nogueira, 2019, p. 17).

Embora essa personalização tenha o objetivo de melhorar a experiência do usuário e de melhorar a monetização para os anunciantes, também cria bolhas de percepção, nas quais os usuários são expostos preferencialmente a informações que confirmam suas visões de mundo preexistentes. Isso pode levar à cristalização de um tipo de pensamento ou de percepção da realidade e a uma consequente polarização e formação de comunidades extremistas.

A influência das redes sociais na sociedade contemporânea é irrefutável. A proliferação de comunidades com interesses comuns é um dos resultados mais visíveis desse fenômeno, afinal as redes sociais aproximaram indivíduos e até certo ponto, derrubaram fronteiras. Este trabalho explora como os algoritmos que controlam as redes sociais desempenham um papel significativo na formação dessas comunidades, muitas vezes resultando na criação de bolhas de percepção da realidade. Essas bolhas podem distorcer a visão de mundo dos indivíduos, levando-os a abraçar teorias de conspiração, negar fatos amplamente aceitos, cientificamente comprovados, e ampliar discursos extremistas. É importante ressaltar que, embora os algoritmos desempenhem um papel técnico nesse processo, não são os únicos responsáveis. A história nos mostra que a criação de bolhas de percepção ocorreu em diversas ocasiões, com variadas intenções e usaram de diferentes ferramentas.

CONEXÕES DIGITAIS: ALGORITMOS E BOLHAS DE PERCEPÇÃO DA REALIDADE

Os algoritmos de redes sociais têm a função de personalizar o conteúdo apresentado aos usuários, com base em seus interesses e comportamentos. Inicialmente, os algoritmos buscavam compreender os usuários e ofertar aos anunciantes um público mais segmentado, dando mais efetividade à publicidade nas redes.

Toda plataforma digital necessita de um algoritmo para funcionar. No caso do Facebook, o algoritmo é o EdgeRank, que irá decidir quem vê e o que se vê na linha do tempo. Ele leva em consideração três grandes fatores: afinidade, relevância e tempo. Em uma fórmula, poderíamos escrever: $\text{EdgeRank} = \text{Afinidade} \times \text{Relevância} \times \text{Tempo}$ (Pinto, 2015, p. 27).

Porém, esta ferramenta cria também um ambiente no qual os usuários são expostos principalmente a informações que confirmam suas crenças e interesses preexistentes. Embora os algoritmos não impeçam que os usuários busquem ativamente por outros tipos de conteúdo, eles criam filtros que tendem a simplificar e facilitar a navegabilidade do usuário e a interação. Os algoritmos conseguem até mesmo ser preditivos, com bases estatísticas, em relação ao que iremos consumir, sejam produtos ou notícias. Tais filtros dos algoritmos podem resultar na formação de comunidades que compartilham percepções semelhantes de realidade, mesmo que distorcidas, negacionistas ou extremistas.

O conceito de percepção da realidade é algo que vai além dos cinco sentidos humanos, responsáveis pela captação de informações do meio em que vivemos, e também está fundamentado na interpretação subjetiva da cognição².

Percepção é o processo através do qual os indivíduos interpretam as informações que afetam seus sentimentos e ações, bem como, de outras pessoas. Portanto,

2 Segundo o dicionário Houaiss, cognição representa o "processo ou faculdade de adquirir um conhecimento"; ou mesmo, um "conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças".

não é necessariamente igual à realidade, pois lhe fornece apenas um significado limitado, próprio de cada ser humano. A percepção é construída pela familiaridade – conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo, sua cultura e habilidade cognitiva. Desta forma, as percepções e respostas de duas pessoas não serão necessariamente as mesmas quando descreverem um mesmo fato (Guillen *et al.*, 2015, p. 01).

Todos os usuários na internet estão sujeitos e também são induzidos pelos algoritmos de customização de conteúdo, de uma forma ou de outra, em incontáveis sites que usam. Nas redes sociais os algoritmos fidelizam e aproximam pessoas com interesses comuns. Porém, o custo desta seleção prévia de conteúdo e a consequente limitação a informações criam o que se pode denominar de bolhas de percepção da realidade, que tendem a reforçar ainda mais as crenças e visões que os usuários possam ter do mundo.

No entanto, não podemos esquecer que os mesmos algoritmos que indicam séries e livros a partir de sistemas de recomendação – que parecem para ambos os lados, empresa e consumidor, como um serviço que facilita a vida, por outro lado, estimulam a vida numa “bolha” ao impedirem mudanças e não estimularem o público a experimentar o novo e a mudar seu comportamento de consumo (Nogueira, 2019, p. 18).

Segundo a tecnossocióloga Zeynep Tufekci³, em sua palestra⁴ no TED LLC⁵ (2017), “estamos construindo uma distopia só para fazer as pessoas clicarem nos anúncios”

3 Colunista do *New York Times*, professora associada da Escola de Informação e Biblioteconomia da Universidade da Carolina do Norte, *Chapel Hill*, e professora associada do *Centro Berkman Klein para Internet e Sociedade de Harvard*.

4 https://www.ted.com/talks/zeynep_tufekci_we_re_building_a_dystopia_just_to_make_people_click_on_ads?subtitle=pt-br

5 TED é acrônimo de *Technology, Entertainment, Design*; em português: Tecnologia, Entretenimento, Design. Refere-se a uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, “ideias que merecem ser disseminadas”. Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet.

O que precisamos temer de fato não é o que a inteligência artificial em si fará conosco, mas como as pessoas que estão no poder não podem usar a inteligência artificial para nos controlar e nos manipular de novas, sutis e inesperadas maneiras, muitas vezes ocultas. Muita da tecnologia que ameaça nossa liberdade e dignidade, em um futuro a curto prazo, está sendo desenvolvida por empresas que estão no negócio de capturar e vender nossos dados e nossa atenção para anunciantes e outros (Tufekci, 2017, online).

Os mesmos algoritmos usados para organizar a publicidade dirigida, que fazem você clicar em anúncios de empresas, nas plataformas do Facebook, Google e Amazon, por exemplo, também são usados para organizar seu acesso a informações políticas e sociais.

Ao seguir os passos dos(as) usuários(as) na web de maneira, inclusive, a prever o que ele/ela vai querer ou precisar no futuro, empresas como Facebook, Amazon e Google, já citados, invadem a privacidade daqueles que navegam e pela análise algorítmica ganham o poder de manipular dados de tal forma que não só preferências de consumo são afetadas, mas, também, escolhas políticas e discursos sociais. O caso do Facebook e da Cambridge Analytica é um exemplo recente dessa manipulação de dados para uso político, no caso a eleição de Donald Trump para a Presidência dos EUA (Nogueira, 2019, p. 24).

No conceito de "política quântica", do livro *Os Engenheiros do Caos* (Empoli, 2019), a concepção tradicional de democracia liberal, ancorada na objetividade e na capacidade de tomada de decisões racionais com base em fatos, enfrenta desafios consideráveis. Essa perspectiva nos mostra que a natureza mutável e subjetiva da realidade política contemporânea é moldada por algoritmos em plataformas de redes sociais. Os algoritmos empregados por gigantes tecnológicos como Apple, Facebook e Google personalizam o acesso à informação para cada indivíduo, criando uma realidade adaptada às preferências e interesses de cada usuário.

O conceito de "bolhas algorítmicas", formadas e formatadas pelas regras algorítmicas, manifesta-se e vem à tona, como peça-chave, na compreensão da "política quântica". Os indivíduos são expostos a conteúdos e opiniões que reforçam suas próprias visões de mundo, enquanto o diverso, o contraditório e até constatações científicas são marginalizadas, dentro desta lógica, quase que mecânica, do papel dos algoritmos para as redes sociais e até mesmo para os mecanismos de busca na Internet.

A empatia e a tolerância entre diferentes grupos de pensamento se torna cada vez mais desafiadora, uma vez que a exposição à realidade é limitada e até mesmo controlada, com base em um escalímetro de origem não certificada por órgão de controle de qualidade ou veracidade. As percepções de realidades muito diversas dificultam a construção de consensos. O compartilhamento das "diferentes realidades" então pode ser personalizado e customizado. Nessa era contemporânea a divisão não é apenas resultado de divergências de opinião, mas também da própria natureza fragmentada e até mesmo, pode-se dizer, personalizada da informação que acessamos, demonstrando assim um impacto profundo da concepção dos algoritmos na formação das bolhas de percepção da realidade, com uma consequente manipulação na dinâmica social e política.

A política quântica é plena de paradoxos: bilionários se tornam os porta-estandartes da cólera dos desvalidos; os responsáveis por decisões públicas fazem da ignorância uma bandeira; ministros contestam os dados de sua própria administração. O direito de se contradizer e ir embora, que Baudelaire invocava para os artistas, virou, para os novos políticos, o direito de se contradizer e permanecer, sustentando tudo e seu contrário, numa sucessão de tweets e de transmissões ao vivo no Facebook que **vai construindo, tijolo após tijolo, uma realidade paralela para cada um dos seguidores** (Empoli, 2019, p. 100, grifo nosso).

Em alguns casos extremos as bolhas algorítmicas podem levar à adoção de teorias de conspiração e até mesmo ao negacionismo, como a crença de que o homem nunca pisou na Lua ou de que a Terra é plana. Essas visões desvirtuadas da realidade podem ser perigosas e têm potencial de afetar até mesmo a saúde pública. Podem colocar em dúvida vacinas que erradicaram doenças contagiosas e já salvaram milhares. Além disso, olhar a realidade por esta lente com distorção de paralaxe⁶ também pode isolar os indivíduos da sociedade em geral e até mesmo de seus familiares que porventura tenham um pensamento distinto.

Um exemplo desses casos extremos contemporâneos é o fenômeno do QAnon, uma fonte quase que inesgotável de teorias de conspiração. Este movimento de ideias conspiracionistas ganhou a adesão de parcela significativa da sociedade e surgiu como um conjunto complexo envolvendo mitos, política, poder, espiritualidade, inverdades e alienígenas, entre outros destaques. "[...] as redes sociais e pesquisas de opinião mostram que há pelo menos centenas de milhares, senão milhões de pessoas que acreditam em pelo menos algumas das teorias bizarras apresentadas pelo QAnon" (Wendling, 2021, online). O impacto nas redes sociais e, de forma notável, no cenário político norte-americano foi assustador. Milhões de pessoas têm aderido a algumas das teorias bizarras, ligadas de certa forma ao movimento QAnon e a grupos de apoio da extrema direita. Inegável a ligação, mesmo que indireta, ao ex-presidente Donald Trump. Afinal, fiéis do QAnon estiveram entre aqueles que invadiram o Capitólio, sede do Congresso dos EUA, em 06 de janeiro de 2021⁷, contra a derrota de Trump.

Este movimento do QAnon inclusive conseguiu eleger representantes políticos e indica uma interseção preocupante entre

6 Segundo o dicionário Houaiss, paralaxe é o "deslocamento da localização ou na direção aparente de um objeto, quando se muda a posição do observador; visão distorcida ou falsa a que isso leva".

7 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55577322>

política e teorias extremistas. Marjorie Taylor Greene, eleita representante da Geórgia e a deputada Lauren Boebert do Colorado⁸, no Congresso dos EUA, são exemplos tangíveis da incorporação destas teorias no cenário político, com ideias antissemitas, pautas da supremacia branca e até a adesão às teorias conspiracionistas do QAnon.

A disseminação de tais teorias não se limita apenas a personagens do cenário político, estendendo-se inclusive ao meio artístico, como se pode ver pela conversa (postado na rede X, antigo Twitter) de Jim Caviezel⁹, protagonista do filme *Som da Liberdade*, ao lado de Steve Banon, ex-assessor do ex-presidente Trump, na qual denuncia uma rede de pedofilia, tráfico sexual de crianças e adrenocromo. Caviezel denuncia o “império do adrenocromo” [...] “uma droga de elite que eles usam há muitos anos” [...] “é 10 vezes mais poderosa que a heroína e tem algumas qualidades místicas como fazer você parece mais jovem”.

É crucial destacar que o adrenocromo, segundo a Swiss Broadcasting Society (SRG), através da SWI (swissinfo.ch), “[...] é um composto químico obtido a partir da oxidação da epinefrina (adrenalina), conforme definição da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (PubMed)¹⁰, uma das fontes científicas de maior prestígio no mundo” (SWI, 2023, online). É apenas mais um composto químico que tem seu uso médico para estancar sangramentos e pode ser produzido sinteticamente, sem precisar envolver “sacrifícios humanos” (neste caso especificamente de crianças vítimas de abusos). Cabe ressaltar ainda que o adrenocromo não tem nenhum efeito lisérgico, alucinógeno ou que funcione para o rejuvenescimento.

Em reportagem de Eloá Orazem (2021), o pesquisador James A. Beverley, professor doutor da *Tyndale University* e autor do livro

8 <https://www.nytimes.com/2022/02/19/technology/qanon-messages-authors.html>

9 <https://twitter.com/patriottakes/status/1671306495944785925>

10 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>

"*The QAnon Deception*", diz que: "a narrativa falaciosa consiste basicamente em dizer que a elite do Partido Democrata comanda uma espécie de esquema de tráfico internacional sexual de crianças e que Donald Trump seria um salvador da pátria. 'Tudo tomou uma outra dimensão quando Q, um personagem enigmático, se autopromoveu uma figura militar que trabalhou com Donald Trump por três anos', disse Beverley".

Uma reportagem da Revista *Forbes*¹¹ (Beer, 2020a), com dados de uma pesquisa feita pela *Daily Kos/Civiqs*¹², indicou que:

- Cerca de 56% dos republicanos acreditam que o QAnon é majoritariamente ou parcialmente verdadeiro, um número notavelmente elevado tendo em conta muitas das afirmações bizarras defendidas pelos apoiantes do QAnon.
- Um em cada três republicanos (33%) afirma acreditar que a teoria QAnon sobre uma conspiração entre as elites do Estado profundo é "em grande parte verdadeira", e outros 23% dizem que "algumas partes" são verdadeiras.
- Apenas 4% dos democratas pensam que a teoria é parcialmente verdadeira, com 72% dos democratas a responder que a conspiração QAnon "não é de todo verdadeira".

Esta mesma reportagem da *Forbes* (Beer, 2020a) informa ainda que esses grupos de seguidores do QAnon crescem em taxa descomunal e estão espalhados pelas redes sociais de forma consistente e organizada. De acordo com outra reportagem, da *NBC News*¹³, uma recente investigação interna do Facebook determinou que o QAnon tinha milhões de membros e seguidores na plataforma

11 <https://www.forbes.com/sites/tommybeer/2020/09/02/majority-of-republicans-believe-the-qanon-conspiracy-theory-is-partly-or-mostly-true-survey-finds/?sh=58b701365231>

12 https://civiqs.com/documents/Civiqs_DailyKos_monthly_banner_book_2019_07.pdf

13 <https://www.nbcnews.com/tech/tech-news/qanon-groups-have-millions-members-facebook-documents-show-n1236317>

social. O *Wall Street Journal*¹⁴ informou que a participação em dez grandes grupos do Facebook dedicados ao QAnon cresceu mais de 600% desde o início dos bloqueios relacionados à Covid. No final de agosto, segundo ainda a reportagem da Forbes (Beer, 2020a), o Facebook anunciou que removeu¹⁵ mais de 790 grupos, 100 páginas e 1.500 anúncios conectados ao QAnon, ao mesmo tempo que restringiu mais de 10.000 contas no Instagram.

Segundo uma outra reportagem da Forbes¹⁶, também em 2020, depois que o presidente Trump se recusou em denunciar os teóricos da conspiração QAnon de extrema direita, o deputado democrata Tom Malinowski e o deputado republicano Denver Riggleman apresentaram uma resolução bipartidária na Câmara dos EUA condenando o QAnon e rejeitando as teorias da conspiração que o grupo promove. “Nosso objetivo é um repúdio totalmente bipartidário por parte do Congresso deste culto perigoso, antissemita e conspiratório que o FBI diz estar radicalizando os americanos para a violência”, declarou Malinowski.

[...] quando um repórter informou a Trump que os seguidores do QAnon acreditam que o presidente está “salvando secretamente o mundo” de um “culto de pedófilos e canibais”¹⁷, Trump afirmou que não tinha “ouvido isso”, antes de acrescentar: “Se eu puder ajudar salvar o mundo dos problemas, estou disposto a fazê-lo”.

Trump elogiou os apoiadores do QAnon, alegando que eles “amam a América” e acrescentou: “Eu entendo que eles gostam muito de mim, o que eu aprecio”.

14 <https://www.wsj.com/articles/qanon-booms-on-facebook-as-conspiracy-group-gains-mainstream-traction-11597367457>

15 <https://www.forbes.com/sites/jackbrewster/2020/08/19/facebook-takes-its-most-sweeping-action-against-qanon-yet/?sh=1b30ab552db5>

16 <https://www.forbes.com/sites/tommybeer/2020/08/25/bipartisan-lawmakers-introduce-house-resolution-condemning-qanon-cult/?sh=a2dc50d7f841>

17 <https://www.forbes.com/sites/mattperez/2020/08/19/trump-refuses-to-denounce-qanon-after-conspiracy-theory-is-described-to-him/?sh=ac3edca70d9f>

O FBI identificou os teóricos da conspiração QAnon como “extremistas” que representam uma ameaça de terrorismo doméstico (Beer, 2020b, online).

O avanço exponencial da disseminação de notícias falsas e teorias conspiratórias, evidentemente vinculadas ao discurso QAnon, transcendeu as fronteiras e contaminou outros países. É perceptível que esse discurso encontrou solo fértil entre apoiadores de Donald Trump e se alastrou posteriormente ao território brasileiro, com notável intensidade de disseminação, principalmente entre simpatizantes de Jair Bolsonaro. A interseção entre os adeptos destes dois líderes políticos contribui para a consolidação e dispersão dessas teorias conspiratórias, representando um fenômeno global que transcende barreiras geográficas e políticas.

As teorias de conspiração associadas ao QAnon apresentam um panorama complexo e surrealista, envolvendo diversos elementos como o controle populacional, a nova ordem mundial controlada por satanistas, os alienígenas reptilianos e até mesmo a longevidade da Rainha Elizabeth através de líquido extraído à força de crianças torturadas. No Brasil, essas teorias encontraram terreno fértil, principalmente no período da pandemia da Covid-19, onde teorias conspiratórias foram associadas à vacinação, sugerindo a inserção de chips, com nanotecnologia, que serviriam para o controle da população, por exemplo. A evolução dessas teorias para o cenário político foi rápida. Estes exemplos são apenas para destacar a absurda disseminação e rápida adaptação destas teorias fantasiosas em contextos nacionais distintos.

Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, o fenômeno destas reações conspiracionistas, que serviam inicialmente para interesses políticos específicos, repercutiram também com impacto significativo na dinâmica social, infiltrando-se em diversas esferas sociais, fomentando a divisões e desentendimentos em amizades e até mesmo entre grupos familiares. A reportagem de Eloá Orazem (2021), com o

título: **"QAnon: a teoria conspiratória que mirou a política e acertou as relações pessoais.** *Americanos estão se afastando de amigos e familiares por conta de uma teoria que coloca Donald Trump como salvador*", retrata bem esses fatos. Orazem (2021) relatou como Alx Uttermann, um personagem de sua matéria, "não faz segredos e lamenta o afastamento de grandes amigos publicamente".

É muito frustrante saber que não havia nenhuma lógica, não havia nenhum fato que eu pudesse apresentar para mudar a perspectiva deles. Parece um tipo de doença mental, que tem que cumprir seu ciclo. Tudo o que contrapõe os argumentos deles apenas fortalece a ideia de que elas são vítimas e perseguidas, o que significa que você é estúpido e eles realmente sabem a verdade (Uttermann *apud* Orazem, 2021, online).

O pesquisador James A. Beverley (*apud* Orazem, 2021) enfatiza que os teóricos do QAnon utilizam uma metodologia baseada em códigos, com mensagens cifradas, e que estas possuem o propósito de fomentar a interpretação individual, incentivando as pessoas a atribuírem e interpretarem conforme seus próprios significados pessoais. Desta forma, o usuário se sente astuto, esclarecido e erudito, pois consegue, a sua maneira, dar sentido à mensagem. Esta prática se desdobra, então, nas redes sociais e vários usuários promovem o compartilhamento e o debate dessas interpretações, em grupos e comunidades online. Este processo dinâmico não apenas cria um espaço propício para a construção de significados personalizados, mas também forja um senso de identidade coletiva, que proporciona às pessoas a sensação de pertencer a algo maior em suas respectivas comunidades virtuais. Reforça também o sentimento refratário aos pensamentos divergentes, muito similar aos métodos de cultos e seitas. "Se você tem um grupo de pessoas que acreditam cegamente em uma coisa, podemos dizer que é uma espécie de culto. E eles podem dizer algo absurdo, como 'o Brasil, na verdade, fica na Europa', e não há prova que os convença do contrário" (Beverley *apud* Orazem, 2021).

As declarações de Alx Uttermann, conforme reportagem da Orazem (2021), ressalta a experiência vivenciada em perceber a resistência e relutância de alguns amigos em participarem de diálogos, inclusive com o foco em evidências científicas. Com o agravante de que esses esforços não foram bem recebidos e resultaram gradualmente no afastamento das amizades.

Este tipo de desinformação em massa, com consequências de intolerância a pensamentos divergentes, levanta perguntas sobre a responsabilidade das plataformas de mídia social na disseminação de teorias de conspiração não fundamentadas, especialmente quando têm potencial para influenciar a opinião pública. A proliferação dessas ideias suscita sim a preocupação sobre os limites da liberdade de expressão e da responsabilidade das plataformas na contenção da desinformação.

É importante reconhecer que os algoritmos não são os únicos responsáveis pela formação de bolhas de percepção. A história nos mostra exemplos de comunidades isoladas que surgiram independentemente da tecnologia digital. Por exemplo, casos históricos de seitas fanáticas ilustram como líderes carismáticos, discursos sedutores e principalmente o isolacionismo desempenharam papéis cruciais na formação de comunidades extremistas.

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark red. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right, there are faint, small numbers (1-9) scattered across the teal background. The overall texture is grainy and layered, suggesting a collage or digital art style.

2

**EXPLORANDO
O ISOLAMENTO
SOCIAL E AS SEITAS**

Segundo Lifton (2012), a característica fundamental do ambiente de reforma do pensamento, usado para doutrinação, é a gestão da comunicação humana, que serve também como base para todas as outras correntes psicológicas. Em complemento, Han (2021) nos recorda dos argumentos de Michel Foucault, do livro "Vigiar e Punir", sobre o panóptico de Jeremy Bentham¹⁸:

O regime disciplinar de Foucault aplica o isolamento como meio de dominação: "a isolamento é a primeira condição da submissão total". O panóptico, com celas isoladas umas das outras, é o símbolo e o ideal do regime disciplinar (Han, 2021, p. 18).

Um ambiente totalitário estabelece através do controle um domínio abrangente não apenas sobre a comunicação do indivíduo com o mundo exterior (envolvendo o que ele percebe visual e auditivamente, lê e escreve, vivencia e expressa), mas também, em sua esfera da consciência, sobre o que pode ser descrito como a comunicação intrapessoal do sujeito consigo mesmo. Isso cria uma atmosfera que evoca reminiscências da distopia já imaginada por George Orwell em sua obra "1984". No entanto, há uma distinção substancial a ser observada: Orwell, enquanto autor, concebeu o controle do ambiente como sendo efetuado por meio de um dispositivo mecânico denominado "teletela" bidirecional. Porém, segundo Byung-Chul Han (em Infocracia, 2021), no século XXI, o capitalismo na era da informação opera com incentivos positivos em contraste com o modelo disciplinar que envolve coação e restrições.

Em oposição às técnicas do poder do regime disciplinar, exploram a liberdade, em vez de a reprimir. Conduzem nossa vontade a âmbitos inconscientes, em vez de romper com ela com violência. O poder disciplinar repressivo dá lugar a um poder smart, que não dá ordens, mas sussurra,

18

Jeremy Bentham, filósofo utilitarista inglês do século XVIII, descreve, em seu livro O Panóptico (ISBN: 9788551304921), o projeto de uma construção carcerária que se fundamentaria no "princípio da inspeção", segundo o qual o bom comportamento dos presos seria garantido se eles se sentissem continuamente observados. (<https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-panoptico/251>).

que não comanda, mas que nudge, quer dizer, que dá um toque com meios sutis para controlar o comportamento. Vigiar e punir, as características do regime disciplinar de Foucault, dão lugar a motivar e otimizar. No regime de informação neoliberal, a dominação se dá como liberdade, comunicação e comunidade (Han, 2021, p. 37).

Este fenômeno do isolamento não se restringe apenas ao paradigma das seitas religiosas, pois, como já registramos, o termo "seita" pode ser usado para descrever além de grupos religiosos isolados, também se adequa às comunidades extremistas, ou ainda comunidades políticas que se congregam voluntariamente e escolhem manter-se à parte do mundo exterior. As seitas políticas extremistas compartilham semelhanças notáveis com as seitas religiosas do passado, que buscavam isolar seus adeptos em fazendas distantes do contato com a sociedade. No mundo digital estas bolhas de percepção da realidade, criadas então pelos algoritmos, atuam como equivalentes virtuais daquelas fazendas afastadas, isolando os seguidores destas comunidades do debate público e da diversidade de opiniões, para cristalizar um pensamento hegemônico segregacionista.

Considerando a relevância da interatividade e o papel central que as redes sociais desempenham como veículo preponderante para a disseminação de notícias e de também, consequentemente, de desinformação, é possível estabelecer uma relação de nexo causal entre essa nova forma de comunicação com a distorção da percepção da realidade percebidas em algumas comunidades online. A interconexão proporcionada pelas redes sociais é um fator fundamental para o êxito deste fato. Por meio delas o indivíduo encontra a possibilidade de estabelecer conexões comunicativas com outros que compartilham de suas perspectivas e opiniões, resultando em uma sensação de pertencimento e apoio mútuo, no lado positivo deste prisma. Os grupos que representam minorias podem utilizar dessas mesmas plataformas para amplificar as suas interpretações,

percepções e crenças, porém isso também tem validade para aqueles que estão ligados ou que aderem a teorias conspiratórias em relação a falsas informações. A disseminação de informações distorcidas pode ser potencializada pelo compartilhamento constante, o que, por sua vez, contribui para a persuasão de outros indivíduos e para a consequente expansão do número de seguidores. Este ciclo de amplificação pode, desta forma, impactar de maneira significativa a percepção de realidade em diversos segmentos da sociedade.

De acordo com as observações de Lifton (2012), as estratégias frequentemente utilizadas por estados autoritários são o isolamento social e o carisma do líder. Emergem, ademais, como um componente intrínseco na formulação e consolidação de algumas seitas religiosas extremistas. Esta semelhança é evidente nos casos icônicos de Jim Jones (O Templo do Povo) e inclusive no grupo liderado por Charles Manson.

Segundo um estudo de caso sobre a seita O Templo do Povo, feito por Constance A. Jones no livro “Novos movimentos religiosos, suicídio em massa e o templo de povo”, os pontos fundamentais para a influência totalitária e manipuladora de Jim Jones foram o isolamento, o controle do acesso à informação e um dualismo maniqueísta, polarizando e projetando o mal para o que vem de fora. Ao mesmo tempo, criando ainda um estímulo de medo intenso, uma paranoia coletiva.

[Jim Jones] [...] **engendrou uma política de isolamento social** que classificou a participação normal nos processos da sociedade mais ampla como indesejável. O **reforço da polarização cognitiva e do isolamento social** proporcionou um ambiente para a submissão autoritária e **revelou-se decisivo** na proibição da intervenção no autoritarismo ilegítimo da comunidade (Jones, 1989, p. 208, grifo nosso).

[...]

A identidade contrastante fomentada pelo dualismo maniqueísta de Jones incluía a diferenciação absoluta entre “eles” e “nós”, **a projeção do mal sobre “eles” e um medo intenso desta projeção – paranóia** (Jones, 1989, p. 214, grifo nosso).

[...]

Temas de paranóia, medo e traição eram comuns e quem poderia duvidar de sua autenticidade quando, para Jonestown, **Jones era o único divulgador de notícias mundiais?** (Jones, 1989, p. 220, grifo nosso).

Uma constatação pertinente de Jones (1989) é que, por mais absurdo que nos pareça a situação da seita suicida de Jim Jones, não se pode rotular como uma comunidade que sofreu uma lavagem cerebral, mas que o dualismo (de efeito paranoico) pode sim ter sido um dos pilares de sustentação deste grupo extremista nefasto.

A tese da lavagem cerebral não é aplicável a Jonestown. Os membros não foram involuntariamente obrigados a se submeter a Jones. De acordo com a sua visão de mundo baseada no dualismo exemplar, a submissão era moral, até mesmo redentora (Jones, 1989, p. 227).

Obviamente que ao colocarmos as luzes sobre esta amostra do estudo de caso na seita de Jim Jones, estamos apenas usando de um recurso narrativo reducionista, porém agregador de entendimentos sobre casos similares, que inclusive podem ser de áreas para além das seitas ditas religiosas.

Este fenômeno não é exclusivo de Jonestown. Os movimentos contemporâneos e históricos, religiosos e políticos, adotaram o dualismo exemplar como base para as suas visões do mundo. Todas as adaptações deste sistema não resultaram num Jonestown, mas todas, inevitavelmente, criaram um ambiente em que se reproduz a submissão autoritária (Jones, 1989, p. 227).

West e Singer, 1980¹⁹ (*apud* Hatcher, 1989), explicam a necessidade isolacionista das seitas extremistas pelas características de que os cultos estabelecem limites claros entre o mundo interno e o externo. Mas os novos recrutas aprendem rapidamente que a existência do mundo interno depende do sigilo e isolamento estruturado (West e Singer *apud* Hatcher, 1989, p. 182).

Charles Manson, um supremacista branco, por sua vez, liderou um grupo extremista e nefasto denominado "Família Manson", que não promoveu suicídio coletivo, mas alguns de seus integrantes cometeram assassinatos hediondos em 1969. "Manson refletia traços de personalidade e obsessões que estavam associados a gurus de grupos de cultos quase religiosos que começaram a surgir na década de 1960" (Bussoloto, 2022). Charles Manson entrou em uma lista, normalmente citada por veículos de comunicação e até mesmo por autoridades, como um dos mais famosos criminosos da história norte-americana. O fato pertinente é que este grupo também se mantinha em um local isolado e é curioso notar, ainda, que Manson, sem nem precisar sujar as suas mãos de sangue, foi o responsável pelos brutais 7 assassinatos, inclusive o da atriz Sharon Tate, que mesmo grávida de 8 meses, foi esfaqueada 16 vezes²⁰.

Um dos contrastes entre as seitas de Manson e de Jim Jones é que a "Família Manson" tinha objetivos políticos. Atchison e Heide (2011) destacam que o promotor Vincent Bugliosi justificou a posição ocupada por Charles Manson no "Panteão dos Criminosos Americanos" quatro décadas após a ocorrência dos assassinatos em massa, salientando o caráter político da seita e que Charles conseguia comandar as pessoas:

19 West, L. J. and Singer, M. T. 1980. "Cults, quacks and nonprofessional psychotherapies". In Kaplan, H. I., Freedman, A. M., and Sadock, B. J. (eds.), *Comprehensive Textbook of Psychiatry*. Vol. III (3rd Edition). Baltimore: Williams and Wilkins.

20 <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/07/12/assassinato-de-sharon-tate-por-seita-de-charles-manson-chocou-hollywood-relembre.gh.html>.

Manson não só é muito inteligente - mas por mais incompreendida que tenha sido a sua violência, os seus assassinatos foram revolucionários, políticos, e é aí que reside o seu principal apelo para aqueles que estão à margem. A outra coisa que o separou é o fato de todos estes outros assassinos em massa terem cometido os assassinatos sozinhos. Manson, por outro lado, estava mexendo os paizinhos e fazendo com que as pessoas saíssem e matassem estranhos sob seu comando, sem fazer perguntas. E isso o torna mais assustador para outras pessoas (T. Watson²¹, 2009, p. 40 *apud* Atchison e Heide, 2011, p. 773).

Porém, a seita de Jim Jones, segundo Hatcher (1989), tinha outros interesses:

Era um grupo que não procurava mudar o governo, mas apenas manter o controle governamental afastado das atividades do grupo, tanto legais como ilegais. Além disso, era um grupo cuja história o qualifica claramente como perigoso, destrutivo e com numerosas violações intencionais da lei governamental. O Templo do Povo tornou-se a definição aceita de culto perigoso na mente do público (Hatcher, 1989, p. 188).

Casos recentes nos alertam que as seitas extremistas ainda são realidade e permeiam países ricos e pobres, sem distinção. Em 2023, no Quênia, o pastor Paul Mackenzie Nthenge criou a seita "Igreja Internacional das Boas Notícias"²², que pregava o jejum e promovia a fome até à morte ("culto da fome"²³). Esta seita acabou matando 90 pessoas e tem mais de 200 desaparecidas, incluindo crianças. O pastor defendia a não escolarização de crianças, por considerar que a educação não era reconhecida na Bíblia. Em 2019,

21 Watson, T. (2009, August 10 & 17). The Manson murders at 40. Newsweek, pp. 38-40.

22 <https://cnnportugal.iol.pt/quenia/tragedia/quenia-quer-rever-regulacao-de-locais-de-culto-apos-tragedia-com-seita-religiosa/20230424/644625c90cf2cf922503e449>

23 <https://cnnportugal.iol.pt/quenia/culto/policia-exuma-21-corpos-em-investigacao-a-culto-da-fome-vitimas-podem-ser-muitas-mais/20230423/644500bd0cf2665294e05a3a>

ele fechou a igreja, mas levou seus seguidores para a floresta Shakahola, vizinha da cidade de Malindi, no Quênia.

O fácil acesso aos sermões online contribuiu para a profusão deste tipo de cultos e o governo local prometeu endurecer as regras sobre locais de culto, comparando os líderes destas seitas com terroristas, segundo a reportagem da rádio francesa de notícias (RFI)²⁴.

O Presidente do Quênia, William Ruto, prometeu endurecer as ações contra movimentos religiosos “inaceitáveis” e comparou os seus líderes a “terroristas”. Esta terça-feira, o ministro do Interior declarou que o que aconteceu em Shakahola marca uma mudança “na forma como o Quênia gere as ameaças à segurança por parte de extremistas religiosos”. O ministro admitiu, também, apertar a regulação dos locais de culto religioso (RFI, 2023a, online).

Também em 2023, agora na França, tivemos uma notícia (RFI, 2023b) envolvendo a Federação de Yoga Atman²⁵, em Paris, que foi alvo de uma ação policial, pois foram acusados de ser uma seita internacional que doutrinava seguidoras para fins de exploração sexual. Isso corrobora o fato de que seitas ainda são uma realidade contemporânea. O líder espiritual da seita de yoga, Gregorian Bivolaru, foi preso durante esta operação policial que desmantelou sua rede de tráfico de mulheres. A investigação, iniciada pelo Ministério Público de Paris, revelou práticas criminosas que envolvem abuso de vulnerável, sequestro, estupro e tráfico de seres humanos.

Neste caso percebe-se os elementos clássicos que aproximam as seitas religiosas extremistas e as bolhas de percepção da realidade, pois as seitas, por vezes, utilizam métodos de conversão e manutenção de seus seguidores que se assemelham a técnicas de

24 <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20230426-pelo-menos-90-mortos-em-seita-religiosa-no-qu%C3%A9nia>

25 <https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20231128-pol%C3%ADcia-francesa-prende-guru-ligado-%C3%A0-seita-de-tantra-yoga-na-regi%C3%A3o-de-paris>

lavagem cerebral e isolamento social para alcançar seus objetivos. A seita Atman empregava métodos sutis de controle mental. A utilização dessa abordagem ofereceu uma fachada de respeitabilidade, atraindo seguidores em busca de crescimento pessoal e espiritual. Contudo, os líderes da seita exploram essa vulnerabilidade, gradualmente impondo doutrinas que subjagam a vontade individual em favor dos interesses da organização. Segundo uma fonte²⁶ do processo judicial, a seita de tantra yoga:

[...] ensinava tantra yoga, com o objetivo de "condicionar as vítimas a permitirem relações sexuais usando técnicas de manipulação mental criadas para eliminar qualquer noção de consentimento".

Esta seita incitava as vítimas mulheres a "aceitarem relações sexuais com o líder do grupo" ou a "práticas pornográficas remuneradas na França e no exterior" (AGENCE FRANCE – PRESS *apud* UOL, 2023, online, grifo nosso).

A exploração dos seguidores desta seita aprofundou a dimensão psicológica e atingiu o patamar da coação também para finalidade financeira, obrigando mulheres a trabalharem em atividades como clubes de strip-tease e produções pornográficas para financiar a seita. Além disso, doações significativas e contribuições salariais foram extraídas dos seguidores. Após terem sido notificadas, as autoridades francesas promoveram uma investigação abrangente conduzida pelo Gabinete Central de Repressão à Violência contra as Pessoas.

Esses casos no Quênia e na França destacam a importância de compreender os fatos e os desafios, bem como, ainda, combater os métodos de conversão que podem se transformar em práticas criminosas. A análise dessas táticas, como isolamento social e controle mental, contribui para compreensão mais profunda dos

26

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/11/28/franca-prende-guru-em-operacao-contra-seita-internacional-de-yoga.htm>

desafios necessários para desarticulação de uma seita e para proteção de seus seguidores vulneráveis. A resposta investigativa e jurídica tem papel importante para a possível responsabilização dos mentores e líderes, mas principalmente na prevenção de danos futuros, em casos similares.

Por mais que as seitas extremistas, mesmo aquelas que se dizem religiosas, tentem por um tempo se dissimular e se abrigar no conceito da liberdade de expressão ou da liberdade religiosa, garantia individual prevista por declarações desde os direitos do século XVIII, segundo Edson Fachin (2023), temos expresso no Brasil o limite à manifestação do pensamento religioso na declaração do ministro do Superior Tribunal Federal (STF) que:

Os postulados da igualdade e da dignidade pessoal constituem limitações externas à liberdade de expressão, que não pode ser exercida com o propósito de veicular práticas criminosas tendentes a fomentar e a estimular situações de intolerância e expressões de ódio público por motivo de crença religiosa ou de convicção política ou filosófica (Fachin, 2023, p. 194).

Em modo geral e em consonância, Hatcher (1989) alerta sobre o perigo das seitas manipuladoras e que estes grupos podem conduzir à violência e até mesmo à violação de direitos civis:

Embora não se tenha descoberto que a maioria dos cultos viola significativamente as leis governamentais, eles empregam muitas das técnicas ilustradas pelos nossos três destaques da história recente do controle da mente e do comportamento. O conhecimento sobre a sua intenção final com estas técnicas está confinado a informações de membros atuais ou ex-seguidores, nenhum dos quais pode ser classificado como fonte imparcial. No entanto, a semelhança das técnicas é profundamente perturbadora para a sociedade em geral e para os seus governos, porque a história tem mostrado que tais técnicas conduzem frequentemente à violência e a violações dos direitos civis (Hatcher, 1989, p. 188).

Na história religião/filosofia frequentemente competem com o governo pelo controle dos cidadãos. Líderes religiosos exercem o poder demonstrando ao governo que as massas os seguem, o que obriga o Estado a prestar atenção aos interesses do grupo. Nada muito diferente do que o poder de influência dos grandes conglomerados multinacionais, é o que podemos constatar claramente na obra *Cultos, Sociedade e Governos*, de Chris Hatcher (1989).

As seitas religiosas extremistas costumam doutrinar seus seguidores para que se isolem da sociedade, tanto fisicamente como também pela restrição à informação. Criam filtros de informações que ajudam a moldar o maniqueísmo de uma “luta do bem contra o mal”, sendo sempre o mal aqueles que não são adeptos da respectiva seita, quem pensa diferente ou simplesmente por pertencer a outro círculo social.

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark red. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. A large, bold yellow number '3' is positioned on the right side. Faint, scattered numbers (1-9) are visible in the upper right quadrant, suggesting a grid or data theme. The overall texture is layered and textured, resembling torn paper or a collage.

3

**SER OU NÃO SER,
EIS A MANIPULAÇÃO:**
COMUNICAÇÃO DE MASSA
E FORMAÇÃO DE CRENÇAS

Segundo o dicionário Houaiss, o verbete pós-verdade é a “falsa asserção apresentada como fato, que apela para a emoção do público, mistificando a verdade [fazer alguém crer em uma mentira ou em algo falso, abusando de sua credulidade] e ultrajando a ética”. Isso se aproxima do que Silva (2021, p. 22) aponta, que neste período que vivemos, de pós-verdade, não há a necessidade do real, da realidade em si. Não existe mais a verdade ancorada na realidade. A verdade da pós-verdade está fundamentada na ideologia, no desejo de ser verdade. Este contexto dentro de uma complexa máquina de desinformação, sustentado pelas repercussões das redes sociais, que busca orientar e condicionar mentes no “tecido social”, acende o sinal de alerta para a necessidade de estarmos atentos à indústria das *fake news*.

Sob esse aspecto, o dispositivo de instrumentalização de notícias falsas atende a interesse específicos, dentro de conjunturas políticas e econômicas, e se faz funcionar como um instrumento de percepção intersubjetiva que induz, orienta ou determina comportamentos sociais, motivados por interesses políticos ou de mercado, estruturados por governos e/ou empresas de forma deliberada (Silva, 2021, p. 23).

O site Undark²⁷ (2021) faz um levantamento mais profundo sobre as consequências do extremismo político dos Estados Unidos da América (EUA). Segundo a revista sediada no *Massachusetts Institute of Technology* (M.I.T.), o termo MAGA, associado ao slogan “*Make America Great Again*” de Trump, tem sido alvo de debates intensos, sendo caracterizado por alguns como um possível

27

Undark é uma revista digital sem fins lucrativos e editorialmente independente, cofundada em 2016, por *Knight Science Journalism Program* e pelos jornalistas Deborah Blum e Tom Zeller Jr, sediada em Cambridge, Massachusetts, EUA, que explora a interseção entre ciência e sociedade. É publicado com financiamento da Fundação John S. e James L. Knight, por meio do Programa Knight de Bolsas de Jornalismo Científico do MIT. Undark não está interessado em “comunicação científica” ou eufemismos relacionados, mas na verdadeira cobertura jornalística das ciências. (<https://undark.org/>).

culto de ativistas, como ressalta Travis Akers²⁸ sobre os seguidores da linha-dura de Trump: “estão doentes e precisam de ajuda”. Esta mesma matéria também cita o importante questionamento da jornalista Katie Couric²⁹: “Como vamos desprogramar essas pessoas que entraram para o culto de Trump?”

Contrariando a visão de culto, alguns pesquisadores argumentam que as noções de Akers e Couric podem não levar em conta adequadamente a autonomia humana na formação de crenças e a capacidade humana de fazer escolhas livres e conscientes. A tendência das pessoas em buscar informações que corroborem suas ideias, suas formas de pensamento e a sua inclinação para impulsividade são interpretadas como escolhas autônomas, segundo a reportagem da Undark (Schulson, 2021). Este fenômeno é evidenciado em contextos familiares, de mesma seara religiosa, mas que acabam divididos por teorias conspiratórias políticas e crenças controversas.

O PhD. Steven Hassan³⁰ é um especialista em saúde mental, com experiência em cultos e criador do modelo BITE³¹ (sigla de Behavior, Information, Thought, and Emotional control), que descreve os métodos específicos dos cultos para recrutar e manter o controle sobre as pessoas. O site da organização *Freedom Of Mind* divulga materiais de Hassan. “Muitos pensam no controle da mente como um processo ambíguo e místico que é difícil de definir. O controle mental refere-se a um conjunto específico de métodos e técnicas, como a hipnose ou a interrupção do pensamento, que influenciam o modo como uma pessoa pensa, sente e age” (*Freedom Of Mind*,

28 Veterano da Marinha dos EUA, oficial da Inteligência, com mais de 20 anos de experiência executiva liderando diversas organizações globais e nacionais. (<https://twitter.com/travisakers>).

29 Katherine Anne “Katie” Couric é uma jornalista norte-americana, atualmente trabalha na CBS Evening News. A primeira mulher a apresentar telejornal à noite entre as maiores emissoras nos EUA. (<https://twitter.com/katiecouric>).

30 <https://twitter.com/CultExpert>

31 BITE: Sigla de Behavior, Information, Thought, and Emotional control. Tradução: Comportamento, Informação, Pensamento e Controle Emocional

2023). Segundo [tradução nossa] o site da organização *Freedom Of Mind* (2023), o modelo BITE deve ainda ser usado dentro do Modelo Contínuo de Influência, das seitas e cultos, para ajudar a determinar o controle autoritário. Nem todo grupo ou relacionamento usa de todas as técnicas apresentadas no modelo. Algumas técnicas são universais: como o engano (controle de informações); doutrinar as pessoas a desconfiarem dos críticos e ex-membros e também instalar fobias, para fazer com que as pessoas tenham medo de questionar ou sair.

No texto de Schulson (2021), o conceito de "*Combating Mind Control*", apresentado também por Hassan, explora a influência da internet. O livro mais recente de Hassan, "*The Cult of Trump*", destaca uma similaridade entre os comportamentos de Trump e do Reverendo Moon³². Steven Hassan pode abordar esse fato com a propriedade de quem já integrou a seita de Moon na juventude e depois dedicou sua vida a ajudar as pessoas a se libertarem de cultos. Para Hassan, conseguir deixar o grupo religioso "foi como acordar de um pesadelo". Hassan chegou a ser um líder jovem da igreja de Moon, em meados da década de 1970. Ajudava a recrutar novos seguidores e identificava e classificava as pessoas em "pensadores, sentimentais, executores ou crentes".

Se alguém fosse um sentimental, falaríamos sobre amor e como é bom ter irmãos e irmãs que cuidam uns dos outros. Os executores são pessoas que querem consertar as coisas e causar impacto. Então, você apelaria para isso. Para os crentes, seria algo espiritual, 'vamos orar sobre isso juntos e pedir a direção de Deus para abrir seu coração! **As estratégias mudariam de pessoa para pessoa** (Hassan *apud* Schulson, 2021, online, grifo nosso).

Após conseguir passar por uma intervenção, com ajuda de familiares, Hassan conseguiu deixar o grupo religioso. Segundo ele,

32

Saiba mais sobre a seita do Reverendo Moon: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62150262>

foi uma mistura de sentimentos: alívio e vergonha, por ter acreditado naquilo tudo. Dedicou então a sua vida a ajudar pessoas a “resgatar” familiares de seitas. Hassan é um terapeuta licenciado e especialista em cultos. A comparação que ele detecta entre Trump e o reverendo Moon enfatiza a similaridade de padrões comportamentais carismáticos e sugere a possível influência sobre os seguidores.

Schulson (2021) aponta que “muitas famílias ficaram divididas em relação às teorias de conspiração política online, mas a ciência sobre a ‘lavagem cerebral’ é fraca.” Pesquisadores como sociólogos, psicólogos, psiquiatras e especialistas em religião não adotam mais a lavagem cerebral em discurso anti-culto, apesar de ter sido uma característica presente das teorias dos anos 70. Porém, atualmente, alguns psiquiatras ainda endossam a ideia de que lavagem cerebral e controle da mente são perigos reais, e que até se aplicam a teorias conspiratórias online.

Um estudo sobre desinformação, de Stephan Lewandowsky *et al.* (2012), da *University of Western Australia* (UWA), já se preocupava com consequências da desinformação, principalmente pelo impacto das *fake news* que associavam o autismo como uma consequência adversa da vacinação contra o sarampo. Este estudo aponta que é de óbvio interesse público como as pessoas formam suas opiniões e crenças, pois se grandes correntes de crenças que sejam opostas aos fatos persistirem, podem acabar sendo a base de decisões políticas e sociais que podem ser contra o interesse da sociedade.

Na sequência das alegações infundadas de uma ligação vacinação-autismo, muitos pais decidiram não imunizar os seus filhos, o que teve consequências terríveis tanto para os indivíduos como para as sociedades, incluindo um aumento acentuado de doenças evitáveis por vacinação e, portanto, de hospitalizações evitáveis, mortes e o gasto desnecessário de grandes quantias de dinheiro para pesquisas de acompanhamento e campanhas de informação pública destinadas a corrigir a situação (Lewandowsky *et al.*, 2012, online).

O estudo de início já traça que desinformação é diferente de ignorância. Salienta que ignorância, como a ausência de conhecimento relevante, pode não ser tão devastador, pois surpreendentemente os efeitos são menos graves, se comparados à confiança que certas pessoas depositam na desinformação. "Por exemplo, aqueles que rejeitam mais vigorosamente as evidências científicas das alterações climáticas são também aqueles que acreditam estar mais bem informados sobre o assunto" (Lewandowsky *et al.*, 2012, online). Salienta ainda que a forma influencia na interpretação, citando inclusive que a escolha do tipo de fonte gráfica usada e até mesmo o contraste das cores pode influenciar a pessoa a interpretar algo como verdadeiro. Lembramos então que são atuais as bases que McLuhan anunciou sobre meio e mensagem (*Understanding Media*, 1964). O preocupante é que Lewandowsky *et al.* (2012) demonstra ainda mais que uma informação interpretada e tida como verdade inicialmente, pode influenciar a percepção mesmo que depois seja provado como falso.

O ato de aderir a teorias aparentemente absurdas é passível de interpretação como uma busca por reforço naquilo que se pensa, uma forma de identificação e autoafirmação. Um processo no qual o usuário, ao se identificar com essas ideias, experimenta uma gratificação cognitiva, com uma super valoração de sua autoimagem intelectual e também, principalmente, em relação aos seus pares e aos demais, mesmo que seja uma percepção apenas virtual, baseada em fakes.

Ao analisarmos com base nos argumentos de Sérgio Silva (2021), sobre estratégias e modelos das *fake news*, e nas premissas de Sigmund Freud (2011)³³, das três instâncias que compõem

33

Freud (1923-1925) - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. Contém os textos publicados por Freud entre 1923 e 1925, dos quais se destaca O Eu e o Id, um de seus principais trabalhos teóricos, no qual faz a mais detalhada exposição da estrutura e do funcionamento da psique, lançando a hipótese de que ela se dividiria em três partes: Id, Eu (ou "ego") e Super-eu (ou "superego").

o aparelho psíquico, o Id, o Ego e o Superego, podemos realizar a inferência na construção de hipóteses, onde estes conceitos desempenham papéis complementares em nossa interpretação e consequente atuação no mundo. O fenômeno de aderir, acreditar e difundir informações falsas pode ser compreendido como um processo que, ao mesmo tempo, à luz de uma análise detalhada pode ser considerado complexo, mas que é algo fácil de ser replicado.

Em uma mensagem fake inicialmente se apela para os sentimentos, com uma manchete ou frase de destaque que nos leva a reagir de forma imediata e intuitiva, que pode ser de insegurança, medo, asco, repulsa, revolta ou uma forte indignação. Isso aciona um mecanismo de emoção e sentimentos, uma reação intuitiva que funciona anterior ao processo da razão. Desta forma, o impulso de compartilhamento se faz presente antes mesmo da leitura dos argumentos e de uma possível checagem dos fatos. Algo próximo a influência do ID, que busca a satisfação imediata de desejos e impulsos, muitas vezes vinculados a motivações inconscientes.

Aliado a isso, temos que a busca pelo conhecimento e a sensação de fazer parte de algo importante podem proporcionar significado de vida, de autoafirmação e recompensas cognitivas valiosas. O sentimento de pertencimento a um grupo de pessoas que compartilham interesses ou conhecimentos semelhantes pode influenciar positivamente a autoimagem intelectual de um indivíduo. O Ego, nesse contexto, pode se manifestar quando alguém se percebe como capaz de interpretar os sinais, de ser detentor de informações exclusivas, avançadas ou superiores em comparação com os outros. Esse sentimento de superioridade intelectual pode ser gratificante, reforçando a autoimagem intelectual, numa possível manifestação do Ego. Assim, as *fake news* podem levar indivíduos a se associarem a teorias aparentemente absurdas como meio de alcançar gratificação cognitiva.

O superego, por sua vez, atua como o conjunto das forças morais inibidoras que se desenvolvem sob a influência da educação durante o processo de socialização³⁴ e atua como regulador de ações condizentes com as normas éticas da sociedade, através da capacidade de autocontrole e discernimento moral. No caso dos indivíduos que compartilham *fake news*, levanta-se a hipótese de um superego reprimido. O impulso decorrente da associação de gratificação, o sentimento antes e acima da razão toma o lugar que deveria ser da análise crítica e da busca pela verdade.

Porém não se pode atribuir apenas a questões do inconsciente a percepção de um fato como verdade ou mentira. O consumo de *fake news* é algo que envolve diversas variáveis e vertentes de estudos. Por isso, precisa também ser analisado de forma transversal e multidisciplinar. As consequências da “sociedade da informação, ou, melhor falando, sociedade da desinformação” (Silva, 2021a, p. 148) apontam para uma possível neurose coletiva, fruto da “narcose das redes sociais” e do “binômio *fake news*/pós-verdade”, onde o querer crer e as emoções valem mais que a verdade dos fatos. Sérgio Luís Pereira da Silva (2021) nos recorda da charge do argentino, Daniel Paz, sobre *fake news*: “O pensamento do homem comum da charge, para mantermos a expressão usada por Freud, exposto as redes sociais, assimila como verdade muito do conteúdo ao qual ele já tem acesso, e não desenvolve interesse crítico sobre a mensagem” (Silva, 2021, p. 151).

34

Definição de Superego, segundo o dicionário Houaiss: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5

Figura 01 – Charge sobre *fake news*



Tradução:

– Não papai... é uma notícia falsa.

– Mas e como é falsa, se diz justamente o que eu penso?

Fonte: Paz (2020).

Copyright © Todos os direitos reservados ao autor Daniel Paz.

O uso desta ilustração foi autorizado pelo autor.

Este exemplo satírico, em forma de charge, pode ser interpretado como um modelo análogo do querer crer, quando a premissa é semelhante ao que já se pensa. Parafraseando Luigi Pirandello³⁵: Assim é (se lhe parece)³⁶.

35 Escritor italiano Luigi Pirandello, Prêmio Nobel de Literatura de 1934, considerado um dos escritores mais relevantes do século XX. <https://vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/2022>

36 Título de uma das principais peças de Pirandello, assim é (se lhe parece) coloca em xeque os conceitos de "verdade" e "objetividade". Representada pela primeira vez em 1917, enquanto a Itália passava pela insegurança da Primeira Guerra Mundial, trata de aspectos da sociedade que encontram ecos nos dias atuais, como a obsessão dos personagens pela vida alheia – hoje evidenciada pela fixação cada vez maior pelas redes sociais. Neste melodrama burguês, Pirandello explora questões filosóficas fundamentais. (<https://www.martinsfontespaulista.com.br/assim-e--se-lhe-parece--980811/p>).

Temos de levar em conta sim que a visão de rotular o fenômeno do extremismo político como resultado de uma lavagem cerebral ou de uma indução mental é minimizar e relativizar as responsabilidades individuais. Poderia um indivíduo, inclusive, desta forma, ser inimputável por um crime de ódio cometido, em virtude de suas crenças extremistas, adquiridas em comunidades online, com bolhas de percepção da realidade distorcidas. Hugo Mercier³⁷, diretor de pesquisa do CNRS (*Institut Jean Nicod*, Paris) acredita que em vez de enganar pessoas e levá-las a pensamentos perigosos, a propaganda e as informações falsas dão permissão para que expressem opiniões que os seguidores já achavam atraentes antes. Mercier e Dan Sperber, no livro *The Enigma of Reason* (2019), abordam um estudo sobre a razão humana que: “dá sentido aos pontos fortes e fracos que há muito intrigam filósofos e psicólogos – por que razão a razão é tendenciosa a favor daquilo em que já acreditamos, por que pode levar a ideias terríveis e, no entanto, é indispensável para difundir ideias boas” (Mercier e Sperber, 2019).

A persuasão das fake news se faz mais eficaz quando há um desejo de crença na notícia ou na mensagem falsa repassada. Aí reside **autoconsciência** desse processo. Além disso esse processo autoconsciente se faz num contexto que forja uma colonização e desejo de um real que existe e que é elaborado ideologicamente como **fantasia compartilhada**. Querer acreditar em mitos e lendas, mesmo sabendo que esses fatos não correspondem à realidade vivida na história, é um desejo do campo da fantasia abstrata, que correspondem a referência do imaginário cultural de muitos indivíduos, que agem corroborando de forma **autoconsciente** a esse respeito (Silva, 2021, p. 150, grifo nosso).

Constata-se que movimentos como o QAnon, o bolsonarismo e outros ultraconservadores adotaram as *fake news* como ferramenta estratégica para alcançar seus objetivos políticos e de

dominação social. Em contraste com a concepção tradicional de lavagem cerebral, observa-se que tais movimentos não operam por meio de uma coerção mental direta, mas, ao contrário, proporcionam uma forma que libera e legitima a expressão de pensamentos abjetos. Este fenômeno concede voz e reconhecimento a um grupo de pessoas que abraçam as diretrizes ideológicas nacionalistas e conservadoras, tais como a homofobia, xenofobia, racismo, negacionismo e outras temáticas sensíveis, que são exploradas emocionalmente e com habilidade técnica pelas *fake news*. Essa dinâmica reforça a intenção da disseminação de ideias prejudiciais à sociedade, alimentando a polarização e a consequente cristalização das bolhas de percepção da realidade.

A complexidade informacional se torna evidente se analisarmos um caso extremo de violência motivada por crenças conspiratórias, como o desejo de assassinar uma figura pública sob a crença de que ela seja parte de um grupo de pedófilos que busca implantar uma agenda comunista, por exemplo. Já assistimos algo similar ocorrer no caso que ficou conhecido mundialmente, em 2016, como Pizzagate³⁸ (Robb, 2017, online). Amanda Robb descreve em sua reportagem, na revista Rolling Stone, este fato como uma febre alucinatória.

No contexto das teorias de controle mental e lavagem cerebral, da questão da responsabilidade legal e da imputabilidade do agente, torna-se crucial colocar este tema sob a luz jurídica. Se adotarmos a perspectiva de que o agente da ação foi controlado e comandado, poderia até ser considerado juridicamente inimputável. Caberia então à procuradoria enfrentar o desafio de encontrar o líder responsável e ainda de provar o suposto "controle mental", a que o agente foi subjugado. Por outro lado, considerando a liberdade de pensamento e escolhas individuais, o agente da ação poderia ser condenado por assassinato, com o agravante de crime de ódio, sem

38

Robb, Amanda. Anatomy of a Fake News Scandal. Rolling Stone, online, 2017. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/feature/anatomy-of-a-fake-news-scandal-125877/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

inocentar aquele (ou aqueles) que o incentivaram ou até mesmo induziram. Porém, esta é só mais uma das facetas deste complexo problema transdisciplinar e, demonstramos assim, que esta vertente deve ser melhor e adequadamente debatida pelos especialistas do Direito. Mas o que já sabemos é que se tem diversos exemplos na história, icônicos, de até onde se pode chegar incentivando o fanatismo político.

Cabe notar, primeiramente, que o fenômeno do fanatismo político não deve ser entendido como pertencente ao campo da psicopatologia. O fanatismo político não é o mesmo que o cultivo perverso ou doentio da maldade pela maldade ou por puro prazer, embora, em termos políticos, toda forma de perversão se faça acompanhar de fanatismo. Mas nem todo fanático é um perverso ou um sociopata. Aqueles que se deixam fanatizar por ideologias políticas autoritárias são bastante normais em seu cotidiano, são até assustadoramente normais, no sentido de seu desejo de conformação às normas que procuram impor aos demais: podem ser excelentes pais de família, podem ser sociáveis, amistosos, podem ser até mesmo intelectualmente bem formados. Lembremo-nos da Alemanha nazista (Duarte, 2020, p. 157).

O jornal *Independent*, do Reino Unido, fez uma longa matéria (Flynn, 2022, online) com a psiquiatra Dra. Bandy Lee³⁹, que destaca a semelhança entre parte dos seguidores de Trump e membros de uma seita. Sugere ainda que o ex-presidente possa ter cultivado uma psicose em massa entre seus seguidores, que segundo a interpretação profissional dela, identifica também os seguidores de Trump como possíveis vítimas de abuso.

A Dra. Lee tem experiência profissional em psiquiatria forense e um histórico de trabalho com prisioneiros que estão em presídios de segurança máxima nos Estados Unidos. Ela adverte sobre possíveis efeitos da comunicação de massa, sejam eles por veículos

formais de imprensa ou mesmo nas redes sociais, na intensificação da busca por reforço de crenças preexistentes.

Mesmo antes das eleições norte-americanas a Dra. Lee classificou Trump como "perigoso" e trouxe à tona a discussão sobre a saúde mental do ex-presidente. Espantoso foi que muitas das suas predições sobre Trump se concretizaram, como a possível propagação da discórdia e consequente polarização. "O fenômeno é exatamente como pensei que aconteceria... nem mesmo uma grande divergência em relação ao que previ e temia, diz ela. **O que foi inesperado e surpreendente foi que não haveria intervenção**" (Flynn, 2022, online, grifo nosso). Ela e outros 27 profissionais, psiquiatras e especialistas em saúde mental, de todo o mundo, formaram assim a "Coligação Mundial de Saúde Mental" e publicaram um livro, em 2017: O perigoso caso de Donald Trump: 27 psiquiatras e especialistas em saúde mental avaliam um presidente⁴⁰. Este livro nos traz análises especializadas que identificavam traços preocupantes, como sociopatia, narcisismo e delírios paranoides. "O discurso e o comportamento de Donald Trump mostram que ele tem graves traços sociopatas", escreveu o Dr. Lance Dodes (Flynn, 2022, online). A Associação Psiquiátrica Americana fez duras críticas sobre a ética em diagnosticar figuras públicas sem estarem em uma avaliação direta. Porém a Dra. Lee e os demais pesquisadores e escritores do livro se defenderam afirmando que tinham um dever maior, de alertar a sociedade sobre o perigo e que usaram de metodologia aprovada.

"Quero dizer, havia uma grande quantidade de informações disponíveis há décadas, e ele estava divulgando seu fluxo não filtrado de pensamentos de consciência constantemente, de hora em hora, todos os dias. Nunca recebemos esse tipo de informação de um paciente. Foi mais fácil diagnosticá-lo do que a um paciente", disse a Dra. Lee ao The Independent (Flynn, 2022, online).

“Isso foi baseado no relatório Mueller. Então, colegas de trabalho próximos e associados dando relatórios sobre seu comportamento no trabalho sob depoimento juramentado, quero dizer, isso é... melhor do que normalmente temos para avaliações de aptidão. Foi uma avaliação de aptidão muito, muito rigorosa, e ele não conseguiu atender aos critérios mais básicos que são básicos para qualquer trabalho” (Flynn, 2022, online).

A Dra. Lee publicou ainda mais um livro, em 2020, sobre o mesmo tema da primeira abordagem: “A saúde mental de Trump”⁴¹. A proposta radical da Dra. Lee, da necessidade de acusar e isolar, colocar Trump numa prisão, para deter a polarização e a violência, enfrenta debates éticos sérios e levou à sua demissão da Universidade de Yale. A Dra. Lee enfatiza a urgência necessária de uma intervenção o mais cedo possível, apesar dos riscos iminentes de violência durante este processo. Alerta ainda que a demora nesta decisão drástica pode resultar em reações ainda mais violentas. Ou seja, quanto mais demorar a conter esses personagens que incentivam o fanatismo, pior serão as reações, afinal quanto mais o tempo passa, mais adeptos se conquistam e também mais cristalizadas podem ficar as ideologias. Essa discussão transcende questões éticas e se estende à responsabilidade de profissionais de saúde mental diante de figuras públicas, principalmente líderes carismáticos que incentivam o comportamento de fanatismos em seus seguidores, potencialmente prejudiciais à sociedade.

41

Trump's Mental Health, versão Kindle, em inglês disponível em: https://www.amazon.com.br/Trumps-Mental-Health-English-Bandy-ebook/dp/B08L7CRWS1?ref_=ast_author_mpb

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark blue. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right, there are faint, small numbers (1-9) scattered across the teal background. The overall texture is grainy and layered, suggesting a collage or digital art style.

4

**FAZENDAS DIGITAIS
NA CIBERESFERA**

No contexto contemporâneo de interação digital podemos estabelecer um paralelo relevante entre as fazendas isoladas, que propiciam o desenvolvimento de bolhas de percepção distorcida da realidade, com suas possíveis consequências nefastas, e o ambiente digital interativo mediado pelos algoritmos, ditados pela tutela das redes sociais. Este ambiente digital precisa urgentemente se libertar da perspectiva de dominação social que ainda prevalece, caracterizado pela supressão de opiniões divergentes e até mesmo da exibição de resultados discrepantes nos motores de busca por meio de filtragens algorítmicas. Afinal, a busca de um determinado termo, apesar de ter sido feita por usuários diferentes, deve mostrar resultados de relevância similares, independentemente do local ou do histórico de usabilidade dos usuários.

Nas implicações e consequências do conceito de Infocracia (Han, 2021), percebemos que as plataformas, que seriam para incentivar as relações interpessoais e aproximar pessoas, também acabaram virando um modelo de negócio, baseado na publicidade e na necessidade de (ou indução para) consumo. Os métodos de publicidade dirigida acabaram influenciando e se infiltraram tanto que passaram a ser determinantes nas relações mediadas das redes sociais.

O isolamento, que antes era necessariamente físico, em fazendas que eram utilizadas pelas seitas, não é mais necessário, pois isso agora pode ocorrer também de forma digital, mesmo no mundo real, pela ação dos algoritmos. “Os *followers* participam, assim, de uma eucaristia digital. Mídias sociais se assemelham a uma igreja: Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção” (Han, 2021, p. 28). Viver em uma realidade virtual não apenas é possível, como nem mesmo necessita de equipamentos periféricos. Basta enxergar o mundo predominantemente pela ótica das redes sociais.

Portanto, as ações de seitas religiosas ou políticas para determinar o controle do acesso à informação, previamente apresentadas como exemplos de contextos, podem igualmente manifestar-se em

ambientes plenamente democráticos. Isso ocorre, segundo Byung-Chul Han (2021), porque o sistema democrático é caracterizado por ser um processo inerentemente lento, prolixo e tedioso. Em contrapartida, a disseminação viral de informações, também conhecida como "infodemia", exerce um impacto substancialmente negativo sobre o funcionamento do processo democrático.

No contexto da proliferação da desinformação, a associação inicial recai frequentemente sobre a disseminação do modelo clássico de *fake news*, caracterizada pela divulgação de informações deliberadamente falsas. Contudo, é crucial reconhecer que a desinformação é uma prática com variedade de possibilidades, que vai além da simples disseminação de mentiras flagrantes. Para além destas narrativas totalmente falsas, a desinformação pode ser realizada por meio da apresentação seletiva de informações, onde apenas uma parte da verdade é revelada. Conforme o contexto no qual este trecho da verdade estiver, a sintaxe poderá lhe dar o contorno induzido de interpretação, o que pode criar também uma perspectiva distorcida da realidade. A desinformação pode ocorrer ainda ao se manipular a verdade, suprimindo dados ou alterando detalhes para distorcer a percepção dos fatos ou induzir a uma correlação externa, como foi o caso emblemático das *fake news* que associaram a vacina contra o sarampo como causadora de autismo. Este caso tomou proporções mundiais e foi amplamente combatido por instituições de pesquisa, entre elas o Instituto Butantan⁴², em São Paulo, que é o "maior produtor de vacinas e soros da América Latina e o principal produtor de imunobiológicos do Brasil. Referência mundial de eficiência e qualidade, é responsável pela maioria dos soros hiperimunes utilizados no Brasil contra venenos de animais peçonhentos, toxinas bacterianas e o vírus da raiva. Também responde por grande volume da produção nacional de antígenos vacinais, produzindo 100% das vacinas contra o vírus influenza" (Butantan, 2023, online).

42

<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que acomete uma a cada 100 crianças no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Devido à sua complexidade, com múltiplos graus e manifestações, o transtorno acaba sendo alvo de muita desinformação, sendo o mito mais conhecido o de que vacinas causam autismo. **Esta informação é falsa e nasceu de um artigo científico publicado em 1998, já amplamente desmentido pela comunidade científica** (Butantan, 2023, online).

Dessa maneira, é essencial compreender que a desinformação abrange não apenas a disseminação de mentiras evidentes, mas também a manipulação mesmo que sutil da verdade, seja por omissão seletiva ou pela alteração de elementos cruciais, o que impacta a compreensão pública e a formação de opiniões. Mais um exemplo desse formato encontramos na construção ao longo do tempo da imagem de Jair Bolsonaro, como uma figura política íntegra e honesta, contrastando com os escândalos que envolvem diversas personalidades políticas em todas as esferas do cenário público brasileiro ao longo dos anos.

Inicialmente, a deflagração da Operação Lava-Jato⁴³ desencadeou uma reação de indignação na população, e Jair Bolsonaro soube capitalizar esse sentimento, angariando os votos daqueles que se sentiam traídos, desencantados ou não representados pela classe

43

Segundo o Ministério Público: O nome do caso, "Lava Jato", decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. Embora os trabalhos tenham avançado para outros rumos, o nome inicial se consagrou.

No primeiro momento, foram investigadas e processadas quatro organizações criminosas lideradas por doleiros, que são operadores do mercado paralelo de câmbio. Depois, o Ministério Público Federal recolheu provas de um imenso esquema criminoso de corrupção envolvendo a Petrobras. Nesse esquema, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos. O valor da propina variava de 1% a 5% do montante total de contratos bilionários superfaturados. Esse suborno era distribuído por meio de operadores financeiros do esquema, incluindo doleiros investigados na primeira etapa. (<https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso/entenda-o-caso>)

política vigente. Segundo o site [correioforense](https://www.correioforense.com.br)⁴⁴, especializado em assuntos jurídicos, corroborado por outros sites de notícias (UOL⁴⁵, Agência Pública⁴⁶, JusBrasil⁴⁷), vários partidos e nomes influentes da política brasileira estiveram envolvidos com a corrupção.

[...] os parlamentares do PP representam mais da metade do número total de investigados. Ao todo, são 49 pessoas alvos de inquéritos, sendo 34 congressistas – 12 senadores e 22 deputados. A bancada do PP na Câmara tem 40 deputados e terá 18 investigados. Na Câmara, PMDB e PT têm dois investigados cada um.

Dos cinco senadores do PP, três estão na mira do Supremo. A apuração envolve o presidente do PP, senador **Ciro Nogueira** (PI) [ex-ministro da Casa Civil do governo Jair Bolsonaro e presidente nacional do PP]; o vice-presidente da Câmara, Waldir Maranhão (MA); o presidente da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara, **Arthur Lira** (AL); e o líder na Casa, Eduardo da Fonte (PE). Para o PP, há relato de pagamentos de até R\$ 5 milhões em propina.

Entre os senadores, o PMDB, maior bancada da Casa, tem quatro investigados. Há nomes importantes como o dos senadores Romero Jucá (RR), Valdir Raupp (RO) e o ex-ministro de Minas e Energia e senador Edison Lobão (MA). O PT tem outros três, o PSDB e o PTB têm um senador cada. Todos esses investigados foram citados nas delações de Paulo Roberto ou do doleiro Alberto Youssef, como beneficiários do esquema que atuava na Petrobras.

44 <https://www.correioforense.com.br/improbidade-corrupcao/com-18-nomes-pp-tem-o-maior-numero-de-investigados-na-lava-jato/>

45 <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/03/25/com-32-nomes-investigados-na-lava-jato-pp-adia-convencao-nacional.htm>

46 <https://apublica.org/truco2018/2018/09/lava-jato-atingiu-membros-de-33-partidos-duas-siglas-nao-foram-implicadas/>

47 <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/com-18-nomes-pp-tem-o-maior-numero-de-investigados-na-lava-jato/215662669>

A diretoria de Abastecimento, comandada por Costa, servia inicialmente para abastecer repasses ao PP, que eram operados por Youssef, e depois passou a atender também o PMDB. Por isso a prevalência de citações a parlamentares do PP (CORREIOFORENSE, 2015, online).

A retórica adotada por Bolsonaro posicionou-se como antítese à chamada "velha política", dizendo ser uma postura livre de práticas corruptas. Paradoxalmente, mesmo antes das eleições, vários eventos e alegações vinculavam Bolsonaro e seus filhos a casos de malversação de recursos públicos, contrastando com a imagem de arauto da honestidade que ele procurava difundir entre seus seguidores. A retórica anticorrupção de Bolsonaro também não se sustentou ao longo de sua gestão como presidente.

Após as eleições, em sua gestão na Presidência da República, Bolsonaro sempre declarou, repetidas vezes, que não havia corrupção em seu governo⁴⁸, inclusive quando se dirigiu à Assembleia Geral da ONU, em 2021⁴⁹. Mas seu mandato, assim como os de seus antecessores desde a redemocratização, também registra suspeitas e denúncias de crime de corrupção, envolvendo nomes importantes, tanto na gestão federal, como junto a seus aliados políticos. Delimitando-se apenas ao recorte temporal no período de governo da gestão Bolsonaro, a imprensa já listou diversos fatos, segundo o jornal Estado de São Paulo⁵⁰:

Em outubro de 2019, o então ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, foi indiciado pela Polícia Federal no inquérito da Operação Sufrágio Ostentação, que investigava desvio de recursos através de candidaturas femininas laranja nas eleições de 2018. Álvaro Antônio, à época presidente do PSL em Minas Gerais, enfrentou acusações de falsidade ideológica, associação criminosa e apropriação indébita.

48 <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-assembleia-geral-onu-2021/>

49 <https://news.un.org/pt/tags/jair-bolsonaro>

50 <https://www.estadao.com.br/politica/governo-bolsonaro-acumula-escandalos-de-corrupcao-confira-os-principais/>

O ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, em abril de 2021, foi acusado de obstruir a fiscalização ambiental em favor de interesses privados de madeireiros envolvidos em extração ilegal de madeira. Alegações indicaram que Salles fazia parte de uma organização criminosa que visava vantagens ilícitas. Em maio do mesmo ano, uma série de reportagens revelou o chamado "orçamento secreto" criado por Bolsonaro para manter apoio no Congresso, liberando emendas em troca de suporte político. Estas emendas, que somaram R\$ 3 bilhões, levantaram preocupações sobre a transparência e foram alvo de investigações pela CGU e TCU.

A gestão do Ministério da Saúde também enfrentou denúncias de corrupção. O superintendente estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro, George da Silva Divério, foi demitido devido a suspeitas de corrupção relacionadas a contratos de R\$ 29 milhões com empresas para reformas em prédios da pasta, sem licitação. Outro episódio envolveu a compra da vacina indiana Covaxin, com ordens diretas do presidente Bolsonaro, por um preço superfaturado em 1.000%, do que era anunciado pela fabricante. A negociação foi interrompida após investigação da CGU. Em junho de 2021, o ex-diretor do Departamento de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Ferreira Dias, foi acusado de solicitar propina para autorizar a compra de vacinas, condicionando então a aquisição dos imunizantes ao recebimento ilícito de US\$ 1 em cada uma das doses que fossem compradas.

No Ministério da Educação (MEC), tivemos também denúncia de corrupção com o caso do financiamento de "escolas fake". Este episódio envolveu o ministro da Casa Civil do presidente Bolsonaro, Ciro Nogueira, além do presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)⁵¹, Marcelo Lopes da Ponte, indicado pelo mesmo Ciro Nogueira. O projeto autorizava a construção de mais de 2 mil escolas, sendo que o MEC ainda tinha, há

51

FNDE é uma autarquia, vinculada ao Ministério da Educação.

muitos anos, mais de 3 mil escolas inacabadas. Outro caso de corrupção no MEC também envolveu pastores, Gilmar dos Santos e Arilton Moura, que intermediavam a agenda do então ministro da Educação, Milton Ribeiro e influenciavam a liberação rápida de recursos, visando favorecer municípios ligados à igreja Assembleia de Deus, em um esquema de corrupção que passava pela contrapartida de compra de bíblias e até mesmo a exigência de entrega de pagamentos em ouro. O governo Bolsonaro também foi criticado por licitações infladas, como a compra de ônibus escolares pelo FNDE, que aceitava pagar até R\$ 480 mil por veículo, um valor muito acima do que era recomendado pela área técnica. Além disso, investimentos federais na coleta de lixo foram alvo de escrutínio, revelando despesas milionárias crescentes e transações difíceis de justificar. Esses eventos demonstram uma série de casos de corrupção que marcaram o governo Bolsonaro, que de alguma forma tramitaram pela Procuradoria Geral da República⁵², mas na sua maioria não resultaram em condenações.

A ausência de compartilhamento das informações relatadas acima nas bolhas algorítmicas das redes sociais dos seguidores bolsonaristas, bem como o compartilhamento distorcido dessas informações, desempenhou um papel crucial na configuração de uma percepção distorcida da realidade, na qual a existência de corrupção é negada. Acrescenta-se a isso a narrativa maniqueísta também disseminada em redes bolsonaristas, que desacredita sistematicamente qualquer informação proveniente dos veículos de imprensa

52

Segundo o site da PGR, O (a) procurador(a)-geral da República é o (a) chefe do Ministério Público Federal e exerce as funções do Ministério Público junto ao Supremo Tribunal Federal (STF), no Superior Tribunal de Justiça (STJ), sendo também o (a) procurador (a)-geral Eleitoral. O PGR deve sempre ser ouvido em todos os processos.

No STF, o (a) PGR é legitimado a propor ações diretas de inconstitucionalidade, representação para intervenção federal nos estados e no DF, além de propor ações penais públicas e cíveis. No STJ, o (a) PGR pode propor representação pela federalização de casos de crimes contra os direitos humanos e ação penal.

O (a) PGR é quem designa os (as) subprocuradores (as)-gerais da República para exercer, por delegação, funções junto aos diferentes órgãos jurisdicionais do STF e do STJ.

tradicionais, alegando comprometimento e falta de credibilidade. Este cenário é alimentado pela ideia de que informações externas à bolha bolsonarista são potencialmente deturpadas com propósitos políticos, visando prejudicar a imagem do líder Bolsonaro, frequentemente referido como “mito” nessas redes. Esta estratégia assemelha-se ao *modus operandi* de seitas extremistas, reforçando a seletividade informativa e a desconfiança em relação a fontes externas à comunidade bolsonarista. Este fenômeno evidencia a significativa influência da seletividade algorítmica da informação, circunscrita ao âmbito da bolha algorítmica, tendo um impacto substancial na construção de narrativas políticas e na formação de percepção da realidade.

Giuliano da Empoli (2019) buscou analisar o que tinha de comum nas táticas de manipulação e desinformação (*fake news*) nas eleições de Donald Trump, nos Estados Unidos; Viktor Orbán (Primeiro Ministro da Hungria); de Bolsonaro, no Brasil e outros casos da extrema direita no mundo. Basicamente, ele aponta que mesmo quando se envia uma mensagem completamente absurda, alguém vai acreditar que isso seja verdade. Se ao menos 1% acreditar, se esta mensagem chegar a mais de 100 mil pessoas, já teremos uma amostra de 1 mil pessoas que acreditaram e irão disseminar essa informação para outras pessoas, gerando um efeito cascata, impulsionado ainda mais pelos efeitos dos algoritmos das redes sociais, que vai entregar com mais frequência este tipo de conteúdo, para quem já tem histórico de interesse por este tipo de conteúdo (por mais absurdo que seja). Assim, a divulgação em massa se torna uma poderosa ferramenta.

Somado ao mecanismo anterior, as reações mais violentas e extremistas são também as que são mais divulgadas nas redes sociais. Assim, se a *fake news* conter algum fato bizarro ou curioso e ainda elementos extremistas, têm maior chance de ser replicada. A manipulação emocional permanente é um mecanismo importante, pois mantém o público dessas redes sempre em estado de alerta. Semear a angústia e o medo também são ferramentas que ajudam a melhorar a disseminação de conteúdo falso. Para isso, muitos

sites ligados a movimentos políticos extremistas, que utilizam os mecanismos e algoritmos das redes sociais em seu favor, produzem notícias em série. Abordar temas de complexidade técnica facilitam esta estratégia, pois existem uma série de dados e informações que normalmente são passíveis de diferentes interpretações, por exemplo: influências de cotação das commodities em mercados mundiais e pesquisas científicas nas áreas da saúde, como muito se viu ocorrer no período da pandemia de Covid-19, misturando opiniões com fatos científicos. Uma terra fértil para a desinformação e até mesmo para o negacionismo. No Brasil foi constatada uma estrutura similar que disseminava desinformação pelas redes de apoiadores de Jair Bolsonaro e que chegou a ser denominada de “gabinete do ódio”.

Outro aspecto em Giuliano (2019) é o impacto da proliferação de (des)informação por meio de contas automatizadas, conhecidas como robôs (*BOTs*), perfis falsos. Estas contas, dispersas globalmente, disseminam automaticamente uma grande quantidade de postagens com conteúdo *fake*. Assim, é possível observar um tema associado à *fake news* ser artificialmente elevado a destaque entre os *Trending Topics*. Isso com base em métricas reais, porém contaminadas por contas *fake*, o que pode induzir a uma percepção de veracidade, levando à disseminação de mais informações falsas e à percepção de que tais informações sejam verdadeiras. Consequentemente, a desinformação é promovida por meio da interação de usuários reais e robôs, amplificando a propagação das *fake news*.

Atualmente o discurso racional é ameaçado pela comunicação afetiva. É fácil detectar que a cada dia que passa a velocidade da circulação de informações é multiplicada em ritmo exponencial, seja por redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter ou X, Tik Tok, ou mesmo pelos aplicativos de mensagens privadas, como Whatsapp e Telegram. A informação com apelo afetivo demonstra uma velocidade de propagação superior à da racionalidade. Na esfera da comunicação afetiva, a preeminência não recai sobre a força dos argumentos mais bem fundamentados, mas sim sobre as

informações que têm o potencial de suscitar respostas emocionais. Consequentemente, as chamadas "fake news", ou notícias falsas, atraem uma atenção consideravelmente maior do que *posts* de fatos verificáveis. Um único *post* contendo desinformação deliberada ou fragmentos de informação desprovidos de contexto pode, em muitos casos, exercer um impacto mais significativo do que um argumento sólido e embasado, diz Byung-Chul Han.

Trump, o primeiro presidente tuiteiro, desmembra sua política em tuítes. Não são visões, mas informações virais que as determinam e definem. A infocracia promove a ação dirigida ao sucesso, a ação instrumental. O proeminente da infocracia. Com suas rudes teorias da conspiração e fake news, atinge um público de milhões de pessoas que acreditam nele. Apresenta-se como "guerreiro da informação" (infowarrior) contra o establishment político. Donald Trump o conta expressamente entre as pessoas a quem tem que agradecer em sua vitória nas eleições de 2016. Infowars com **fake news e teorias da conspiração indicam o estado da democracia atual, no qual verdade e veracidade não têm mais nenhum valor. A democracia afunda em uma selva de informações inescrutáveis** (Han, 2021, p. 87, grifo nosso).

Enfim, o que eram previamente aquelas fazendas isoladas agora se manifestam sob a forma de bolhas fomentadas pelos algoritmos das redes sociais. Antes um líder procurava exercer controle sobre seus seguidores em um espaço físico limitado, hoje essa dinâmica pode ocorrer de maneira similar, porém em múltiplos ambientes, até mesmo dispersos globalmente, quebrando inclusive a barreira da dimensão tempo/espaço. Segundo Gouveia (2019, p. 12) "de facto, verifica-se que um dos corolários do recurso ao digital é uma mudança profunda nos hábitos e na forma como os indivíduos manipulam a informação, com efeitos práticos no tempo e espaço".

Um só líder pode estar em diversos locais ao mesmo tempo. Nestas fazendas das bolhas algorítmicas indivíduos continuam a moldar suas percepções distorcidas de mundo por meio de filtros

ideológicos aplicados nas postagens de notícias e até mesmo na formação de novas interações interpessoais. Isso caracteriza um novo paradigma, agora digital, para a realização de ações análogas às antigas fazendas isolacionistas associadas a seitas extremistas, com a ressalva de que tais dinâmicas agora podem ser identificadas como fazendas digitais vinculadas a seitas políticas e, por que também não dizer, extremistas.

Este novo tempo nos força a uma reflexão, perturbadora, sobre grupos e seitas, religiosos ou políticos. A maioria dos governos ainda está despreparada em seus arcabouços legais para uma investida em escala de disseminação mundial e com a rapidez da internet.

8. A maioria dos governos não dispõe atualmente de vias legais diretas que sejam aplicáveis ao tipo de dominação psicológica utilizada por grupos de culto e, por isso, têm por vezes utilizado meios legais indiretos, tais como violações de imigração e impostos.

9. Os grupos de culto representam um fenómeno social crescente, adaptável e sofisticado. Alguns destes grupos continuarão a violar significativamente os direitos dos cidadãos até que o governo se empenhe na difícil tarefa de produzir nova legislação nesta área (Hatcher, 1989, p. 195).

An abstract collage artwork featuring a central figure with a red circle on its head and a black circle on its chest. The figure is surrounded by various geometric shapes, including circles and triangles, in colors like orange, yellow, red, and dark blue. The background is a textured collage of these colors, with some areas showing faint, repeating numbers. The overall style is modern and graphic.

5

**NAVEGANDO
POR ÁGUAS
EXTREMISTAS**

Já é perceptível a influência das redes sociais na formação de opinião pública em eventos extremos, até mesmo em conflitos armados contemporâneos, como registrado em artigo de Helmut A. R. Braun⁵³ (2018), no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa – ABED.

A tecnologia atualmente em uso permite instantaneidade na difusão de informação, seja através da ação dos meios de comunicação tradicionais ou uso de redes sociais, que muitas vezes têm uma fonte de origem desconhecida. Isto representa para os atores envolvidos uma dificuldade em termos de profundidade, exactidão e veracidade das informações prestadas, facilitando da mesma forma, a **construção e difusão de narrativas que são de conveniência** para qualquer das partes, livrando uma luta paralela **para conquistar os corações e mentes da população incluída dentro de seu público-alvo**, a fim de obter o seu apoio e simpatia (Braun, 2018, online, grifo nosso).

Essa atuação através das redes sociais, como bem demonstra Braun (2018), com objetivo de conquistar simpatizantes para lados integrantes de conflitos bélicos, já foi noticiado como realidade antes mesmo da guerra da Ucrânia. O caso que ele estuda foi o conflito na Síria e seus diversos protagonistas e o uso que fizeram das redes sociais. “[...] baseada em como os atores participantes deste conflito usaram a mídia, identificando a priori seis grandes grupos: **A República Árabe Síria** com o governo de Bashar al-Assad, o **Exército Síria Livre**, o **Partido da União Democrática**, o **Estado Islâmico**, o **Governo Russo** e as diferentes **Potências Ocidentais** envolvidas (Estados Unidos e a União Europeia, entre outras)” (Braun, 2018, online, grifo original do autor).

Um caso recente que ficou em evidência no Brasil durante este tipo de eventos extremos contemporâneos, com forte uso das redes

53

Aluno chileno no Mestrado em Ciências Militares com menção em Planejamento e Gestão Estratégica, Academia de Guerra (ACAGUE), do Programa Pós-Graduação em Ciências Militares Escola de Comando e Estado-Maior do Exército do Brasil (ECEME).

sociais, foi o conflito entre Israel e Hamas⁵⁴ (Movimento da Resistência Islâmica)⁵⁵, em 2023. A complexidade deste conflito atual no Oriente Médio vai além de questões territorialistas. Afinal o Hamas, considerado grupo terrorista pela União Europeia⁵⁶, que controla a Faixa de Gaza desde 2007, é um dos grupos militantes islâmicos da Palestina, e prega a destruição total do estado de Israel e a morte dos judeus⁵⁷. Já pelo lado do governo israelense, Benjamin Netanyahu tem o apoio do bloco de nacionalistas e aprovou a construção de 2.500 casas⁵⁸, em assentamentos dentro do território da Cisjordânia⁵⁹, mesmo após acordos de paz terem sido assinados⁶⁰. Em 1993, Yitzhak Rabin, o então primeiro-ministro de Israel, assinou o Acordo de Oslo com Yasser Arafat, o líder palestino da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Rabin e Arafat receberam o Nobel da Paz por este acordo e pela tentativa de acabarem com este conflito histórico⁶¹.

Após o assassinato de Yitzhak Rabin⁶², Benjamin Netanyahu ganhou projeção e foi eleito primeiro-ministro de Israel com o apoio da direita israelense, adotando um discurso contrário à assinatura do acordo de paz de Oslo, que devolveu uma grande parte do território israelense (Cisjordânia e Gaza) para o controle do povo palestino.

54 <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clw297e7w8qo>

55 <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv203d23vnpo>

56 <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/hamas-grupo-e-considerado-um-dos-mais-extremistas-do-oriente-medio.htm>

57 <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2023/10/antisemitismo-e-jihad-o-que-diz-a-carta-de-1988-de-principios-do-hamas.ghtml>

58 https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/internacional/1485271056_191757.html

59 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53244355>

60 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/entenda-os-acordos-de-oslo-tentativa-de-paz-entre-israel-e-palestina>

61 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2016-10/historia-hoje-saiba-mais-sobre-o-nobel-que-premiou-paz>

62 <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0d20yywepjo>

A maneira como os algoritmos das plataformas moldam a percepção individual para uma percepção reducionista, do bem contra o mal, sobre esse conflito, que remonta de séculos de história, contribuiu para a polarização e o fortalecimento de bolhas de opinião, em particular, os feeds personalizados nas redes sociais que podem impactar e perpetuar narrativas divergentes. Estes feeds personalizados são concebidos para atender às preferências individuais dos usuários das redes sociais, criando uma experiência customizada para cada um. Contudo, essa individualização pode novamente resultar em uma exposição de conteúdos limitados, especialmente em questões complexas e controversas como o próprio conflito no Oriente Médio. Os algoritmos, presentes em várias plataformas, direcionam os usuários para conteúdos que reforçam suas opiniões e preconceitos existentes, criando um ciclo vicioso de reforço que dificulta a consideração de diferentes perspectivas. Reforço este, com base em filtros, que não se restringe apenas àquelas opiniões que são diametralmente opostas.

Estes algoritmos têm o potencial de amplificar posicionamentos antissemitas e anti-islâmicos. A polarização resultante pode normalizar até retóricas extremistas⁶³, dividindo a opinião pública e até mesmo incentivando manifestações de ódio e intolerância. Em vez de servirem como veículos para um debate construtivo e esclarecedor, esses algoritmos contribuem para a formação das bolhas de percepção da realidade, onde os usuários são expostos principalmente a informações que somente confirmam suas crenças e posições políticas preexistentes.

A falta de exposição a opiniões contrárias prejudica a análise crítica em uma determinada situação, perpetuando um ciclo de consumo de informações homogêneas e pasteurizadas. Ao invés de estimular debates construtivos e análises aprofundadas, a customização nas redes sociais contribui para uma compreensão simplificada e

muitas vezes maniqueísta e distorcida dos eventos. Isso chega até mesmo nas coberturas jornalísticas ocidentais, como aponta Igor Ojeda⁶⁴, do Le Monde Diplomatique Brasil, “Cobertura da imprensa brasileira sobre Palestina e Israel contribui para perpetuar o ciclo de violência ao sonegar informações e contextos”. Os contextos de conflito, por natureza, já são complexos e costumam inflamar discursos⁶⁵, mas quando são impulsionados por estas customizações que reforçam ainda mais as opiniões, temos um caldeirão propenso à criação de movimentos xenófobos e intolerantes.

A busca por fontes diversificadas e confiáveis de informação deve ser premissa individual, porém isso não isenta as gigantes empresas e corporações de tecnologia, as chamadas *big techs*, que exercem verdadeiro domínio no mercado de tecnologia e inovação, de serem também responsabilizadas pelo cerceamento à oferta da diversidade de informação.

Já nos casos de estados totalitários este cerceamento à diversidade de informação é mais evidente e podemos também observar o isolamento social e o controle da comunicação, tanto dos veículos como das redes sociais. O país mais fechado do mundo, a República Popular Democrática de Coreia (RPDC), nome oficial da Coreia do Norte, governada por Kim Jong-um, não deixa de estar presente na imprensa com relatos que demonstram o controle absoluto da comunicação e consequente isolamento do seu povo da realidade mundial.

Segundo Merelyn Cerqueira (2016), “o acesso à internet é limitado a uma rede doméstica fechada que só permite sites norte-coreanos, a internet de verdade (a que você está acostumado a navegar) é exclusiva para o uso de funcionários do governo. Assim, o Estado é

64 <https://diplomatique.org.br/a-contribuicao-da-midia-para-o-ciclo-de-violencia/>

65 <https://pt.euronews.com/2023/10/19/europa-dividida-entre-manifestacoes-de-apoio-a-israel-e-a-palestina>

capaz de contar qualquer invenção para os coreanos que, sem poder comprovar a veracidade, acreditam”. Dentre os absurdos veiculados, que seriam casos de piada no resto do mundo, para os norte coreanos podem ser vistos como realidade: o governo divulga que inventaram a cura para a AIDS e para qualquer tipo de câncer; afirma ser capaz de curar o nanismo; diz ter inventado o hambúrguer; que Kim Jong-Il (falecido pai do atual governante) era tão especial que sequer precisava ir ao banheiro.

Silva (2022) detalha que, similarmente, esse controle maior de acesso à informação ocorre na China, o maior país comunista do mundo, e que tem também a maior população virtual do mundo, com um bilhão de usuários, pois 71% dos chineses têm acesso à internet. Por lá, o governo impõe sérias restrições ao acesso à informação, pelo que podemos chamar de maior programa de censura do planeta, conhecido como Grande Firewall da China, ou Cortina de Ferro Digital. Este bloqueio à informação pretende preservar a narrativa oficial do governo e restringir o acesso às plataformas estrangeiras que não estejam alinhadas com os interesses do Estado. Assim, as plataformas que são tão conhecidas pelo mundo democrático, lá simplesmente “não existem”, pois são bloqueadas pelo governo⁶⁶. Para completar essa receita, “Google, WhatsApp, YouTube, Instagram, Twitter. Tudo isso é bloqueado pelo governo chinês. Ao mesmo tempo, Pequim mantém exércitos de *bots* dedicados a fazer propaganda oficial disfarçada mundo afora”.

Ao todo, são mais de 300 mil domínios bloqueados aos chineses. Não há acesso ao Google, ao WhatsApp, à Netflix, nem ao Telegram. Páginas da Wikipédia, em todas as línguas, estão inacessíveis. Veículos de imprensa tradicionais e organizações de direitos humanos seguem o mesmo caminho. Assim como o Facebook, Instagram,

66

https://super.abril.com.br/sociedade/como-a-china-usa-as-redes-sociais-para-manipular-o-debate-publico?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_super_audiencia_institucional&gad_source=1&gclid=CjwKCAiAjrBhAwEiwA2qWdCDQ3iSe4RMk2IKQaIFEG6b2JycRMumwYBPCsbQke8fZRXQ6Jl2zszRoC8PMQAvD_BwE

YouTube, Snapchat, Tumblr, Pinterest e Reddit. O TikTok “internacional” é barrado. Só funciona a versão chinesa (Silva, 2022, online).

Mas a China é um grande desenvolvedor de novas tecnologias e está em um complexo e constante jogo de interesses comerciais e geopolíticos com os Estados Unidos. A guerra tecnológica entre essas duas potências mundiais emerge como um catalisador e impulsiona a evolução de pesquisa e desenvolvimento em tecnologias alternativas⁶⁷, em áreas que vão da produção de chips para computadores, inteligência artificial (IA) à criação de redes de comunicação avançadas.

O Partido Comunista bloqueia as big tech no país há anos, fazendo uso de uma espécie de Grande Muralha digital que levou à criação das versões chinesas do Google, X, Uber, eBay, e outros --respectivamente, Baidu, Weibo, Didi, Alibaba, e Tencent, criadora do “super aplicativo” WeChat (Mello e Verpa, 2023, online).

Mesmo em estados regidos por uma constituição democrática existem evidências de restrição ao acesso à informação, mas agora isso ocorre, muito mais, devido aos algoritmos das redes sociais. Isso acaba por ter um efeito de consolidar grupos que pensam e agem de forma uníssona, até mesmo em alguns eventos adotando comportamento de manada⁶⁸. Assim tem sido recorrente em grupos políticos modernos que, fomentados em suas bolhas de percepção da realidade, agem muitas vezes apenas para reforço de convertidos e adeptos. A estratégia de grupos de extrema direita, utilizando dados das redes sociais e criando o efeito de manada, foi testada no movimento de votação do *Brexit*, no escândalo que ficou conhecido como *Cambridge Analytica*⁶⁹.

67 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/12/china-luta-para-manter-avancos-em-ia-apesar-de-guerra-fria-com-os-eua.shtml>

68 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42243930>

69 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>

Segundo a *British Broadcasting Corporation* (BBC)⁷⁰, "*Cambridge Analytica* é uma empresa de análise de dados que trabalhou com o time responsável para a campanha do republicano Donald Trump nas eleições de 2016, nos Estados Unidos". A empresa teria usado de um teste psicológico, postado nas redes sociais, que capturava os dados do usuário e mais os dados de seus amigos em rede, daqueles que responderam ao teste. Esta estratégia de marketing inicialmente concebida para auxiliar a publicidade dirigida ou mesmo filtrar a publicação de anúncios nas redes dos usuários, desta vez foi usada para fins políticos.

As informações dos usuários do Facebook foram coletadas por um aplicativo chamado *thisisyourdigitallife* (essa é sua vida digital, em português), que pagou a centenas de milhares de usuários pequenas quantias para que eles fizessem um teste de personalidade e concordassem em ter seus dados coletados para uso acadêmico (BBC, 2018, online).

Este aplicativo foi criado por Aleksandr Kogan, um pesquisador da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, que conduzia uma investigação voltada para a avaliação da personalidade e das inclinações políticas, com base nas atividades dos perfis de usuários do Facebook. Posteriormente, ele vendeu os dados coletados, provenientes de aproximadamente 50 milhões de usuários, à empresa *Cambridge Analytica*. A empresa, então, com este grande banco de dados de usuários norte-americanos, personalizou e aperfeiçoou estratégias de propaganda política em apoio ao candidato Donald Trump, ainda segundo a BBC (2018)⁷¹.

Uma das consequências dessa abordagem foi a formação de comunidades e grupos com interesses políticos comuns, que agiam em uníssono sob uma liderança difusa. Gradualmente,

70 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>

71 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>

esses indivíduos passaram por um processo semelhante ao observado e descrito em seitas religiosas extremistas. Isso começou com a identificação de grupo, seguida pela adoção de conteúdo alinhado às visões políticas, encorajando o grupo a ver o contexto social e político como uma batalha entre o bem e o mal, sendo este mal representado pelo grupo político adversário. Mensagens eram ainda compartilhadas para intensificar sentimentos de medo e paranoia, reforçando também a ideia de que estavam testemunhando um momento histórico e que, como usuários, estavam desempenhando um papel importante, como protagonistas na construção da história. Essas táticas e estratégias, já conhecidas por seus efeitos prejudiciais em contextos como seitas religiosas ou extremistas, foram agora empregadas com objetivos partidários em um cenário político. Os grupos, coesos em sua ideologia, estimulados pelo medo e pela sensação de protagonismo histórico, passaram a responder prontamente ao chamado do "apito de cachorro".

Segundo Soares (2022)⁷², a estratégia conhecida como "política do apito de cachorro" remonta a uma prática antiga, caracterizada pelo envio de mensagens políticas codificadas, concebidas de maneira a serem compreendidas exclusivamente por um público-alvo específico.

Os EUA são um bom exemplo para explicar a política do "apito de cachorro". Nos últimos anos, especialmente durante o período em que Donald Trump permaneceu na presidência do país, os estadunidenses viram o ressurgimento e a intensificação das tensões e turbulências raciais e étnicas (Soares, 2022, online).

Soares (2022) aponta que este termo foi usado pela primeira vez em 1947, em um livro intitulado *American Economic History*, sobre o discurso do presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, como

72

<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/123174-apito-de-cachorro-a-mensagem-codificada-usada-por-fascistas.htm>

algo que foi feito para soar como um "apito de cachorro", com um teor que o ouvido sensível de quem vivesse na fazenda conseguiria captar e decifrar, mas quem vivesse no leste do país nada perceberia. Atualmente este termo retomou a força, sendo usado principalmente sobre mensagens codificadas de ódio. Como os discursos de intolerância, xenofobia, sexista ou racistas são politicamente incorretos e causam ação refratária em parte da população, alguns políticos usam dessa estratégia codificada ou mesmo simbólica para falar com seus seguidores, principalmente nas bolhas das redes sociais.

Para alguns especialistas, esse é justamente o momento em que devemos prestar mais atenção, já que mensagens de ódio se espalham com uma velocidade surpreendente, não importando o código que usem. E quase sempre surgem "do nada" e explodem na cara da sociedade.

Por fim, é importante destacar que a finalidade de quem usa o "apito de cachorro" é demonizar seus oponentes ou, então, se colocar como protetor contra o demônio, um verdadeiro salvador (Soares, 2022, online).

Marília Fiorillo, em 2022⁷³, aborda o avanço do fascismo e o apelo sobre as massas, em artigo sobre a eleição de Giorgia Meloni na Itália, com base no livro de Umberto Eco, *O fascismo eterno*⁷⁴.

Mas, se há um espectro que ronda o mundo, hoje, é o da 'nebulosa' fascista. Basta que alguns sinais dessa nebulosa se manifestem para que se identifique o UR-fascismo (do prefixo UR, originário ou paleo). Entre eles, o nacionalismo atávico, o culto ao heroísmo (ou figura-mito), a concepção da vida como luta pela luta, não importa o propósito, o desprezo a valores iluministas, a visão do discordante como intruso e inimigo a despedaçar e o eterno apelo à família, pátria e Deus como remédios contra a 'degradação moral' (Fiorillo, 2022, online).

73

<https://jornal.usp.br/radio-usp/o-avanco-do-eterno-fascismo/>

74

Discurso de Umberto Eco, feito em 1995 na Universidade de Columbia e depois transformado em livro

Fiorillo (2022) destaca ainda que Umberto Eco nos brinda com uma análise e orientação de que precisamos ouvir mais, com a intenção de compreender a ascensão da extrema direita na Suécia, Hungria e Polônia, bem como a vitória do fascismo na Itália, com a eleição de Giorgia Meloni.

A deterioração das condições de vida, dos direitos humanos e das liberdades civis tornaram esse apelo tentador. Pobreza, desemprego, frustração e humilhação da maioria das pessoas, atordoadas com crises crônicas e nenhuma solução à vista, seduzem para o UR fascismo. E seduzem não só a classe média, mas os estratos C, D e E, que se veem subalternos e abandonados pelas democracias tradicionais. É com o povo ou a massa da população, e não com a bolha ilustrada, que se precisaria conversar, isto é, ouvir antes de falar [...]” (Fiorillo, 2022, online).

Umberto Eco (1995) aborda de forma profunda este tema da frustração social como um estopim para a ascensão do fascismo:

O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. O que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos “proletários” estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se auto exclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria seu auditório (Eco, 1995, p. 09).

De acordo com o jornal *El País*⁷⁵, as semelhanças entre os líderes políticos Jair Bolsonaro e Donald Trump são notáveis nas questões que são as pautas da extrema direita, abrangendo desde o discurso nacionalista, até a negação das mudanças climáticas, a pauta antivacina, e principalmente o uso das redes sociais para doutrinação com fins políticos/partidários. Essa convergência ideológica levou parte

da imprensa internacional a chamar Bolsonaro de "Trump dos trópicos". Em comparação, o chefe de Segurança Nacional dos Estados Unidos, John Bolton, apreciou a analogia, sugerindo que, nos EUA, poderiam chamar Donald Trump de "Bolsonaro da América do Norte".

Pinto (2019) conceitua que este "novo conservadorismo recauchutado americano", da campanha de Trump, que são os mesmos valores defendidos e copiados por Bolsonaro, estão baseados em pilares da "velha direita" e mais parecem parte de "uma teoria conspiratória que beira a paranoia".

Esse novo conservadorismo recauchutado americano (denominado atualmente de alt-right) que ressurgiu na década de 1980 – se expandiu nos anos 1990 e 2000 e ganhou expressão com o governo Trump – está assentado no tripé da "velha direita" com particularidades, tal como: ênfase ainda maior na "guerra cultural", pois a cultura e a moralidade americana estariam sendo destruídas pelo relativismo, pelo politicamente correto, pelo multiculturalismo e até pelo "marxismo cultural" que supostamente seria o instrumento utilizado pelos ativistas de esquerdistas (acadêmicos, militantes, jornalistas, et.) para destruir os valores americanos – **uma teoria conspiratória que beira a paranoia** (Pinto, 2019, p. 06, grifo nosso).

Seguindo um roteiro semelhante ao utilizado pela campanha de Donald Trump, a estratégia de espalhar notícias falsas foi uma constante entre os grupos que apoiaram Jair Bolsonaro. Essa tática, que envolve a disseminação de informações falsas ou parcialmente verdadeiras, ocorreu nos Estados Unidos e também no Brasil, e permeou a campanha eleitoral, inclusive persistindo ao longo do governo presidencial.

[...] a campanha presidencial de Jair Messias Bolsonaro foi articulada e impulsionada pela utilização de fake news, sobretudo aquelas que o associam à defesa da "família tradicional brasileira" e ao combate ao "kit gay" e à "ideologia de gênero". Se, por um lado as já comprovadas fake news encontraram lugar no pensamento hegemônico da

sociedade brasileira e foram acolhidas durante a campanha de Jair Bolsonaro, a desconstrução e a evidenciação de seu caráter falacioso não foram suficientes para provocar oscilações na receptividade de sua candidatura frente à opinião pública, como demonstraram os resultados das urnas (Maranhão Filho, Coelho e Dias, 2018, p. 85).

A operação dos algoritmos nas plataformas de mídia social desempenhou um papel significativo e auxiliou o grupo político liderado por Jair Bolsonaro na amplificação de suas mensagens, na conquista de novos seguidores e na fidelização de seus apoiadores. O disfarce, em pele de cordeiro, de defensores da liberdade de informação, eclipsou investidas diretas contra a imprensa, universidades e cientistas, frequentemente incorporando narrativas de negacionismo e teorias de conspiração. Foi um papel estratégico fundamental a disseminação em larga escala de notícias falsas, que utilizou de numerosos grupos nas plataformas de mensagens, em grupos de WhatsApp e Telegram. Rotineiramente, essas publicações eram acompanhadas de orientações para a organização de um "tuitaço" a fim de potencializar a viralização do conteúdo.

Em boa parte dos casos, Bolsonaro enquadra como mentiras e fake news o que é dito pelos demais partidos políticos e pela imprensa. A verdade é entendida, quase que exclusivamente, como aquilo que ele ou seus aliados dizem e fazem. A questão da verdade em suas falas é importante na medida em que se relaciona com o esforço de deslegitimação de veículos informativos tradicionais (como a imprensa) e de especialistas em favor das experiências individuais – e também afetivas – de Jair Bolsonaro e, por espelhamento, de seus seguidores. A própria arquitetura das redes pode impulsionar essa dinâmica, dado que a validação de um conteúdo se dá, inúmeras vezes, a partir das métricas envolvidas na veiculação desse conteúdo (como no caso da viralização de conteúdo no Twitter, que dá maior visibilidade e enquadramento especial na plataforma) (Viscardi, 2020, p. 1154).

Conforme relatos de ex-auxiliares da equipe de Jair Bolsonaro, o próprio presidente enviava regularmente *fake news*, segundo veiculação da CNN Brasil⁷⁶. O ex-presidente Jair Messias Bolsonaro responde a inquérito no Superior Tribunal Federal (STF), em razão de ter disseminado uma notícia falsa, com ataques aos ministros do STF, ao Superior Tribunal Eleitoral (STE), às urnas eletrônicas e aos institutos de pesquisa, com o agravante de ter incluído a observação de: “repassar ao máximo”. Cabe destacar que essa mensagem circulou entre seus apoiadores, incluindo indivíduos que estão sob investigação por possível envolvimento em atos de natureza golpista, os quais tinham como propósito obstruir a posse do novo presidente, eleito em 2022, segundo informações da Polícia Federal, ao site de notícias G1⁷⁷. Umberto Eco (1995) já alertava para o perigo da disseminação em massa e pela internet: “Em nosso futuro desenha-se um populismo qualitativo de TV ou internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a “voz do povo”. Em virtude de seu populismo qualitativo, o Ur-Fascismo deve opor-se aos ‘pútridos’ governos parlamentares”.

Voltando às semelhanças entre Jair Bolsonaro e Donald Trump, a primeira viagem presidencial de Jair Bolsonaro aos Estados Unidos, em 2019, foi marcada por um jantar que reuniu Steve Bannon, estrategista de Donald Trump, e o guru do bolsonarismo Olavo de Carvalho, brasileiro residente nos EUA. Olavo de Carvalho (1947-2022)⁷⁸ foi uma figura controversa e é notório por seu amplo espectro de atividades ao longo da vida. Ele desempenhou papéis variados, foi astrólogo e instrutor de cursos abordando temas que abrangem desde filosofia até esoterismo. Autoproclamado filósofo, Carvalho não gostava de ser rotulado como guru, embora tenha sido

76 <https://www.youtube.com/watch?v=yZjGgvNpc3g>

77 <https://g1.globo.com/politica/blog/daniela-lima/post/2023/08/23/mensagem-disparada-por-bolsonaro-foi-parar-em-pagina-de-golpistas.ghtml>

78 <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/01/4980044-quem-era-olavo-de-carvalho-guru-do-governo-bolsonaro-morto-aos-74-anos.html>

reconhecido como tal na ascensão do bolsonarismo. Adotou uma postura anticomunista e de recusa ao que ele denominava "politicamente correto", sendo apontado como uma influência fundamental para a nova direita brasileira. Esta influência foi tão direta que um especialista em história russa disse que Olavo "é o Rasputin da corte de Bolsonaro", segundo o jornalista Ancelmo Gois (2019). Embora tenha lançado livros ao longo de sua trajetória, frequentemente recebeu críticas, sendo rotulado por cientistas como charlatão e suas práticas como pseudociência. Sua influência foi além das páginas de seus livros. O presidente Jair Bolsonaro o descreveu como "um dos maiores pensadores da história do país", e Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente, destacou sua influência em suas vidas: "Grande foi a sua influência em nossas vidas, não apenas em política, mas também através de ensinamentos valiosos e inúmeras amizades geradas por convergência de valores"⁷⁹.

Apesar de ser considerado por alguns como uma figura relevante, inclusive pelo presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, Olavo de Carvalho enfrentou críticas, especialmente no que diz respeito à sua postura anticientífica, que defendeu mesmo no período pandêmico. Em maio de 2020, Olavo postou em sua conta do Twitter: "O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel" (Olavo, 2020, online)⁸⁰.

Sua filha mais velha, Heloísa de Carvalho, relata que a postura anticientífica de Olavo é antiga e até recusou vacinar seus filhos contra o sarampo. Isso acabou resultando em Heloísa complicações de saúde, gerando sequela auditiva e a quase morte de outros dois irmãos. Mesmo depois desses fatos Olavo se manteve contra a vacina.

79 <https://x.com/CarlosBolsonaro/status/1485870310293450756?s=20>

80 <https://x.com/opropriolavo/status/1260332441539149824?s=20>

Meu pai não vacinou a gente contra o sarampo, eu adquiri sarampo junto com meus irmãos. Por conta das complicações do sarampo fiquei com sequela auditiva. É sutil, mas fiquei. Dois irmãos meus também quase morreram e foram até desenganados pelos médicos, mas conseguiram se salvar. Então assim, **o negacionismo do Olavo não é de hoje e é complicado porque ele pôs a vida de crianças em risco como ele fez na pandemia** com todo discurso antiálcool, antimáscara e anti-isolamento (Carvalho *apud* Peixoto, 2022, online, grifo nosso).

A visão negacionista de Olavo ia para além da anticiência e demonstrava ser contra até mesmo os métodos de ensino tradicional. Promovia o isolamento social de seus filhos, com o argumento de fazer *homeschooling*⁸¹, segundo a filha Heloísa de Carvalho.

[...] o homeschooling que o Olavo prega, que **é isolamento social**. Meus irmãos e eu fomos criados assim, **sem contato com outras pessoas** de pensamentos diferentes em uma tentativa de não 'deturpar a mente'. Mas eu sempre tive uma personalidade diferente, ia pra rua brincar, socializar. Também critico a visão de escola que os olavistas têm. Dizem que criança de três anos aprende a se masturbar na escola. [...] (Carvalho *apud* Brandalise, 2021, online, grifo nosso).

Heloísa de Carvalho lançou um livro, em 2020, sobre seu pai, Olavo de Carvalho: "Meu Pai, o Guru do Presidente". Dentre fatos polêmicos, ela relata a passagem de Olavo por um manicômio e suas experiências como líder de seitas – uma de astrologia e outra que se denominava islâmica, segundo o jornal Estado de Minas⁸².

[...] O Olavo quer passar a imagem de que faz tudo pela causa da **família tradicional, cristã, católica**. Mas é um

81 Homeschooling é uma palavra de língua inglesa que significa "educação escolar em casa". No Brasil, o termo também é conhecido como educação domiciliar ou doméstica. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/educacao/homeschooling.htm>

82 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/01/25/interna_politica,1339949/filha-de-olavo-de-carvalho-comenta-morte-do-pai-deus-perdoe-as-maldades.shtml

delírio discrepante e irracional sendo que **teve três mulheres ao mesmo tempo** e com os filhos menores de idade dentro de casa. Ele achava que não precisava ir para a escola. **Só fui alfabetizada adolescente**, quando morava com uma tia. Aos 15, voltei a morar com ele e me deparei com um monte de gente na nossa casa, formando **uma seita que se dizia islâmica**. Ficavam 20 pessoas dentro de um quarto. Era rezação para lá e para cá, um monte de regra. Eu me converti para pararem de me encher o saco, mas nunca segui a seita. Quando comecei a expor tudo isso nas redes sociais e em entrevistas, ele mandou meus irmãos atrás de mim, queriam que eu calasse a boca. Rompi com todos eles, os sete, e com a minha mãe [...] (Carvalho *apud* Brandalise, 2021, online, grifo nosso).

Este fato foi também objeto de análise de Benjamin Teitelbaum, professor na Universidade do Colorado, autor do livro "Guerra pela Eternidade - O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista", no qual aborda a participação de Olavo de Carvalho em uma seita muçulmana, por meio de eventos documentados em correspondências, como um episódio complexo e intrigante. Segundo Teitelbaum (2021)⁸³, Olavo foi incentivado a estabelecer uma *tariqa*⁸⁴ em São Paulo, tornando-se o líder e emissário de Frithjof Schuon (que chegou fundar, nos EUA, uma seita com sus-

83 <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/escritor-relata-conversao-de-olavo-de-carvalho-a-seita-muculmana-um-lado-que-ele-nao-queria-expor-para-o-resto-do-mundo.ghml>

84 Segundo a Enciclopédia Britannica: *Tariqa*, ("estrada", "caminho" ou "caminho"), o caminho espiritual muçulmano em direção ao conhecimento direto (ma'rifah) de Deus ou da Realidade (haqq). Nos séculos IX e X, *tariqa* significava o caminho espiritual dos *Sufis* (místicos) individuais. Após o século XII, à medida que comunidades de seguidores se reuniam em torno dos xeques (ou pir, "professores"), a *tariqa* passou a designar todo o sistema ritual do xeque, que era seguido pela comunidade ou ordem mística. Eventualmente, *tariqa* passou a significar a própria ordem. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/tariqa>.

peitas de abusos sexuais)⁸⁵ no Brasil. Durante esse processo, Olavo adotou o nome Sidi Muhammad. “É uma história maluca. Tem de tudo nela. Tem sexo, dinheiro, intrigas, brigas, esoterismo religioso e política” (Teitelbaum, 2021, online).

O próprio Olavo de Carvalho (2018) reconheceu publicamente⁸⁶, em seu diário na internet, sua ligação com a seita muçulmana, “Todos sabem que pertenci à *tariqa* (organização esotérica islâmica) de Frithjof Schuon (Sheikh Issa Nureddin), sediada em Lausanne, Suíça, e depois em Bloomington, Indiana”. (Carvalho, 2018). No entanto, ele contesta, em seu diário, explicitamente a afirmação de ter se convertido ao islamismo, destacando que, ao contrário de outras *tariqas* muçulmanas estritamente ortodoxas, a organização a qual esteve vinculado era multiconfessional. Essa narrativa complexa revela facetas menos conhecidas da trajetória de Olavo de Carvalho, de sua jornada espiritual e suas interações dentro do contexto de seitas religiosas e esotéricas.

O Jurista e historiador lisboeta Antonio Araújo⁸⁷ (2021) faz um resumo da influência e da relação de Olavo de Carvalho com a família Bolsonaro:

Declinou um convite de Bolsonaro para fazer parte do seu governo, preferindo manobrar na sombra e tendo papel determinante na escolha de vários ministros-chave, como

85 “[...] Frithjof Schuon, um suíço que estudava a sabedoria oculta das religiões e que se fixou nos Estados Unidos, onde fundou uma seita que, além das habituais suspeitas de abusos sexuais, praticava ritos da tradição sioux, nos quais Schuon aparecia aos fiéis, obviamente, como sumo sacerdote, envelopando peles de urso e um chapéu com chifres em tudo semelhante ao “xamã do QAnon”, um dos idiotas que tentaram invadir o Capitólio no passado janeiro”. (Antônio Araújo, 11 de Setembro de 2021). Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/a-traicao-da-tradicao-14108619.html>.

86 <https://olavodecarvalho.org/tag/frithjof-schuon/>

87 Exerceu funções como consultor político dos presidentes Aníbal Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Sousa e é administrador executivo da Fundação Francisco Manuel dos Santos e seu diretor de publicações. Autor de vários livros e artigos sobre Direito Constitucional, Ciência Política e História Contemporânea. Colabora regularmente com a imprensa escrita, nos jornais Expresso, Público e Diário de Notícias, sendo ainda editor do blogue Malomil. Disponível em: <https://amensagem.pt/antonio-araujo-2/>.

Ernesto Araújo para as Relações Exteriores e Ricardo Vélez Rodríguez para a Educação. Para termos uma noção do seu peso, basta dizer que quando o vice-presidente Hamilton Mourão atacou o excesso de influência de Olavo e lhe recomendou publicamente que "voltasse a ser astrólogo", os filhos de Bolsonaro uniram-se em torno do guru e o presidente condecorou-o com o grau máximo da Ordem do Rio Branco, a mais alta distinção diplomática do Brasil, com isso desautorizando o seu vice-presidente e sinalizando o seu apoio a Olavo de Carvalho, um homem que denuncia os escritos de Galileu ou Newton como "charlatanismo", que considera o aquecimento global uma invenção da família Rockefeller e do Clube de Bildberg (também responsável pelas "campanhas mundiais abortista e gayzista" e pela "nova religião global biônica"). Depois de ter sustentado que estavam a ser usadas células de fetos na fabricação da Pepsicola (!), o ideólogo de Jair Bolsonaro afirmou, em março de 2020, que a ideia de que a covid-19 poderia ser uma doença mortal não passava de uma "invenção" decorrente da "mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana". No Brasil, a covid já fez mais de 600 mil vítimas mortais (Araújo, 2021, online).

Retomando a relação entre Trump e Bolsonaro, segundo informações do site de notícias UOL⁸⁸, Steve Bannon, reconhecido ideólogo da nova direita radical populista, considera o Brasil como uma parte essencial de um movimento populista de direita de alcance global, chegando a comparar Jair Bolsonaro ao conservador primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán. Essas e outras evidências, encontros e conexões revelam a estreita afinidade política entre Bolsonaro e líderes do movimento populista de direita nos Estados Unidos.

Um relatório da Polícia Federal brasileira (PF) aponta como age a rede de apoio bolsonarista na internet. De acordo com o relatório, esta rede faz uma correlação entre a estratégia utilizada por Steve Bannon, estrategista de Donald Trump na campanha de 2016,

e os grupos disseminadores ligados ao movimento bolsonarista brasileiro. Atacam os veículos de imprensa, desqualificam quem defende posições contrárias, atingem o público de forma direta e sem intermediários, fazem a confusão entre o que é informação e o que é opinião. Todo esse método está na cartilha de Trump, seguida à risca pelos bolsonaristas, de acordo com o documento da PF, ao qual o jornal EL PAÍS teve acesso⁸⁹. Este relatório da Polícia Federal destaca que:

Quanto mais polêmica e afrontosa às instituições for a mensagem, maior o impacto no número de visualizações e doações, reverberando na quantidade de canais e no alcance do maior número de pessoas, aumentando a polarização e gerando instabilidade por alimentar a suspeição do processo eleitoral, ao mesmo tempo que promove a antecipação da campanha de 2022 por meio das redes sociais (Rossi, 2021, online).

A soma das causas, algoritmos, bolhas de percepção, mensagens codificadas, extremismo, intolerância e manipulação acabam por fomentar, nos dias de hoje, verdadeiras hordas de militantes políticos alinhados ao extremismo e à intolerância. Sempre que o grupo detecta um adversário político, concentra então um ataque sistemático, proveniente de diferentes frentes, mas com uma uniformidade de textos, uso da violência verbal e até mesmo de ameaças físicas. Algumas vezes, isso ocorre até mesmo contra dissidentes ou algum membro do grupo que foi flagrado ou acusado por um processo judicial. Deixam-se aos lobos os soldados feridos, nesta guerra ideológica.

Segundo informações disponibilizadas pelo site da Câmara dos Deputados no Brasil (2019)⁹⁰, a ex-líder do governo no Congresso, deputada Joice Hasselmann (PSL-SP), apresentou uma denúncia perante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI)

89 <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-22/um-apagao-de-videos-nas-redes-bolsonaristas-no-cerco-aos-ataques-a-democracia-que-emulam-o-trumpismo.html>

90 <https://www.camara.leg.br/noticias/622252-joyce-hasselmann-denuncia-milicia-e-gabinete-de-odio-na-disseminacao-de-fake-news/>

das *fake news*, alegando a existência de uma "milícia digital" que opera com o propósito de disseminar ameaças e ataques visando prejudicar a reputação de críticos do governo Bolsonaro. Essa milícia digital, de acordo com a denúncia, teria envolvimento ativo dos filhos do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro e Carlos Bolsonaro, e estaria conduzindo ações que se caracterizam como uma organização criminosa. Entre as estratégias identificadas, destacam-se a produção e disseminação de notícias falsas (*fake news*) e a orquestração de ataques coordenados contra alvos políticos por meio das redes sociais, com destaque na utilização das plataformas Instagram e Signal. Além disso, a denúncia aponta o uso de robôs para amplificar artificialmente o alcance de determinadas *hashtags* (#) e surpreende citando a existência de uma tabela que direcionava a produção diária de memes com o intuito de difusão em larga escala, visando prejudicar a reputação de indivíduos e grupos adversários. Esses relatos reforçam a complexidade e a gravidade das dinâmicas relacionadas à desinformação e ao uso indevido das redes sociais em contextos políticos contemporâneos.

‘Eles escolhem uma pessoa e essa pessoa é massacrada. Eles se escondem atrás de um perfil, como ‘Ódio do Bem’, ‘Isentões’ e ‘Left Dex’, revelou. A deputada disse ainda que o perfil ‘Ódio do Bem’ teria atacado recentemente a Operação Lava Jato para proteger o senador Flávio Bolsonaro. A orientação desses grupos, segundo ela, é atacar aqueles considerados ‘traidores’. Outro perfil usado nessa estratégia, segundo Hasselmann, seria o ‘BolsoFeios’, administrado por Dudu Guimarães, assessor do deputado Eduardo Bolsonaro (Agência Câmara de Notícias, 2019, online).

Ao longo desses anos de ascensão da extrema direita no Brasil, muitos são os exemplos que podemos constatar na imprensa destes ataques coordenados que reforçam o maniqueísmo e costumam rotular qualquer que seja o opositor como “comunista”. Para Duarte (2020, p. 128), a designação genérica de “comunistas”, mesmo sendo algo completamente absurdo, é um conceito torto que unifica e ressoa em

grupos fanáticos bolsonaristas. “Não importa: quem quer que discorde do ideário bolsonarista será um comunista, alguém a ser prontamente combatido pelas redes sociais, mas não apenas”. Tentam polarizar a opinião pública e reforçar que o contexto é de uma “guerra ideológica” contra uma ameaça comunista que tenta dominar o mundo. Exemplos que seguem o roteiro da escalada do medo, muitas vezes usada no chamado período da Guerra Fria, entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), dos anos 50 e 60, completamente descolados da atual realidade mundial multipolarizada.

Em entrevista ao jornal *El País* (2019)⁹¹, Jason Stanley⁹² destaca que o ataque às universidades é um dos traços definidores do fascismo. O autor argumenta que essa investida se configura como uma tendência internacional, transformando as instituições acadêmicas em zonas de guerra. Stanley ressalta especificamente a situação no Brasil e Bolsonaro como um exemplo disso, evidenciando os exageros e invenções propagadas sobre as universidades (principalmente as públicas, que são contestadoras de *fake news*, opositoras naturais do discurso anticiência e detêm os maiores destaques nos rankings de avaliação nacionais e internacionais). O autor destaca que as universidades se tornaram os alvos justamente devido à posição de serem espaços com liberdade de expressão e onde há mais protestos. Assim, demonstra-se ser estratégico esses ataques para sufocar os discursos dissidentes e moldar o discurso com interesses ideológicos.

No discurso do Eterno Fascismo, Umberto Eco (1995) diz que considera “possível indicar uma lista de características típicas” daquilo que ele chama de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”.

91 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/internacional/1561565581_344138.html

92 Doutor em Filosofia pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) e professor na Universidade de Yale. Autor dos livros “Como Funciona o Fascismo” (2018) e “Como funciona a propaganda” (2015), que recebeu o prêmio da Associação Norte-Americana de Editores em 2016 (<https://campuspress.yale.edu/jasonstanley/>).

Para Eco (1995), estas características “não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. **Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista**” (grifo nosso).

O irracionalismo depende também do culto da ação pela ação. A ação é bela em si, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas. Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “Porcos intelectuais”, “Cabeças ocas”, “Esnobes radicais”, **“As universidades são um ninho de comunistas”**, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. Os intelectuais fascistas oficiais estavam empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais (Eco, 1995, online, grifo nosso).

Alguns desses ataques são frequentemente planejados com o objetivo de minar a credibilidade de indivíduos e instituições. Os alvos incluem não apenas universidades e opositores políticos, mas muitas vezes a imprensa, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a corte suprema do Brasil, o STF, além daqueles que simbolicamente representam uma ameaça, devido ao compromisso com a verificação de informações, a promoção da diversidade, inclusão e outros temas que sejam contrários aos interesses ideológicos da extrema direita.

Os ataques em algumas das vezes ultrapassam a esfera da retórica chula ou escatológica e evoluem para crimes de verdadeiras ameaças de agressões físicas ou mesmo ameaças de morte⁹³. É relevante observar que tais mensagens, de maior gravidade, podem ou não ser originárias do grupo politicamente articulado. Consequência natural e previsível que a doutrinação e a promoção de discursos de

ódio podem inclusive incentivar a atuação de seguidores individuais, em cruzadas ideológicas com fins de uma ação física, seja de agressão ou mesmo de assassinato, por pessoas com o perfil de ação de lobo solitário. Já presenciamos isso muitas vezes nos Estados Unidos, inclusive o citado caso “Pizzagate” é um exemplo.

Entretanto, é evidente que essas ações mais agressivas, ao menos, são incentivadas pelos ataques coordenados do grupo articulador denominado e apontado por alguns veículos de imprensa, no Brasil, como o “gabinete do ódio”⁹⁴. A Polícia Federal também já identificou em suas investigações a existência deste “gabinete do ódio” em relatório enviado ao STF⁹⁵.

Segundo o jornal A Folha de São Paulo⁹⁶, o relatório da Polícia Federal aponta que assessores ligados ao senador Flávio Bolsonaro e ao deputado federal Eduardo Bolsonaro, ambos filhos de Jair Bolsonaro, além de outros parlamentares da base alinhada com o discurso bolsonarista, aparecem em indícios de serem responsáveis por contas *fakes*, com perfis fictícios nas redes Facebook e Instagram, usadas para promover propaganda do governo Bolsonaro, realizar ataques a opositores e expressar críticas ao STF. São diversas contas, algumas têm títulos sugestivos como *TrumpWeTrust*, Tudo é Bolsonaro, Porque Bolsonaro, *Bolsonaro News*, *Brazilian Post* e outras. Segundo a reportagem, estas contas foram acessadas 1.045 vezes de computadores na sede do Senado, Câmara dos Deputados, Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro (lembrando que outro filho de Jair Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, também é vereador na cidade do Rio de Janeiro), na Presidência da República e até mesmo no Comando da Brigada de Artilharia Antiaérea, da unidade do Exército brasileiro. Porém, o mais alarmante é que o relatório da Polícia Federal

94 <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/11/pf-confirma-a-existencia-de-gabinete-do-odio-em-relatorio-enviado-ao-stf-leia-o-documento>

95 <https://cdn.brasildefato.com.br/documents/92bf0173de34cd67df81379626a3c5b8.pdf>

96 <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/inquerito-aponta-mais-de-mil-acessos-de-perfis-falsos-ligados-aos-bolsonaros-e-aliados-em-orgaos-publicos.shtml>

pediu o aprofundamento das investigações pois encontraram indícios de que legisladores alinhados com o bolsonarismo “discutiam ações que pregavam o rompimento institucional”

O deputado federal Alexandre Frota, ex-bolsonarista, em depoimento à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que investigou notícias falsas nas redes sociais e assédio virtual, na CPI Mista das *fake news*, em 2019, denunciou o que já circula em sites de imprensa, afirmando que um dos filhos de Jair Bolsonaro, o vereador da cidade do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, é quem coordena a milícia virtual, com mais três assessores contratados pelo Palácio do Planalto. Frota declarou que “Eu sei tudo o que eu vi, vivi e ouvi. A rede de intrigas de Bolsonaro produz material em escala atacando quem estiver na frente ou venha a discordar. Ficou claro que o Palácio do Planalto virou um porto seguro de terroristas digitais. Fui o primeiro a denunciar, e por isso fui expulso do PSL [antigo partido de Jair Bolsonaro]” — disse o deputado, segundo a Agência Senado⁹⁷ (2019).

O próprio Jair Bolsonaro, na Presidência da República, declarou, sobre o seu filho Carlos Bolsonaro: “Ah, o pitbull? Tá atrapalhando o quê? Não me atrapalhou em nada. Acho até que devia ter um cargo de ministro. Ele que me botou aqui. Foi realmente a mídia dele que me botou aqui. E ele não tá pleiteando cargo de ministro. Poderia botá-lo, mas não tá pleiteando isso aí”, segundo publicação de Congresso em Foco⁹⁸ (2019).

Uma característica adicional desta chamada milícia digital, desses ataques coordenados, é a rápida disseminação de posts, frequentemente contendo notícias falsas ou ataques. Tais informações se propagam nas redes sociais a uma velocidade que excede o que geralmente é observado em situações consideradas orgânicas,

97 <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/30/frota-afirma-que-carlos-bolsonaro-comanda-2018milicia-virtual2019-do-governo-dentro-do-planalto>

98 <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/carlos-me-pos-na-presidencia-e-deveria-ser-ministro-diz-bolsonaro-sobre-filho/>

sem o investimento financeiro para impulsionamento em plataformas de redes sociais. Normalmente esta característica de velocidade de disseminação está associada a “contas robôs” (*bots*) das redes sociais, conforme publicado em matéria do jornal Plural⁹⁹.

É uma realidade a existência de contas robôs (*bots*), que atuam de forma automatizada nas redes sociais. Segundo a empresa de cibersegurança Kaspersky, o termo “*bots*”¹⁰⁰ é uma abreviatura de robô, que representa um programa (*software*) que imita o comportamento do usuário humano, em tarefas pré-definidas.

Bots que operam em plataformas de mídia social e são usados para gerar mensagens automaticamente, defender ideias, agir como um seguidor de usuários e como contas falsas para ganhar seguidores. À medida que as redes sociais se tornam mais sofisticadas, é cada vez mais difícil para os bots sociais criar contas falsas. É difícil identificar os bots sociais porque eles podem exibir um comportamento semelhante aos usuários reais (Kaspersky, 2021, online).

No contexto brasileiro, é importante observar que estas ações coordenadas de milícia digital não se limitaram ao período pós-eleição do ex-presidente Bolsonaro. Elas já estavam em curso mesmo antes da eleição, com o objetivo de promover a candidatura do então deputado, ex-militar, defensor de torturadores do regime militar no Brasil e, segundo Calixto (2019)¹⁰¹, com evidência de laços de amizade da família Bolsonaro¹⁰² com os milicianos¹⁰³

99 <https://www.plural.jor.br/noticias/poder/grupo-bolsonarista-no-whatsapp-tem-fake-news-e-ataques-ao-stf/>

100 <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-are-bots>

101 <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/dez-fatos-que-ligam-a-familia-bolsonaro-a-milicianos/>

102 <https://www.intercept.com.br/2022/10/22/bolsonaro-pcc-marcola-crime-organizado/>

103 Miliciano: [Popular] Indivíduo ou grupo armado que não faz parte do corpo registrado de tropas militares de um país. (<https://www.dicio.com.br/>)

ligados ao crime organizado, “que praticam assassinatos, extorsões e outras ilegalidades sob o argumento de combater o tráfico de drogas e outros delitos”¹⁰⁴.

As milícias são grupos criminosos que se espalharam pelo Brasil e se destacaram após o ano 2000, mas já tinham sua gênese nos anos finais da ditadura militar brasileira, com a formação de grupos de extermínio que diziam defender a comunidade contra o tráfico de drogas. Segundo reportagem do jornal O Estado de São Paulo, 2020¹⁰⁵, “hoje, grupos milicianos estão presentes em, pelo menos, 23 unidades da federação. Embora o modelo de sustentação desses grupos também siga o de grupos de extermínio ou de segurança privada forçada, a maioria das milícias não se encontra com o mesmo nível de consolidação quando comparadas com as do Rio” (Nomura, 2020, online).

Um relatório¹⁰⁶ sobre a atuação e expansão das milícias no estado do Rio de Janeiro, feito em 2021, por pesquisadores do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (Geni/UFF) e do Observatório das Metrópoles (IPPUR/UFRJ), aponta incisivamente em sua conclusão que “há mais de uma década **já se conhece a ligação entre milícias e políticos** que ocupam cargos legislativos e executivos em nível municipal, estadual e federal” (Geni e IPPUR, 2021, grifo nosso).

Desde a chamada CPI das Milícias, tornou-se amplamente conhecida a participação de agentes públicos dos órgãos de segurança e ocupantes de cargos eletivos nesses grupos criminais armados que atuam em territórios

104 Segundo Fernando Conde Monteiro (*apud* Ferraz Jr., 2023), diretor do curso de Criminologia da Universidade do Minho, em Portugal, que aponta a ineficácia das instituições formais de controle em escala global no enfrentamento do crime organizado e salienta que não apenas o Brasil é um refém, mas “toda a sociedade mundial é refém do crime organizado”.

105 <https://www.estadao.com.br/politica/milicia-o-que-e-como-funciona-no-brasil-e-por-que-e-tao-dificil-combate-las/&hl=pt-BR&gl=br>

106 <https://geni.uff.br/2021/04/30/a-expansao-das-milicias-no-rio-de-janeiro-uso-da-forca-estatal-mercado-imobiliario-e-grupos-armados-4/>

de moradia de baixa renda, onde controlam ilegalmente ou cobram taxas extorsivas sobre os mercados de serviços essenciais como água, luz, gás, TV a cabo, transporte e segurança, além do mercado imobiliário. Sabe-se que tais controles são exercidos de maneira arbitrária, por meio de ações coercitivas como espancamentos, tortura e homicídios. Sabe-se ainda que as milícias se envolvem em disputas territoriais violentas – entre si e com “comandos” do tráfico de drogas – e que em diversas áreas elas também lucram com a venda de drogas. Nas palavras do delegado Marcos Vinícius Braga: “É mentira que miliciano não trafica drogas, é mentira que não rouba carga, que não rouba carros. Faz tudo o que o traficante faz” (Agência Brasil, 26/22/2019)¹⁰⁷. A principal diferença entre os grupos de milicianos e as facções criminais já não reside tanto nos mercados que fornecem as bases econômicas para a sua reprodução – visto que eles são cada vez mais próximos – e sim nos tipos de atores que integram essas organizações. O que caracteriza uma milícia enquanto tal é sobretudo a participação de agentes públicos – como membros do Judiciário, parlamentares e policiais civis e militares da ativa e reserva – em seus quadros, algo que muito dificilmente ocorre nos comandos do tráfico. Como será visto, essa ambígua relação entre milícias e Estado parece estar relacionada à capacidade desses grupos de se multiplicar e ampliar sua influência, ocupando territórios cada vez mais extensos e elegendo cada vez mais representantes de seus interesses para importantes cargos políticos (Geni e IPPUR, 2021, p. 5).

A família Bolsonaro tem evidente proximidade com grupos milicianos, inclusive o senador Flávio Bolsonaro e o vereador da cidade do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, ambos filhos de Jair Bolsonaro, já “pediram homenagens a pelo menos 16 policiais denunciados pelo Ministério Público do Rio de Janeiro como integrantes de

107

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/trafico-e-milicia-sao-mesma-coisa-diz-secretario-de-policia-do-rio>

organizações criminosas”, segundo reportagem de Juliana Dal Piva e Elenilce Bottari (2022), no site UOL¹⁰⁸.

Viana e Costa (2022) traçaram um resumo da vida pública de Bolsonaro e demonstram que “está pautada em discursos autoritários, em que se faz presente a apologia à ditadura e ao estado de exceção, bem como em discursos de ódio contra minorias e em atuações que negligenciam e contribuem para as tragédias que assolam o povo brasileiro, principalmente no período pandêmico”. Muitos outros exemplos, que fazem uma retrospectiva da vida pública de Bolsonaro, também podem ser acessados de forma simples nos sites dos veículos de imprensa.

Os discursos bolsonaristas extremistas de aliados e do próprio Jair Bolsonaro, direcionados aos adversários políticos polarizaram o ambiente político brasileiro. O tom radical não apenas se encontra nas palavras, mas até no próprio gesto de campanha de Jair Bolsonaro, que faz alusão a empunhar e mirar armas. Inclusive este ato foi amplamente difundido e incentivado em posts nas redes sociais e quase sempre foi uma ação recorrente em comícios de campanha. Mais de uma vez, durante seus atos políticos (ainda quando estava em campanha e mesmo após eleito), Bolsonaro, além de fazer o gesto de “arminha”, segurando uma criança em seu colo, também incentivou que as crianças fizessem este gesto¹⁰⁹, em desacordo com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Em 2018, dois meses antes de ser eleito, em um fato amplamente divulgado pela imprensa, registrado também pelo jornal Brasil de Fato¹¹⁰, Bolsonaro criticou em discurso o Estatuto da Criança e

108 <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2022/09/23/cla-bolsonaro-condecorou-16-prms-denunciados-em-organizacoes-criminosas.htm>

109 <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/12/5-vezes-em-que-bolsonaro-fez-apologia-a-violencia-usando-criancas-eca-tem-que-ser-rasgado>

110 <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/12/5-vezes-em-que-bolsonaro-fez-apologia-a-violencia-usando-criancas-eca-tem-que-ser-rasgado>

do Adolescente (ECA), “esse Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tem que ser rasgado e jogado na latrina” (Bolsonaro *apud* Carvalho, 2021). Em um dos decretos lançados no início de seu governo (Decreto Nº 9.785)¹¹¹, em 2019, facilitou a prática de tiro desportivo para menores de 18 anos, permitindo que fosse feito apenas com a autorização de um responsável. Anteriormente, a prática de tiro por um menor de idade só era permitida com autorização judicial, segundo artigo do estatuto do desarmamento (Decreto Nº 5.123)¹¹², que consequentemente foi revogado após o decreto de Bolsonaro.

É significativo também destacar que, poucos meses após a eleição de Bolsonaro à Presidência da República, um grupo de seguidores (bolsonaristas) realizou um ataque direto ao Supremo Tribunal Federal (STF), a Corte Suprema brasileira. Esse grupo, autodenominado “os 300 do Brasil”, se posicionou em frente ao STF e organizou um ato que remeteu simbolicamente a uma pantomima das ações da Ku Klux Klan, com indivíduos mascarados portando tochas e realizando uma série de disparos com fogos de artifício em direção ao edifício do STF¹¹³. Este fato de violência simbólica foi, segundo a ativista Sara Winters, organizadora do “Acampamento dos 300”, em entrevista à Eudes Lima (2021), da revista *Época*¹¹⁴, orientado por nomes de parlamentares, ministros e do presidente Bolsonaro para atacar a imprensa e o Supremo Tribunal Federal (STF). O Ministro do STF, Alexandre de Moraes, já declarou à imprensa sobre este grupo dos 300, em Brasília, que os efeitos das redes sociais em parte do segmento da população, em especial os bolsonaristas, é assustador e inflamou as redes sociais:

Vimos questões que, aparentemente, são patéticas hoje, mas iriam crescer. Vocês lembram daquele grupo ridículo, os 300, tentando imitar os 300 de Esparta. Eram 30.

111 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9785.htm

112 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5123.htm

113 <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm>

114 <https://istoe.com.br/sara-winter-um-arquivo-vivo/>

Além de ridículos, não sabiam matemática", ironizou. "Com tochas, pareciam a Ku Klux Klan. Ridículo. Só que isso incendiou as redes (Moraes *apud* Correia, 2023, online).

Porém, antes mesmo de sua eleição, Jair Messias Bolsonaro já demonstrou afinidade com pensamentos extremistas; sua campanha eleitoral apresentou um *slogan* que foi considerado uma paráfrase de um discurso nazista ("Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" X "*Deutschland über Alles*"), e inclusive isso foi objeto de análise em artigo acadêmico publicado em revista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Cavalcanti e Azevedo, 2022). Bolsonaro também já havia declarado abertamente seu apoio à ditadura militar que vigorou no Brasil de 1964 a 1984. Durante sua trajetória política, evidenciou afinidade com correntes de pensamento extremistas. Além de suas evidentes conexões com movimentos intolerantes e extremistas, Bolsonaro procurou reinterpretar e distorcer eventos históricos para fundamentar sua campanha contra movimentos de esquerda no Brasil. Em particular, chegou a afirmar não ter dúvida de que o nazismo era um movimento de esquerda¹¹⁵ [Pasmem]. Esta declaração foi feita após sua visita ao Museu do Holocausto em Jerusalém, Israel. Isso ocorreu após o chanceler do governo, Ernesto Araújo, declarar durante uma entrevista, que o nazismo e o fascismo são movimentos da esquerda: "isso tem a ver com o que eu digo, que fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda, não é?"¹¹⁶. Isso foi contestado e considerado uma besteira, inclusive pelo o embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel¹¹⁷.

115 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/04/02/interna_politica,1043194/bolsonaro-diz-nao-ter-duvida-de-que-nazismo-e-de-esquerda.shtml

116 <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/ernesto-araujo-diz-que-nazismo-foi-movimento-de-esquerda>

117 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/29/historiadores-criticam-ernesto-araujo-por-dizer-que-fascismo-e-nazismo-eram-de-esquerda.ghml>

Em entrevista para a jornalista Bianchini, no jornal Brasil de Fato, em 2018¹¹⁸, a antropóloga Adriana Dias, pesquisadora do ne nazismo há mais de 15 anos, afirma que “o discurso de Bolsonaro é similar ao que Hitler pregava em sua campanha, na Alemanha de 1932”. As referências ligadas ao nazismo foram detectadas e denunciadas em um post no Twitter, em 2021, por um grupo denominado Judeus pela Democracia¹¹⁹. O texto faz um apanhado de slogans de campanha usados por Bolsonaro. “Da série “coincidências (ou não): Depois de ‘Brasil acima de tudo’ e ‘Trabalho liberta’, a nova frase de bolsonaristas à campanha de 22 é: ‘Uma nação, Um povo, Um líder’. Mais um slogan ‘livremente inspirado’ no nazismo?” Junto com esse post, o grupo ainda postou a foto de um cartaz com a imagem de Hitler que utiliza da frase “*Ein Volk, ein Reich, ein Führe*”, com a legenda, tradução da imagem, “Um povo, uma nação, um líder”.

Várias foram os casos com alusões aos movimentos extremistas, incluindo o nazismo, que se ligaram ao longo da vida política e na gestão da presidência de Bolsonaro. A imprensa em geral se fartou em detalhar essas similaridades e “coincidências”. Em 1995 ele defendeu estudantes de um colégio militar que tinham escolhido Adolf Hitler como personagem histórico mais admirado, por ter conseguido impor ordem e disciplina¹²⁰. Em 2006, a antropóloga Adriana Dias encontrou também em seus arquivos impressos, que três diferentes sites de neonazistas tinham um banner com a foto de Bolsonaro e o *link* para o site que ele tinha na época¹²¹. Em 2011, o Telejornal da Gazeta mostrou um grupo de nazistas paulistas que convocaram uma manifestação em defesa das declarações

118 <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>

119 <https://twitter.com/jpdoficial1/status/1408209170348773376>

120 <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-ja-defendeu-estudantes-que-admiravam-hitler-confira/>

121 <https://www.intercept.com.br/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>

homofóbicas e racistas de Bolsonaro¹²². O ex-presidente também enviou uma carta a um neonazista, que depois foi preso e condenado no estado de Minas Gerais, por ter enforcado um morador de rua¹²³. Em 2015, Carlos Bolsonaro, filho de Jair, convidou Marco Antônio Santos para discursar sobre o projeto Escola sem Partido, na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (RJ) e Santos ficou conhecido por se vestir com representações análogas ao nazismo¹²⁴. Em 2020, Bolsonaro fez uma de suas lives no Facebook, acompanhado pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e o secretário de Agricultura e Pesca, Jorge Seif Júnior; em determinado momento da transmissão os 3 tomam um copo de leite, com a informação de estarem incentivando o agronegócio brasileiro, produtores de leite. Porém, o ato é considerado símbolo de movimentos supremacistas brancos, por pesquisadores da Antropologia e História¹²⁵. Jair Bolsonaro também tem foto ao lado de Marco Antônio Santos vestido com roupas com características nazistas¹²⁶. Em 2021, um assessor do governo Bolsonaro fez um gesto racista simbólico dos movimentos supremacistas brancos, em uma sessão do Senado Federal, durante a fala do presidente da casa¹²⁷. O então secretário de cultura do governo Bolsonaro, Roberto Alvin, (importante também lembrar que ele é diretor teatral), em um vídeo de pronunciamento público, copiou trechos do discurso de Joseph Goebbels (ministro da propaganda de Hitler), usou música de fundo de Richard Wagner (compositor favorito de Hitler) e montou um cenário, roupas

122 <https://www.youtube.com/watch?v=-TuAq1MzEhc>

123 <https://www.otempo.com.br/cidades/neonazista-de-belo-horizonte-e-condenado-pela-justica-1.1296063>

124 <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/10/25/hitler-em-brasilia-jornal-israelense-publica-artigo-com-criticas-a-jair-bolsonaro.htm>

125 <https://revistaforum.com.br/politica/2020/5/29/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live-76033.html>

126 <https://jornalistaslivres.org/bolsonaro-e-o-nazismo/>

127 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/09/interna_politica,1275079/mpf-denuncia-felipe-martins-por-gesto-supremacista-branco.shtml

e corte de cabelo similares ao usado por Goebbels¹²⁸. Em 2021, Bolsonaro recebeu e elogiou a vice-presidente do partido neonazista "Alternativa para a Alemanha", líder da extrema direita alemã e neta do ministro das finanças de Hitler, Lutz Graf Schwerin von Krosigk¹²⁹. Um dos slogans mais utilizados em campanhas do ex-presidente foi "Deus, Pátria e família", e este era também o slogan do movimento integralista brasileiro, conhecido como o fascismo brasileiro e que na época da guerra apoiava Hitler e Mussolini¹³⁰. Em 2020, o ministro da educação, Abraham Weintraub, declara que a operação de busca e apreensão a alvos próximos ao governo de Jair Bolsonaro, dentro do inquérito de combate a *fake news*, no STF, seria lembrado como a noite dos cristais brasileira, em alusão à trágica Noite dos Cristais.

O uso de um evento histórico e marcante do período nazista como foi a Noite dos Cristais para caracterizar um fato político cotidiano brasileiro é "absurdo e inconsequente", na opinião do historiador Avraham Milgram, pesquisador que trabalhou por mais de três décadas do Museu Yad Vashem, o Museu do Holocausto, em Israel (Idoeta, 2020, online).

Os filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo e Carlos, praticam tiro em um clube nos Estados Unidos que enfrentou acusações relacionadas ao uso de símbolos nazistas. De acordo com reportagem da Agência Pública¹³¹, vários indícios ligam este clube a símbolos nazistas. Os instrutores de tiro são conhecidos dos filhos de Bolsonaro (Eduardo e Carlos), e um deles é proprietário de um clube de tiro no Brasil, no estado de Santa Catarina. É curioso constatar que esse instrutor foi homenageado na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro,

128 <https://www.dw.com/pt-br/discurso-de-alvim-com-refer%C3%AAncias-ao-nazismo-gera-rep%C3%BAdio-maci%C3%A7o-nas-redes/a-52047210#:~:text=Ex%2Dsecret%C3%A1rio%20de%20Cultura%20que,extrema%20direita%20evitaram%20defend%C3%AA%2Dlo.>

129 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978671>

130 <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>

131 <https://apublica.org/2021/09/carlos-e-eduardo-bolsonaro-praticam-tiro-em-clube-nos-eua-acusado-de-usar-sinais-nazistas/>

por Carlos Bolsonaro. Em 2016, Eduardo Bolsonaro compareceu a um evento de armas nos Estados Unidos, acompanhado por seu amigo Tony Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, que atuava como instrutor no clube de tiro "88 Tactical". Eduardo Bolsonaro aparece em fotos vestindo a camisa que exibe o logotipo do referido clube de tiro "88 Tactical", que também já foi frequentado pelo filho do ex-presidente Donald Trump. O número "88" é um símbolo usado por grupos neonazistas e supremacistas brancos e representa a saudação "Heil Hitler", pela similaridade fonética e já que "H" é a oitava letra do alfabeto. Entretanto, as conexões suspeitas não param por aí. A logo-marca do clube apresenta uma águia, similar à que era usada no brasão do partido nazista alemão. Em uma parede, desenhos de linhas disfarçam a indicação de outro número associado mundialmente ao nazismo e a supremacistas: "1488"¹³². Além disso, o clube de tiro 88 lançou uma variedade de café com o nome "SS"¹³³, mesmo nome da polícia do estado nazista. O proprietário do clube, ainda, possui um cachorro da raça Dobermann, de origem alemã e que atende pelo nome de "PANZER"¹³⁴, que, por sua vez, é o nome de um tipo de tanque de guerra alemão utilizado durante a Segunda Guerra Mundial.

"Ninguém vai admitir que são imagens que remetem ao nazismo, é claro, mas é visível demais a ligação dessas imagens. Eles dizem, por exemplo, que o [1488] é uma coisa da localização do clube no mapa, mas eu fui ver. O clube não está nem localizado nessa altitude", diz Adriana Dias, pesquisadora especialista em movimentos neonazistas (Maciel, Fonseca, Levy e Rudnitzki, online, 2021).

A Fierj, Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, no dia 02 de julho de 2019, publicou nota, assinada por várias comunidades

132 <https://x.com/oedbrasil/status/1316382059917701121?s=20> e <https://revistaforum.com.br/politica/2023/8/10/neonazistas-ameam-matar-senador-fabiano-contrato-vamos-lanar-uma-serie-de-ataques-terroristas-142056.html#tbl-em-lnksp0ru9nv4c3obdeq>

133 Segundo o Clube 88, a marca SS refere-se à abreviação de Silencer Smooth.

134 <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-publica/2021/09/30/irmaos-bolsonaro-praticam-tiro-em-club-de-acusado-de-usar-sinais-nazistas.htm>

judaicas no Brasil¹³⁵, sobre a homenagem prestada pelo Exército Brasileiro ao oficial do exército alemão, que integrou as tropas nazistas, Edward Ernest Thilo Otto Maximilian von Westernhagen¹³⁶.

Estranhamos que, a pretexto de condenar ações armadas no Brasil da década de 60, nosso respeitado Exército Brasileiro tenha decidido homenagear um oficial alemão que, durante a Segunda Guerra Mundial, participou da ocupação da França e da União Soviética, lugares onde as tropas nazistas sabidamente perpetraram crimes contra a humanidade, inclusive e principalmente contra as comunidades judaicas locais. Estranhamos também que a nota não tenha feito menção ao fato de o Brasil ter lutado contra a Alemanha e ao lado dos Aliados naquele conflito. Discutir a História é sempre válido. Mas omitir aspectos fundamentais pode levar a um perigoso revisionismo [...] (Conib, 2019, online).

O avanço do sentimento de intolerância foi uma escalada constante, devido à influência dos algoritmos das redes sociais. Esta intolerância foi, ainda mais, impulsionada aos milhares de grupos bolsonaristas no WhatsApp e Telegram e muitas vezes foram mensagens acompanhadas de “apito de cachorro” para os adeptos extremistas. O Museu do Holocausto em Curitiba postou no Twitter uma nota que diz¹³⁷: “É estarrecedor que não haja uma semana que o Museu do Holocausto de Curitiba não tenha que denunciar, reprovar ou repudiar um discurso antissemita, um símbolo nazista ou ato supremacista. No Brasil, em pleno 2021. São atos que ultrapassam qualquer limite de liberdade de expressão.”

135 Além da Conib, assinaram o documento: CIAM – Comitê Israelita do Amazonas FISESP – Federação Israelita do Estado de São Paulo – Federação Israelita do Estado de Minas Gerais – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro – Sociedade Israelita do Ceará – Centro Israelita do Rio Grande do Norte – FIPE – Federação Israelita de Pernambuco – Sociedade Israelita da Bahia – Associação Cultural Israelita de Brasília – Federação Israelita do Paraná – Associação Israelita Catarinense – FIRS – Federação Israelita do Rio Grande do Sul.

136 <https://conib.org.br/noticias/todas-as-noticias/conib-lamenta-iniciativa-do-exercito-de-homenagear-oficial-do-exercito-alemao.html>

137 <https://x.com/MuseuHolocausto/status/1491083721206022145?s=20>

O impacto mais sério da disseminação da intolerância e com evidente atitude anticientífica (negacionista) certamente se fez sentir na gestão da pandemia de coronavírus. O governo de Bolsonaro caracterizou-se por insistir em manifestar a desconfiança em relação à ciência e em defender a disseminação de desinformação, utilizando, muitas vezes, a retórica de apelo à liberdade de informação. A postura ideológica anticientífica e o discurso contrário às universidades não sofreram interrupções mesmo, e principalmente, durante o período pandêmico da Covid-19, causando um notável impacto negativo nas instituições de saúde pública do Brasil. Pode-se perceber isso no fato de que, ao longo desse período crítico, houve a substituição de três ministros da Saúde¹³⁸, aparentemente devido a discordâncias quanto à adoção de medidas que não contribuíram para a prevenção da pandemia. Caso as abordagens, discursos e vontades do presidente Bolsonaro fossem implementados, a situação resultaria em um aumento substancial no número de óbitos causados pela Covid-19, que em si já foi muito alto.

A opção sistemática pela charlatanice em detrimento da verdade científica tem várias causas, mas decorre, acima de tudo, de uma razão ideológica, assente no ódio profundo à modernidade e a tudo quanto dela derivou: ciência, tolerância, direitos humanos (Araújo, 2021, online).

Durante os estágios iniciais da pandemia do coronavírus, observou-se uma postura marcante por parte do ex-presidente Bolsonaro que, mesmo diante da crescente gravidade da situação em outros países, optou por adotar discursos e frases de efeito que minimizavam a gravidade da pandemia. Desde declarações que caracterizavam a doença como uma "gripezinha", até outras expressões que tornavam evidente a abordagem anticientífica do ex-presidente. Assim, o líder da nação brasileira demonstrava uma preocupação prioritária com os efeitos econômicos no país em detrimento da preservação das vidas dos cidadãos. Para Bolsonaro, a pandemia era

138

<https://bvsmis.saude.gov.br/2023-2011/>

sinônimo de histeria e fantasia, enquanto proliferava frases anticiência. O jornal Estado de Minas listou frases¹³⁹ que retratam, de forma resumida, mas que fazem um registro simbólico, o que foi o (des)governo na gestão da pandemia no Brasil:

1. Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga (10 de março de 2020).
2. Porque não vai, no meu entender, conter a expansão desta forma muito rígida. Devemos tomar providências porque pode, sim, transformar em uma questão bastante grave a questão do vírus no Brasil, mas sem histeria (15 de março de 2020).
3. Até com esse superdimensionamento. Tudo bem que vai ter problema. Vai ter. Quem é idoso e está com problema ou deficiência. Mas não é isso tudo que dizem. Até que na China já está praticamente acabando (16 de março de 2020).
4. Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derubar, não (20 de março de 2020).
5. Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho (24 de março de 2020).
6. Eu acho que não vai chegar a esse ponto [do número de casos confirmados nos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele (26 de março de 2020).

139

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/03/interna_politica,1489025/em-15-frases-relembre-desprezo-de-bolsonaro-pela-pandemia-da-covid-19.shtml#google_vignette

7. Eu não sou coveiro (20 de abril de 2020) [respondeu Bolsonaro ao ser questionado por repórter sobre qual número de mortes seria aceitável para que ele, então, defendesse as medidas aconselhadas por órgãos de saúde].
8. E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou messias, mas não faço milagre (28 de março de 2020)¹⁴⁰. Quando questionado sobre novo recorde de mortes registradas em 24 horas, com 474 óbitos, ultrapassando a China no número total de óbitos pelo novo coronavírus.
9. Toma quem quiser, quem não quiser, não toma. Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda toma Tubaína (19 de maio de 2020) [divulgando o uso da cloroquina, remédio cientificamente ineficaz contra a Covid-19]¹⁴¹.
10. Esse vírus é quase como uma chuva, vai atingir você", acrescentou Bolsonaro. Alguns têm que tomar um maior cuidado com esse fenômeno. Acontece, infelizmente acontece (07 de julho 2020).
11. Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, **todos nós vamos morrer um dia**. Não adianta fugir disso, fugir da realidade, tem que deixar de ser um país de **maricas** (10 de novembro de 2020) [grifo nosso].
12. Nós temos que enfrentar os nossos problemas, **chega de frescura e de mimimi. Vão ficar chorando até quando?** Temos de enfrentar os problemas. Respeitar, obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades, mas onde vai parar o Brasil se nós pararmos (04 de março de 2021) [grifo nosso].

140 <https://www.youtube.com/watch?v=KGACSGjToUk>

141 <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/hidroxicloroquina-nao-previne-hospitalizacoes-por-covid-19-mostra-novo-estudo/>

André Duarte (2020) em seu livro "A Pandemia e o Pandemônio" conduz uma investigação perspicaz e uma análise aprofundada da gestão Bolsonaro nos estágios iniciais da pandemia de 2020. Sua abordagem se concentra especialmente na condução do (des)governo Bolsonaro no contexto da crise gerada pelo novo coronavírus. Duarte (2020) desenvolve a hipótese de que a chegada da pandemia ao país revelou a natureza de um intrincado dispositivo político que entrelaça biopolítica, neoliberalismo e a concepção de necropolítica elaborada por Achille Mbembe. Nesse contexto, o autor destaca a importância de aprimorar as análises do *modus operandi* da antipolítica do (des)governo Bolsonaro diante dos desafios impostos pela pandemia. Duarte (2020) oferece ainda uma contribuição significativa para o entendimento crítico do cenário político e social brasileiro durante esse período crucial.

Um regime necropolítico predefine quais parcelas da população tornam-se a priori privadas das condições necessárias para viver sua vida de maneira digna. Por isto, sob um regime necropolítico tais mortes não merecem sequer luto e consideração: são estatísticas e nada mais, são mortes desprovidas de significação simbólica, não estão destinadas ao pesar. ("E daí?", disse o presidente) (Duarte, p. 101, 2020).

Conforme os dados do Ministério da Saúde¹⁴², até 7 de outubro de 2023 o Brasil registrou um total de 706.000 óbitos decorrentes da Covid-19, desde o início da pandemia. Durante o período crítico da doença, abrangendo os anos de 2020 e 2021, o país apresentou um acumulado de 619.000 óbitos, resultando em uma taxa de mortalidade de 294,58 a cada 100.000 habitantes. É notável observar que as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde se concentra uma parcela significativa dos apoiadores de Bolsonaro, experimentaram taxas de mortalidade superiores, acima da média nacional.

O Observatório da Pandemia da *Johns Hopkins University* (JHU), denominado "*Coronavírus COVID-19 Global Cases by the Center for Systems Science and Engineering* (CSSE) ¹⁴³", realiza um acompanhamento contínuo da evolução da pandemia em escala global desde seu início. De acordo com os dados do observatório, o Brasil se posiciona em quarto lugar a nível mundial, com uma das mais elevadas taxas de mortalidade atribuídas à Covid-19, ficando atrás somente do Peru, Estados Unidos e Chile. Uma análise feita, em 2021, pelo Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Universidade de São Paulo (USP)¹⁴⁴, em parceria com a Conectas Direitos Humanos, retrata que aconteceu no Brasil uma estratégia institucional de propagação do Coronavírus e, "oferece uma visão de conjunto de um processo fragmentado e propositadamente confuso. Ao afastar a tese de incompetência ou negligência do governo federal, o estudo revela a existência de uma estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo governo federal sob a liderança do Presidente da República" (Ventura e Reis, 2021, p. 7, online).

A 10ª edição do Boletim Direitos na Pandemia, uma iniciativa do Cepedisa (Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário da Universidade de São Paulo), em parceria com a Conectas Direitos Humanos, revela a existência de uma estratégia institucional de propagação do Coronavírus, promovida pelo governo federal sob a liderança do presidente Jair Bolsonaro.

Os dados do estudo foram produzidos ao longo do ano de 2020, quando foram observadas 3.049 normas federais e 4.427 normas estaduais relativas à Covid-19 com o intuito de avaliar o seu impacto sobre os direitos humanos (Ventura e Reis, 2021, online)¹⁴⁵.

143 <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>

144 <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/#wpcf7-f18339-o1>

145 <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/#wpcf7-f18339-o1>

Segundo Ethel Rudnitzki e Laura Scofield¹⁴⁶, em um levantamento feito pela Agência Pública, a *hashtag* “#VirusChines”, ligada a postagens de desinformação e de negacionismo, chegou ao *Trending Topics* no Twitter, em 19 de março de 2020. Este episódio foi analisado e também mostra que Eduardo Bolsonaro, conhecido como o filho “zero três”¹⁴⁷ do ex-presidente Jair Bolsonaro, retuitando no início dessa campanha, acusou o governo chinês pelo coronavírus: “A culpa é da China e liberdade seria a solução”. Ainda segundo as autoras, os grupos de seguidores e apoiadores de Bolsonaro fizeram chamamento para um “tuitaço” e o que se percebeu é que “foram 94 mil tuítes e retuítes – uma média de 3 por segundo –, nos quais foram constatadas evidências de manipulação algorítmicas com o uso de contas automatizadas”. Notadamente, personalidades que apoiam o presidente Jair Bolsonaro também tiveram grande influência para levantar esta *hashtag*.

Os 94.243 tuítes feitos com a *hashtag* [#VirusChines] dentro do período de 8 horas analisado vieram de 27.982 perfis. A média é de 3,38 tuítes por usuário, mas, na realidade, apenas 187 (0,67%) perfis foram responsáveis por mais de 10% das postagens (Rudnitzki e Scofield, 2020, online).

Pesquisadores do Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS), da Unicamp, analisaram notícias falsas geradas pela família Bolsonaro e seus aliados, compartilhadas nas redes sociais, sobre a pandemia do coronavírus, em uma linha de investigação interdisciplinar. Criaram um canal de denúncias para mapear e combater *fake news* nas redes sociais. Com isso, além de ajudar a esclarecer, compilaram dados sobre estas postagens. Detectaram que “a difusão de conteúdos falsos que tem origem nos perfis de Bolsonaro e de seus aliados conta também com o auxílio e parecem trabalhar articuladamente com uma rede de *bots* – usuários robôs –, que atuam

146 <https://apublica.org/2020/03/robos-levantaram-hashtag-que-acusa-china-pelo-coronavirus/>

147 <https://apublica.org/2019/02/o-zero-3-do-presidente-bolsonaro/>

espalhando massivamente a publicação”¹⁴⁸. Segundo Leandro Tessler (2020), pesquisador do Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS) da Universidade Estadual de Campinas:

[...] é possível observar vínculo direto entre desinformações de cunho político e os discursos do presidente. “Mais recentemente, o que eu tenho visto é que vinham circulando na semana passada muita coisa de vírus chinês. Dizendo que isso é um plano deliberado chinês para abaixar os mercados do mundo, comprar empresas a preços baixos e dominar o mundo. Parece desenho animado” [...] (Tessler *apud* Souza, 2020, online).

Ainda e inclusive, Silva, Francisco e Sampaio (2021), pesquisadores do campo da Ciência da Informação e da Ciência Política, debruçaram-se sobre o conteúdo da página web de Jair Bolsonaro, entre os anos de 2013 e 2016. Usando de metodologia científica, aprofundaram as análises de conteúdo sobre 3.819.909 comentários. “Os resultados mostraram o ódio político-partidário como o mais recorrente, seguido pelo discurso sexista, LGBTfóbico e xenofóbico. As formas de manifestação mais recorrentes foram insultos e xingamentos, estereótipos e generalizações, sentimento de superioridade e ameaças”.

Na frente cultural, vale a pena sublinhar que os partidos fascistas sempre foram defensores violentos de uma concepção estritamente binária de gênero. Na década de 1920, Berlim era uma cidade em expansão cultural e um centro da emergente vida gay europeia, que a ideologia nazista associava aos judeus. A cidade também foi sede do Institut für Sexualwissenschaft de Magnus Hirschfeld, uma vasta biblioteca e arquivo que abriga uma ampla variedade de expressões de gênero. Isso fez dele um dos principais inimigos do Partido Nazista. Quando os nazistas começaram a queimar livros, a biblioteca de Hirschfeld estava entre os primeiros alvos (Stanley, 2022, online).

Foram várias as vezes em que Bolsonaro fez discursos recheados com elementos de intolerância. Vale destacar um em específico¹⁴⁹, feito em uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em 2017, pois foi uma coletânea de exemplos com alvos distintos. Abertamente fez ataques racistas, contra indígenas, mulheres, homossexuais, refugiados e até zombou sobre deficiência física do ex-presidente Lula.

“Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” [...]

“Se eu chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola” [...]

“Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Não, porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual a essa raça que tá aí embaixo, ou como uma minoria que tá ruminando aqui do lado” [...]

“O pessoal aí embaixo, eu chamo de cérebro de ovo cozido. Não adianta botar a galinha, que não vai sair pinto nenhum. Não sai nada daquele pessoal” [...]

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” [...]

“Tínhamos na presidência um energúmeno que são sabia contar até dez porque não tinha um dedo” [...] (Congressoemfoco, 2017, online).

O discurso de Bolsonaro, que foi exibido em 2018, nas manifestações em favor dele para eleição a presidente, na avenida Paulista, em São Paulo, às vésperas do segundo turno das eleições, tem um teor forte contra o seu adversário político e diz que “opositores serão

banidos de nossa pátria". Ainda diz que "a faxina agora será muito mais ampla" e depois afirma que "os opositores vermelhos ou devem sair do país ou vão para a cadeia". Além desse tom belicoso, um fato curioso é que nitidamente alguém ao telefone lhe diz (o tempo todo), a Jair Bolsonaro, as palavras que deve falar¹⁵⁰.

O jornal Estado de Minas, em 2022, registrou uma fala de Jair Bolsonaro, em campanha para reeleição, contra seu adversário político Lula, na qual o denomina de "capeta": "Temos um mal pela frente, um capeta que quer impor o comunismo no nosso Brasil"¹⁵¹. Os discursos extremistas de Bolsonaro, com uma retórica anticomunista, quase sempre foram direcionados a alvos como a imprensa e seus adversários políticos. Muitas vezes este discurso anticomunista está envolto em um contexto que gera o medo e que mantém coesa a bolha de percepção da realidade. A repercussão das falas de Bolsonaro acaba por "inspirar" diversos *posts* nas redes sociais, de aliados e de robôs, que multiplicam o conteúdo de medo do comunismo, promovem e pedem uma intervenção militar para livrar o Brasil da ameaça comunista ou "ateísta".

"A política do medo é decisiva em todo esse processo, ela acompanha essa linguagem (sobre o comunismo) e adquire uma conotação mais ou menos agressiva ao longo do tempo", afirmou a cientista política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Daniela Mussi, que também destaca a motivação antidemocrática dessas mensagens.

Para Eugênio Bucci, professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e coordenador acadêmico do Instituto de Estudos Avançados (IEA), da Universidade de São Paulo (USP), o desconhecimento também assusta. "Esses grupos que alimentam o medo do comunismo têm em comum a característica de não saber o que é comunismo. Faz parte de uma expressão daquilo que o ser

150 <https://tvul.uol.com.br/video/bolsonaro-diz-que-se-eleito-marginais-vermelhos-serao-banidos-da-patria-04024D983372D4A96326>

151 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/13/interna_politica,1393335/bolsonaro-sobre-lula-capeta-que-quer-impor-o-comunismo-no-nosso-brasil.shtml

humano tem de mais primitivo. Não há muito como esperar se resolver esse tipo de coisa com algum tipo de censura. De forma nenhuma", ponderou Bucci (Teles, Lima e Queiroz, 2022, online).

Os ataques verbais de Bolsonaro também tiveram como alvo a imprensa em outras tantas vezes. Um forte exemplo foi em um discurso feito para apoiadores, em 2021, em resposta a críticas da imprensa sobre o gasto de milhões para compra de chicletes, bombons, refrigerante e latas de leite condensado¹⁵². A justificativa foi de que a maioria desses gastos foi para o Ministério da Defesa, para alimentação das Forças Armadas. Neste discurso, Bolsonaro cita a lata de leite condensado de forma abusiva contra a imprensa: "Quando eu vejo a imprensa me atacar dizendo que eu comprei R\$ 2 bilhões em leite condensado, vai para puta que pariu. Imprensa de merda essa daí. É para enfiar no rabo de vocês aí, vocês não, da imprensa. Enfiar no rabo essas latas de leite condensado".

O economista Paulo Guedes, PhD pela Universidade de Chicago¹⁵³, o berço de economistas que influenciaram as reformas liberais nos EUA, Reino Unido e Chile, no final do século XX, foi o principal e mais forte ministro na gestão da presidência Bolsonaro. Desde a campanha eleitoral Guedes era o "homem forte", aquele a quem Bolsonaro recorria para versar sobre economia, afinal o próprio Bolsonaro admitia publicamente¹⁵⁴ que não entendia de economia e que ele tinha Paulo Guedes para isso.

Rapidamente Guedes tentou impor sua agenda econômica liberal com reforma do sistema previdenciário, tentou fazer uma reforma tributária, mas foi vencido politicamente pelo Congresso

152 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/01/27/interna_politica,1232837/bolsonaro-sobre-compra-de-leite-condensado-enfiar-no-rabo-da-imprensa.shtml

153 Paulo Guedes foi "bancado por uma bolsa de estudos do CNPq, que lhe rendia US\$ 2.330 mensais, e auxílio da FGV e da própria Universidade de Chicago". Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/perfil/paulo-guedes/>

154 <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/bolsonaro-diz-que-nao-entende-de-economia-e-nem-de-feminismo/>

e também tentou implantar um projeto de privatizações, porém as principais empresas estatais (Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal)¹⁵⁵ tiveram vitória política e conseguiram ficar de fora deste programa. O ministro da economia teve seu nome envolvido pelo "*Pandora Papers*", um vazamento internacional de documentos confidenciais que expôs políticos, artistas e outras personalidades mundiais em um esquema envolvendo *offshores* para escaparem de pagar impostos em seus países de origem.

Um vazamento de mais de 11,9 milhões de documentos confidenciais jogou luz sobre as fortunas secretas de algumas das pessoas mais influentes e conhecidas do mundo. Os Pandora Papers, a maior colaboração jornalística da história, abre as portas para a indústria offshore, um mundo de empresas de fachada, beneficiários ocultos e escritórios de advocacia poderosos (El Pais, 2021, online).

Guedes buscava justificar uma política de austeridade de gastos públicos e proferiu algumas frases de efeito, mas que infelizmente acabaram por demonstrar ter ele um perfil elitista e discriminatório. "Empregada doméstica indo para Disney, uma festa danada" (Guedes, 2020, online)¹⁵⁶, disse, e insinuou ainda, sem mostrar nenhuma prova, que o programa de financiamento estudantil do governo federal proporcionou a "filho de um porteiro", ter sido aprovado para ingressar na universidade privada, mesmo obtendo pontuação zero nas provas¹⁵⁷. Guedes também disse que "os chineses 'inventaram' o novo coronavírus e fizeram vacinas menos eficazes do que os Estados Unidos" (UOL, 2021, online).

155 <https://www.infomoney.com.br/perfil/paulo-guedes/>

156 <https://www.youtube.com/watch?v=bLGlc4cVP8Q>

157 <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/29/guedes-fies-levou-ate-para-filho-de-porteiro-para-universidade-diz-jornal.htm>

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark blue. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right, there are faint, small numbers (1-9) scattered across the teal background. The overall texture is grainy and layered, suggesting a collage or a digital composition with a hand-drawn feel.

6

**A (RE)VOLTA
DO INTEGRALISMO
NO BRASIL**

O fascismo italiano nasceu proletário e nasceu violento, segundo Doria (2022) e foi moldado com os soldados de elite da Itália, conhecidos pelo temperamento agressivo, logo após o fim da Primeira Guerra. Benito Mussolini lhes deu um propósito e formaram a Milícia Voluntária para a Segurança Nacional. Ficaram conhecidos como os “camisas negras”, grupos paramilitares fascistas, apoiadores do regime fascista de Mussolini.

Ocorre que o fascismo é muito particular. É o caminho pelo qual a extrema-direita captura a devoção daqueles que os comunistas chamavam proletários. O fascismo deixa a esquerda marxista sem discurso – em sua essência, é um nó tático. Porque se o proletário é o único que pode decidir sobre seu destino e ele escolhe o fascismo, como responder? (Doria, 2020, online).

Stanley (2022) vai mais longe na busca pela origem do germe do fascismo e aponta que o início dessa estrutura ideológica nacionalista e segregacionista, que vimos florescer nas primeiras décadas do século XX, na Europa, seja na Itália de Mussolini e mesmo na Alemanha de Hitler, parece ter tido uma antevisão na origem da Ku Klux Klan, nos Estados Unidos. Em 1921, uma segunda versão da Ku Klux Klan adotou o slogan “América Primeiro”, junto de um compromisso com a supremacia branca e os papéis tradicionais de gênero. Esta “segunda Klan concentrou seus esforços em espalhar a paranoia a respeito dos marxistas judeus” (Stanley, 2022, online).

No Brasil, uma forma católica integralista de fascismo foi importada diretamente da Itália por Plínio Salgado. O papel do Cristianismo também é óbvio na estrutura do fascismo russo que hoje está em ascensão. Os russos e a Rússia são retratados como os últimos defensores do cristianismo contra as forças pagãs do liberalismo ocidental decadente e da fluidez de gênero. E, claro, o cristianismo sempre animou o fascismo americano, com o seu núcleo ideológico de nacionalismo cristão branco (Stanley, 2022, online).

O integralismo brasileiro foi um movimento que nasceu em 1932, entre intelectuais, denominado Ação Integralista Brasileira (AIB), com o lançamento do Manifesto Integralista, baseado nos alicerces do “Espiritualismo, justiça social, nacionalismo, democracia, corporativismo, combate ao liberalismo (político e econômico) e rejeição ao socialismo”¹⁵⁸. Durante o período da ditadura de Getúlio Vargas e a criação do Estado Novo, de 1937 a 1945, o movimento integralista chegou a tentar um golpe armado (Levante Integralista) contra Vargas, em 1938, mas fracassaram e vários integrantes foram presos. O líder intelectual do movimento, Plínio Salgado, seguiu para um autoexílio em Portugal.

O fascismo brasileiro era mais organizado, mais estruturado, e contava com maiores números do que o comunismo. Em grande parte, é porque o fascismo encontrou, ao menos até o Estado Novo, um espaço de tolerância no governo de Getúlio Vargas. Os comunistas não tiveram algo assim. Se isto talvez explique o curto alcance comunista, não explica o crescimento da Ação Integralista Brasileira (AIB). Só uma coisa explica, um traço que preferiríamos negar. Está em nosso DNA político. Na sociedade brasileira, no caldo de cultura que reúne crenças, histórias que contamos a nós mesmos, os muitos valores, o conjunto daquilo com que criamos a ideia de Brasil, há espaço para um movimento fascista de grande porte. Como Getúlio interrompeu o crescimento da AIB quando ele estava a toda, não sabemos em que ponto atingiria seu potencial. Mas a AIB nos obriga a pensar no movimento espontâneo que levou à Presidência Jair Messias Bolsonaro – também ele um político vindo do interior paulista (Doria, 2020, online).

Após este período, a ditadura de Getúlio Vargas chegou ao fim, quando os militares deram a ele um ultimato obrigando-o a renunciar. O Brasil tenta neste período retomar o caminho democrático. Com base nas informações históricas do site oficial da

Frente Integralista Brasileira (integralismo.org.br), os integralistas naquela época se reorganizam e fundam um partido, o PRP, Partido de Representação Popular. Este partido segue seus dias, mas sem muita influência direta. Plínio Salgado retornou ao Brasil em 1946 e criou o Partido da Representação Popular (PRP). Foi eleito deputado federal pelo estado do Paraná, em 1958. Porém, em 1964, o Brasil viveu um golpe militar que colocou o país sob um regime ditatorial até 1985. O golpe de 1964 teve a participação direta do integralista General Olímpio Mourão Filho. O Atlas Histórico da Fundação Getúlio Vargas (FGV)¹⁵⁹ diz que “de acordo com as informações fornecidas pela *Central Intelligence Agency* (CIA), serviço de espionagem norte-americano, ao Departamento de Estado dos EUA, publicadas anos mais tarde no Jornal do Brasil, em abril de 1963 o general Mourão Filho teria afirmado que o golpe contra Goulart ocorreria dentro de 30 dias” (FGV, 2023, online)¹⁶⁰. O golpe de fato aconteceu em 1964, após o presidente João Goulart anunciar dois decretos: A nacionalização das refinarias de petróleo privadas e a desapropriação de terras para uso em reforma agrária. No dia 30 de março de 1964 teve início a operação “Silêncio”, com um controle direto da Polícia Militar em diversos estados, várias rodovias foram fechadas e ficaram sob vigilância ostensiva os postos de combustível, venda de armas, emissoras de rádio e televisão, jornais, sindicatos e bancos. Em 31 de março, o general Mourão Filho ocupou a estação telefônica de Juiz de Fora e autorizou a primeira movimentação das tropas e da Polícia Militar. Iniciava assim a Operação “Gaiola”, que aprisionou líderes da esquerda, estudantes e sindicalistas. Na noite do dia 1º de abril, Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, declarou vaga a presidência da República e assumiu o poder o Comando da Revolução, constituído pelo general Artur da Costa e Silva, o almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo. Assim, os partidos políticos são extintos, entre eles o PRP e uma

159 <https://atlas.fgv.br/>

160 <https://atlas.fgv.br/verbete/3707>

nova Constituição foi promulgada. Neste período ocorreram diversas cassações políticas, censura à imprensa e alguns anos depois o Congresso foi também fechado e proibiu-se o voto direto para presidente da República, governador, prefeito e senador. Somente era possível votar em deputados federais, estaduais e vereadores. Na sequência, quase todos os partidos políticos foram extintos e o Brasil viveu um longo período com apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição.

O dia 1º de abril está marcado duplamente nos capítulos mais tristes da história democrática brasileira. Foi nessa data, em 1964, que o então presidente João Goulart foi obrigado a deixar Brasília e o cargo para evitar, em suas próprias palavras, um derramamento de sangue diante do golpe militar iniciado na véspera. Ditadura militar com respaldo civil que resultaria no assassinato e na cassação de direitos políticos de centenas de brasileiros e na tortura de milhares de pessoas. Também foi nesse dia, há exatos 46 anos, que o Congresso Nacional foi fechado pela 18ª e última vez em 200 anos (Pauxis; Sardinha, 2023, online).

Após a redemocratização brasileira, com o fim da ditadura em 1984, o Brasil viveu períodos de uma certa “tranquilidade política”, resguardados os costumeiros escândalos de corrupção, noticiados pela imprensa, em praticamente todas as gestões deste período e as idiosincrasias da política brasileira que levaram ao afastamento e consequente perda de mandato de dois presidentes: Fernando Collor de Mello, em 1992 e Dilma Rousseff, em 2016. Na sequência do afastamento de Dilma, a presidência foi ocupada pelo vice Michel Temer, que conduziu o país a uma nova eleição, que foi então a disputa entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Neste período pré-eleitoral no Brasil ocorreu um movimento judicial denominado Lava Jato, que emparedou políticos e agentes públicos, com denúncias de corrupção, muito inspirado no modelo do movimento “Mãos Limpas”, que ocorreu na Itália, nos anos 90.

Michele Oliveira (2022), jornalista do UOL, destaca¹⁶¹ que o sentimento antipolítico, que brotou na Itália naquele período e inspirou Donald Trump e até mesmo o Brexit, na verdade fez renascer a ultradireita na Itália, com contornos fascistas.

Podemos dizer que a Lava Jato, em 2014¹⁶², assim como a Operação Mãos Limpas, disseminou no Brasil o sentimento de aversão à política, de antipolítica. Foi neste episódio da história recente que a maioria dos partidos políticos estiveram envolvidos em escândalos de corrupção. “Os procuradores que se levantaram a partir de 2014 eram funcionários públicos, carregados desse espírito da indignação da classe média ascendente com a corrupção do sistema. Encarnaram como uma missão, talvez vista pela população como messiânica” (Doria, 2020).

Segundo Doria (2020)¹⁶³, no Brasil teríamos um desejo por uma autoridade, quase que paternalista, que conseguisse acabar com o que ele chama de “bagunça”.

Há um desejo expresso da população por um líder que acabe com a bagunça, que imponha ordem. Há sede de autoridade, que, no Brasil, sistematicamente se faz confundir com autoritarismo. Que no Brasil sempre passa com parte do povo batendo às portas dos quartéis. Mas, desta vez, foi por meio de uma eleição. Não custa insistir: esta não é uma diferença irrelevante (Doria, 2020, online).

O Brasil, ainda segundo Doria (2020) estaria sentindo os efeitos da transformação para uma sociedade da era digital, quando os trabalhadores acabaram perdendo aquilo que era visto como uma segurança, como uma aposentadoria garantida e os planos de saúde cus-

161 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/11/caminho-para-a-ultradireita-na-italia-comecou-ha-30-anos-diz-autor-de-livro-sobre-maos-limpas.shtml>

162 Para conhecer o Caso Lava Jato, veja detalhes segundo o Ministério Público Federal, disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>

163 <https://inteligencia.insightnet.com.br/plinio-e-bolsonaro/>

teados em parceria com o empregador. Viram-se agora, os trabalhadores brasileiros, em uma espécie de “uberização” do trabalho, baseado em aplicativos e tantas outras formas de atuação, com poucos direitos e nenhum vínculo trabalhista que, na verdade, mais se caracterizam por ser um tipo de subemprego ou mesmo uma atividade precária.

Doria (2020) ainda nos fala que, nos regimes democráticos que parecem não funcionar, esses movimentos acabaram por fecundar uma Nova Direita, com características nacionalista, xenófoba e autoritária. Uma versão renovada do “levante do integralismo, um movimento Fascista Brasileiro, na década de 1930, inspirado na Itália fascista de Benito Mussolini”. Pois como uma revolta com tudo aquilo que acontece na política, criando uma antipolítica, o fascismo se reinventa¹⁶⁴ e se apresenta como revolucionário, ao mesmo tempo que é um movimento reacionário e que busca subir ao poder, por dentro das regras do jogo democrático. “Hoje, desprezar a democracia é um tabu. É preciso, ao menos, fingir-se democrático. Vale para a presidência de Donald Trump nos EUA, a de Viktor Orbán na Hungria, e a de Jair Bolsonaro no Brasil” (Doria, 2020).

“Através da identificação antecipatória do mundo totalmente **matematizado com a verdade**, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno mítico.” (Adorno E Horkheimer, 2006, p. 33). Segundo esses pensadores isso é um ledó engano, vimos isso com a ascensão do fascismo nos anos 30. E vemos isso hoje, na segunda década do século XXI (Silva, 2021, p. 132. grifo nosso).

Bolsonaro entrou no jogo político democrático e foi eleito presidente da República do Brasil pela maioria dos votantes brasileiros, mas apesar de ser um político de histórico com vários mandatos no poder legislativo, conseguiu projetar uma imagem pública de *outsider* da política. Em análise sobre o histórico de Bolsonaro, realizado por pesquisadores (Paula, Araújo e Saraiva, 2020) da Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG), é apresentado um breve, mas interessante, resumo da trajetória de vida dele. Os autores destacam que, ainda quando era um deputado federal, além de enaltecer o período da ditadura militar no Brasil¹⁶⁵, prestou homenagem publicamente ao coronel do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, durante uma votação no Congresso Nacional, o qual liderou uma unidade de inteligência na ditadura e posteriormente foi condenado por crimes de tortura. Mais tarde, reforçou ainda mais esta declaração e o chamou então de herói nacional¹⁶⁶. Além disso, Bolsonaro defendeu medidas extremistas. Entre elas, destaca-se “a pena de morte, a prisão perpétua, o regime de trabalhos forçados para condenados, a redução da maioria para 16 anos e um rígido controle da natalidade como maneira eficaz de combate à miséria e à violência” (Paula, Araújo e Saraiva, 2020, p. 104).

Bolsonaro usou fortemente as redes sociais para se projetar em sua campanha, e muitas vezes acusando a imprensa em geral de ser contrária aos seus ideais. A eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente do Brasil, em 2018, dividiu opiniões por todo o país, não apenas no cenário político, mas invadiu o contexto social, empresarial e até mesmo familiar¹⁶⁷. Jair Bolsonaro ficou muito popular, no Brasil e no mundo, por declarações polêmicas e pelas acusações de ter utilizado *fake news* em sua campanha, propagando uma ideologia e um estilo patriota de ser, que em muito pode ser comparado ao movimento integralista brasileiro, do líder Plínio Salgado, da década de 1930.

165 “O período da Ditadura Militar no Brasil iniciou-se com o golpe de 1964 e desenvolveu-se por meio de governos militares durante 21 anos. Foi um período marcado pelo autoritarismo e a violação dos direitos humanos” [...] “começaram as manifestações em defesa da realização de eleições diretas para presidente em 1985. Era o movimento “Diretas Já”, que aconteceu em várias cidades do Brasil” [...] “O candidato da oposição, Tancredo Neves, derrotou o governista Paulo Maluf e tornou-se o primeiro civil eleito desde o golpe de 1964, encerrando assim um ciclo militar que durou 21 anos.” (Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/ditadura-militar-no-brasil.htm>)

166 Bolsonaro também o chamou de “herói nacional” (Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional>).

167 O cientista político Felipe Nunes e o jornalista Thomas Traumann lançaram um livro específico sobre possíveis causas e consequências da polarização política no Brasil, com o título “Biografia do abismo: Como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil”.

O presidente Jair Bolsonaro encerrou seu discurso na Assembleia-Geral da ONU, nesta terça-feira, 20, afirmando que o povo brasileiro acredita em “Deus, Pátria, família e liberdade”. Utilizada de forma recorrente pelo chefe do Executivo, a frase coincide com o lema do movimento integralista, que surgiu no Brasil na década de 1930 e tem inspiração no fascismo de Benito Mussolini (1883-1945) (Estadão, 2022, online)¹⁶⁸.

Segundo Jason Stanley (2018), em sua obra Como funciona o fascismo, a política do “nós” e “eles” destaca pontos da estratégia da política fascista, com metas de conseguir alçar ao poder. Bernardi e Moraes (2021) destacam ainda as características de projetos fascistas ao longo da história, que podemos perceber também nas táticas e atos envolvendo Bolsonaro: “o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. O quadro abaixo apresenta, resumidamente, as táticas fascistas elencadas por Stanley”.

Quadro 01 – Táticas Fascistas

Táticas	Mecanismos
O passado Mítico	<ul style="list-style-type: none">- Invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído. Pode ser religiosamente puro, racialmente puro e culturalmente puro.- Evoca uma versão extrema da família patriarcal.- Reforça que o passo mítico era um tempo de glória da nação, com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exército repleto de guerreiros leais.- Este passado foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito “por valores universais”, como a igualdade, pois estes valores supostamente enfraquecem a nação.- Sustenta uma ideologia autoritária e hierárquica.

168 <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-repetiu-lema-integralista-ao-encerrar-discurso-na-onu-entenda/>

Táticas	Mecanismos
Propaganda	<ul style="list-style-type: none">- O papel da propaganda política é de ocultar os objetivos problemáticos de políticos ou movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos.- Usa linguagem dos ideais virtuosos.- Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas.- Fortes campanhas anticorrupção.
Anti-intelectualismo	<ul style="list-style-type: none">- Mina o discurso público atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem.- As escolas devem apresentar aos alunos a cultura dominante e seu passado mítico.- A educação é considerada uma ameaça ao fascismo.- Busca solapar a credibilidade das instituições universitárias que abrigam vozes independentes de dissensão até que elas possam ser substituídas pela mídia e por universidades que rejeitam essas vozes.- Dentro das universidades visam professores que consideram demasiadamente politizados e denunciam áreas inteiras de estudo.- Acusam as universidades de doutrinação marxista.- O objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir o orgulho do passado mítico.
Irrealidade	<ul style="list-style-type: none">- Substitui o debate fundamentado por medo e raiva.- O que é bem-sucedido quando o público fica com uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que são ditos como responsáveis pela perda.- Troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo.- Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo de destruição da informação.- Mente de forma inconsequente.- Apresenta teorias conspiratórias (principalmente elevando o anticomunismo).- Desacreditam a mídia liberal e sugerem comportamento mentiroso da mídia.- Abala a confiança na imprensa e nas universidades.- Os políticos se apresentam como defensores de valores democráticos, mas não são.

Táticas	Mecanismos
Hierarquia	<ul style="list-style-type: none">- A natureza impõe hierarquias de poder e dominância que contrariam categoricamente a igualdade de respeito.- A hierarquia é uma espécie de ilusão em massa, e os políticos representam os mitos que legitimam suas hierarquias como fatos imutáveis.- A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres.- Reforça a crença de que existem diferenças genéticas de grupos em termos de habilidades cognitivas ou capacidade de controlar as próprias ações, principalmente entre gêneros, raças e etnias.
Vitimização	<p>A ascensão de grupos minoritários é vista como uma ameaça pelos grupos dominantes.</p> <ul style="list-style-type: none">- Essa vitimização dos grupos dominantes frente a perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários é amplamente usada pelos políticos fascistas.- A propaganda fascista apresenta normalmente hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante.- Esse sentimento de vitimização é utilizado pelo fascismo para justificar formas de opressão passadas, atuais e novas.- A política fascista encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para enfrentá-la.- O líder fascista emprega um sentimento de vitimização coletiva para criar uma noção de identidade de grupo que é, por sua natureza, oposto ao ethos cosmopolita e ao individualismo da democracia liberal.

Fonte: Stanley (2018) apud Bernardi e Morais, 2021, p. 309.

Doria (2020) recorda o discurso proferido por Robert Paxton, um acadêmico norte-americano, durante sua explicação a um júri francês em 1997. Na ocasião, Paxton abordou a natureza da França fascista durante o julgamento de um colaborador nazista.

é mais fácil enxergá-los pelas paixões que moviam, por aquilo que os motivavam e por como se viam, do que pelas ideias. Assim, não é relevante se um é estatista e o outro, não. Importa, isto sim, que o fascismo acredita que a sociedade está em declínio, que ele se enxerga humilhado, que se percebe como uma vítima do sistema.

Que aí contra-ataca com nacionalismo, que arma seus militantes, cultua unidade e exige total fidelidade. Que se relaciona com as elites tradicionais, mas há desconforto nesse relacionamento. Respira violência. No momento em que tem força suficiente para tal, atropela restrições éticas ou legais (Paxton *apud* Doria, 2020, online).

"Jair Bolsonaro se encaixa na definição que Paxton escreveu muitos anos antes. Encaixar é pouco. É como se nada de original houvesse em Bolsonaro. É como se a definição tivesse sido escrita para ele", ressaltou Doria (2020).

Encontra-se na conclusão da Tese de doutoramento, de Frederico A. P. Campean (2019), a indicação que o discurso bolsonarista é na verdade fascista. Este estudo foi feito na Unicamp, mais especificamente no Instituto de Estudos da Linguagem, e fez análise do discurso bolsonarista, desde a campanha até os primeiros meses de governo, e aponta uma série de eventos e atos, tanto ligados a Jair Bolsonaro como a seus aliados políticos.

Ao analisarmos as textualizações que constituem o discurso de Bolsonaro desde a leitura de todos os recortes selecionados, até a análise que foi feita a partir dos escolhidos, **posso afirmar, que temos na presidência do Brasil um homem assujeitado pela ideologia fascista**, e sua formação discursiva é constituída, como consequência, por essa mesma ideologia. Comparando os quatorze pontos estabelecidos por Eco com o discurso do bolsonarismo, não há um ao menos em que ele não se encaixe. Esta conclusão, é preciso reafirmar, não é feita a partir do sociológico; do político, ou do "histórico comum", mas sim da Análise de Discurso. A afirmação é a de que **o discurso do bolsonarismo é fascista**, também a de que, como foi dito o sujeito discursivo é assujeitado pelo fascismo, assim como sua formação discursiva é constituída pela ideologia do Ur-fascismo (Campean, 2019, p. 223, grifo nosso).

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark red. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. The entire image has a textured, almost paper-like appearance.

7

**A TEIA DO DISCURSO
MESSIÂNICO:**

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA
E SEITA POLÍTICA**

O estudo de Paula, Araújo e Saraiva (2020) nos aponta, com base nos conceitos de Marilena Chaui (2000)¹⁶⁹, que os elementos presentes nos materiais de campanha eleitoral de Bolsonaro ativaram o espírito de um “Messias Redentor” que veio salvar a nação brasileira. Para alcançar isso, ele explorou em seus materiais de campanha os símbolos:

- **Sagração da Natureza**, mostrando belezas naturais e abundância, como sendo uma dádiva de Deus.
- **Sagração do Governante**, analisando o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que coloca a palavra Brasil ao lado da palavra Deus e mostra ainda a imagem do candidato. Desta forma, associando à imagem dele a de alguém que é abençoado por Deus, que pode comandar a nação brasileira. O estudo ainda aponta que outros vídeos de campanha mostram apoiadores bolsonaristas fazendo referência ao nome de Jair **Messias** Bolsonaro. Em um exemplo, destacam a frase: “Teu nome já diz ‘o Messias’, então eu acho que aí a gente já diz tudo”.
- **Nacionalismo**, como uma difusão de um tipo de “religião patriota”, mostrando a seguinte fala extraída de um vídeo de campanha: “Um novo Brasil está nascendo. Um Brasil patriota, em que o cidadão tem orgulho de dizer que vive aqui”.
- **Verdeamarelismo**, exaltando em seus vídeos de campanha os símbolos nacionais, como a bandeira, a camisa amarela da seleção brasileira de futebol, execução do hino nacional e até mesmo um jingle (que foi repetido várias vezes em vídeos oficiais): “Azul, branco, amarelo e verde é nossa bandeira. Com fé na força do povo ela jamais será vermelha”.

Os apoiadores passaram a chamar Jair Messias Bolsonaro literalmente de “mito”¹⁷⁰ e isso foi testemunhado por todos, em diversos eventos públicos. Este “mito”, denominado pelos seus seguidores bolsonaristas, virou um grito de guerra, um slogan político.

os apoiadores da pessoa Jair Messias Bolsonaro passaram a nomeá-lo “**mito**” e reconhecê-lo como alguém que estaria **acima do bem e do mal** e como alguém de cuja eleição dependeria o futuro do Brasil. Um salvador que resgataria o país daquilo que esses apoiadores consideravam errado (Paula; Araújo; Saraiva, 2020, online, grifo nosso).

Essa fantasia da evocação de um mito pode se referir, segundo Paula, Araújo e Saraiva (2020) ao arquétipo de um rei, representante da graça de Deus:

[...] Essa fantasia parece evocar sentimentos antigos de que viria um rei, um salvador escolhido por Deus, para governar. Um governante que, conforme sugere Chauí (2000), cumpriria o propósito de Deus para a nação brasileira na terra e cuja vontade seria a lei soberana, pois seria a vontade do próprio Deus, de quem esse rei seria o representante (Paula; Araújo; Saraiva, 2020, online).

Após a eleição de Jair Messias Bolsonaro o Brasil enfrentou uma sucessão de episódios caracterizados por intolerância, abrangendo também a intolerância religiosa, e violência em suas diversas formas, incluindo agressões verbais, físicas e simbólicas. Estes eventos estão muitas vezes associados a movimentos da extrema direita e a discursos de intolerância, feitos por personalidades políticas e até mesmo pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro. Estes episódios podem ter contribuído para o aumento dos casos e relatos de violência na sociedade.

170

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/recepcao-a-bolsonaro-tem-gritos-de-mito-ataques-a-lula-e-divisao-de-claque-veja-videos.shtml>

Retomando a Tese de Campean (2019), o autor destaca ainda, no governo de Bolsonaro, o discurso de posse de Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves, que também é uma pastora evangélica, que em linhas gerais reproduziu falas de Jair Bolsonaro, de natureza ultraconservadora, com um lugar de fala que amalgamou mulher-ministra-pastora. “O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”, disse Damare.

O discurso bolsonarista que nega o Estado laico é ressignificado no discurso da ministra, que se coloca na posição enunciativa de sujeito cristão, mais, sujeito autoridade religiosa (pastora), e é enfatizado pelo advérbio de intensidade “terrivelmente”; **a expressão “terrivelmente cristã” produz os efeitos de fundamentalismo religioso** (Campean, 2019, p. 169, grifo nosso).

Bolsonaro também buscou abrigo em seus discursos com uso de uma retórica messiânica, em um evidente gesto de tentativa de aproximação às comunidades religiosas do segmento evangélico. Segundo Arias (2019), em seu discurso de posse como Presidente, Jair Messias Bolsonaro usou várias vezes a frase “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Neste mesmo episódio, que inaugurava a trajetória de governo, o seu ministro de Relações Exteriores, Ernesto de Araújo, mandou recados explícitos de associação messiânica a Donald Trump e a Bolsonaro: “são eles que devolverão Deus a uma civilização que o tinha perdido”. Destacou ainda que Deus estará “na diplomacia, na política, em todas as partes”.

A fusão entre religião e intolerância também se formou no Brasil como consequência das ações políticas do bolsonarismo aliado ao poder das redes sociais. Como parte do seu eleitorado é de origem evangélica, naturalmente Bolsonaro saiu em defesa de pautas do interesse desta comunidade.

Com as fronteiras entre o estado laico e os interesses religiosos cada dia mais estreitas e rasas, as consequências se fizeram notar em declarações públicas do governo Bolsonaro. A primeira-dama,

Michelle Bolsonaro, foi protagonista de diversas pérolas de teor religioso/político¹⁷¹, em momentos que discursou para uma plateia evangélica. Em 2021, para comemorar a indicação do novo Ministro do STF, comprometido com as pautas evangélicas, disse: “André Mendonça, nosso irmão em Cristo e, agora, ministro do Superior Tribunal Federal. O nosso Deus é justo e fiel, cumpriu o que prometeu.” Durante uma marcha evangélica, ela discursou e também puxou a pauta política para a seara de uma guerra santa: “Nós estamos aqui para cumprir uma missão que Deus me chamou, Deus é o senhor e nós declarando que o Brasil é dele, aleluia”. Aproveitando essa proximidade com os grupos evangélicos, Michelle também eleva o marido ao patamar de “escolhido por Deus”, justamente no lançamento da chapa para tentar a reeleição da presidência da República: “Nós aprendemos a amar o nosso Brasil. Uma terra santa, uma terra escolhida por Deus. E Deus tem promessas para o Brasil. Ele é um escolhido de Deus”. Rapidamente o teor dos discursos sai da exaltação religiosa e entra em áreas do confronto entre religiões, com a sugestão de que as religiões de origem africana são demoníacas, representam o mal e estão associadas ao adversário político: “Nós declaramos que o Brasil é do senhor. Não estamos lutando contra homens e mulheres. Estamos lutando contra espíritos do mal”.

A violação do princípio da liberdade religiosa produz guerras, mata pessoas, exclui grupos, espalha ódio, separa, condena sem tribunal a alteridade e mantém os 'intolerantes' no poder. Trata-se do poder de um discurso que, em verdade, acredita que todos devem ter as mesmas crenças. Talvez para facilitar o controle? (Nogueira *apud* Rodrigues, 2020, online).

Em 2022, Michelle discursou para uma plateia reunida durante um culto, em uma igreja evangélica, e subiu ainda mais o tom de intolerância religiosa, ao falar que vivemos o momento de uma guerra-santa política e de atribuir qualidades messiânicas ao

seu marido, Jair Messias Bolsonaro¹⁷²: "Aquele lugar foi um lugar consagrado a demônios. Consagrado a demônios, cozinha consagrada do demônio, Planalto consagrado a demônio e hoje, consagrado ao Senhor" [...] "É uma guerra do bem contra o mal, mas eu creio que nós vamos vencer porque Jesus venceu na cruz do calvário".

A primeira-dama também declarou e divulgou vídeos que mostram que ela realizou cultos evangélicos dentro do Palácio do Planalto, sede do poder executivo, inclusive dizendo que levava seguidores para orarem na sala e na cadeira onde sentava o presidente da República (seu marido), e intensifica o tom messiânico da escolha por Bolsonaro: "Eu sempre oro toda terça-feira no gabinete dele quando ele vai embora. Quando o Planalto se fecha, eu entro com meus intercessores e oro na cadeira dele. E eu declaro todos os dias: Jair Messias Bolsonaro, ser forte e corajoso, não temas. Não temas. Ele é um escolhido de Deus, ele é um escolhido de Deus. Esse homem tem um coração puro, limpo, além de ser lindo, né? Mas é meu", segundo o jornal O Globo¹⁷³.

Em mais um ataque, agora específico às religiões de origem africana, Michelle e um deputado pastor evangélico, Marco Feliciano, repostaram um vídeo no Instagram¹⁷⁴ do ex-presidente Lula recebendo um banho de pipoca, de uma baiana, adepta da religião do candomblé. Este vídeo foi postado originalmente pela vereadora da cidade de São Paulo, Soraia Fernandes, com comentário que associa religião africana com as trevas. "Lula já entregou sua alma para vencer essa eleição. Não lutamos contra a carne nem o sangue, mas contra os principados e potestades das trevas. O cristão tem que ter

172 <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2022/08/15059184-video-michelle-bolsonaro-fala-sobre-expulsao-no-planalto-em-culto-evangelico-entenda.html>

173 <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/08/michelle-bolsonaro-leva-evangelicos-para-orar-de-madrugada-dentro-do-palacio-do-planalto.ghtml>

174 <https://www.estadao.com.br/politica/michelle-bolsonaro-ataca-lula-com-video-que-associa-umbanda-as-trevas-isso-pode/>

a coragem de falar de política hoje, para não ser proibido de falar de Jesus amanhã", postou Soraia. Este post circulou rapidamente pelas redes bolsonaristas, acabou estigmatizando a referida baiana como uma pessoa ligada às trevas e ela chegou a abrir uma queixa-crime denunciando ter sofrido ataques de intolerância religiosa após a divulgação do vídeo e os comentários¹⁷⁵.

Letícia Mori, da BBC Brasil, publicou uma matéria específica sobre a trajetória da primeira-dama¹⁷⁶ e destacou a desenvoltura dela frente a uma plateia de 30 mil pessoas, em um ato de campanha de seu marido para presidência, durante uma marcha evangélica na cidade do Rio de Janeiro (RJ). "Nós vamos sim trazer a presença do Senhor Jesus para o governo. E vamos declarar que essa nação pertence ao Senhor" [...] "As portas do inferno não prevalecerão sobre a nossa família, sobre a igreja brasileira e sobre o nosso Brasil".

As associações messiânicas ao nome de Jair Messias Bolsonaro com o teor de uma cruzada, de uma guerra-santa, que tenta capturar o Brasil para um caminho de trevas, somaram-se ao discurso da necessidade de luta contra a ameaça do comunismo, de uma "ditadura vermelha" e alimentaram o sentimento de medo dos seguidores que estavam alinhados ao discurso bolsonarista. Estes foram ficando cada dia mais isolados do resto do mundo, pelos filtros impostos pelas comunidades de interesse comum nas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp e Telegram) e, ainda mais, sob a influência dos algoritmos das redes sociais, que também filtraram o acesso individual à informação desses usuários. Foram alguns anos de influência e vivência em diversas bolhas de percepção da realidade, moldadas e adequadas a cada segmento de público. Alguns mais religiosos, outros nem tanto, porém todos esses grupos estavam sob forte bombardeio diário de *posts* que incentivavam o

175 <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/08/16/mulher-apresenta-queixa-crime-por-injuria-apos-vereadora-de-sp-e-michelle-bolsonaro-compartilharem-video-na-internet.ghml>

176 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62668831>

medo e que salientavam o momento histórico que exigia a participação ativa dos seguidores. Foram inúmeros *posts*, *memes* e *hashtags* impulsionadas com a intenção de fomentar as bolhas algorítmicas, que a cada dia mais segmentadas e mais seletivas ficavam à informação, cristalizando uma percepção de realidade.

Após as eleições de 2022, o impacto de quatro anos de governo Bolsonaro e do funcionamento desta máquina de desinformação em massa, nas redes sociais, impulsionada sob as regras dos algoritmos, acabou desembarcando uma horda de pessoas que se prontificaram a acampar em frente aos quartéis do exército, por todo o país¹⁷⁷ e questionavam unissonamente o resultado das urnas que não elegeram o seu candidato, que seria o salvador da pátria, contra a corrupção, contra o comunismo, enfim, contra tudo que fosse de origem das “trevas”. Alguns exemplos¹⁷⁸ dessas ações ganharam destaque na mídia e foram mencionados até mesmo em depoimentos durante uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Tais ações não podem ser consideradas como casos isolados, uma vez que essas pessoas que ficaram acampadas em frente a quartéis do exército representam uma parcela significativa das 1.500 pessoas que acabaram detidas em flagrante, por envolvimento em atos antidemocráticos e de vandalismo com ataques aos três poderes em 8 de janeiro de 2023.

177 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/defesa-calcula-5-000-manifestantes-acampados-em-quarteis-pelo-brasil/>

178 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64205793>

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark red. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right, there are faint, small numbers (1-9) scattered across the teal background. The overall style is reminiscent of mid-20th-century abstract art.

88

O SEQUESTRO DO SIMBOLISMO

O fenômeno da apropriação e utilização dos símbolos nacionais (bandeira nacional, camisa da seleção brasileira de futebol e até a data de celebração da Independência do Brasil) pelo movimento da extrema direita no Brasil, mais especificamente a retórica bolsonarista, tem se destacado como um elemento significativo na arena política e acabou por dividir a população¹⁷⁹. A apropriação indevida destes símbolos pelo extremismo político introduziu uma dinâmica complexa que impactou diretamente na identidade coletiva, pois historicamente estes símbolos representam a diversidade e ao mesmo tempo a unidade da nação brasileira. Essa ação estratégica de adotar e se apropriar de símbolos nacionais, mostra que a estratégia do bolsonarismo é buscar legitimar suas agendas e objetivos, associando-os a uma suposta defesa dos valores nacionais. Contudo, essa apropriação não ocorre sem controvérsias, criando divisões na sociedade e gerando tensões em torno da diferença antagônica das interpretações histórica e contemporânea desses símbolos.

"Nesses contextos ultranacionalistas, não só a bandeira do Brasil, como várias outras bandeiras de Estados-nação tendem a se tornar metonímia não de um país, mas de partidos da extrema direita, que se apropriam e sequestram símbolos nacionais e, curiosamente, com isso, ferem a própria ideia de nação como constituição de um 'espírito coletivo'", constata Ana Caroline Almeida, especialista em Comunicação e professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) (Vilela, 2022, online).

A consequência dessa apropriação pode ser a polarização política intensificada pela utilização seletiva dos símbolos nacionais e contribui para a fragmentação social e o enfraquecimento do senso de coletividade. Além disso, a instrumentalização desses símbolos para promover uma agenda específica pode marginalizar grupos, afetando a coesão social e a inclusão de diferentes vozes na

179

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/09/5035164-apropriacao-de-simbolos-nacionais-divide-populacao-avalia-cientista-politico.html>

construção do cenário político nacional. Esta estratégia, por fim, não é nova, tem histórico de já ter sido utilizada em governos ditatoriais.

Comum nas ditaduras militares da América Latina e também nos regimes stalinistas, a apropriação desses símbolos está também associada ao catálogo de medidas dos fascismos do século 20, aponta Francisco Palomanes Martinho, professor de História Ibérica da Universidade de São Paulo (USP).

"Na chamada crise dos liberalismos do período que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, essa apropriação ganhou contornos muito próprios: ela se dá na afirmação do 'nacional' em detrimento do 'outro'. É nesse contexto que ideias de 'raça' ou 'espírito nacional' ganharam espaços cada vez maiores. Os símbolos nacionais, assim, se tornaram absolutos, inquestionáveis. Questioná-los seria questionar a própria existência da nação", pontua Martinho (Vilela, 2022, online).

Em suma, a apropriação e o uso seletivo dos símbolos nacionais pela extrema direita desencadeiam uma série de consequências que vão além do âmbito político, impactando a dinâmica sociocultural e fraturam a percepção da identidade nacional.

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark blue. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. Faint, small numbers (1-9) are scattered across the teal and blue areas, giving it a data-like or digital feel.

9

**DITADORES DA FALSA
REALIDADE:
LÍDERES ANTICORRUPÇÃO**

O fenômeno histórico da ascensão de líderes autoritários por meio do discurso anticorrupção revela uma estratégia recorrente na conquista do poder. Ao longo da história, ditadores e líderes extremistas exploraram a crescente preocupação da sociedade com a corrupção e consequente desilusão pública com a política como uma ferramenta eficaz para obter apoio popular e justificar suas agendas autoritárias.

Ao longo da história, ditadores se valeram do discurso anticorrupção e nos mostram que vivemos hoje apenas uma modernização tecnológica das mesmas táticas de discursos populistas, utilizadas por líderes nefastos para alcançarem o poder.

Benito Mussolini, na Itália, nos anos 20, fundador do Partido Nacional Fascista na Itália, empregou a retórica anticorrupção para justificar a necessidade de um governo forte. Ele apresentou seu regime como a solução para a instabilidade política e econômica, consolidando o poder em um estado totalitário. O símbolo fascista já pregava que estava apartado dos partidos políticos e enfatizava um discurso anticorrupção, para consertar a nação italiana. “Devemos lembrar que o fascismo, quando surgiu, apresentou-se como um movimento que não se envolveria com os partidos políticos, pois achava que os homens da política eram mentirosos, fracos e corruptos e que a política não era o caminho da mudança e sim da permanência” (Caron, 2015, p. 90).

Adolf Hitler, na Alemanha, dos anos de 1930, líder nazista, também utilizou o discurso de antipolítica, disseminação de *fake news*¹⁸⁰ e combate à corrupção como um elemento-chave de sua plataforma política. A instabilidade pós-Primeira Guerra Mundial e a crise econômica criaram um terreno fértil para a ascensão de Hitler, que explorou a desilusão pública para consolidar seu poder e estabelecer uma ditadura.

180

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/opinion/1538852257_174248.html

Ferdinand Marcos, presidente que governou as Filipinas de 1965 a 1986, utilizou a promessa de combater a corrupção em sua campanha eleitoral, apesar de ter sido considerado o segundo governante mais corrupto de todos os tempos, pela Transparência Internacional¹⁸¹. No entanto, seu governo foi marcado por abusos de direitos humanos e corrupção sistêmica, demonstrando a desconexão entre retórica e prática.

Vladimir Putin, presidente da Rússia, no início dos anos 2000, adotou uma postura anticorrupção¹⁸² para consolidar seu poder e legitimidade. Embora tenha implementado medidas para combater a corrupção¹⁸³, sua liderança também foi associada a um aumento da centralização do poder e da repressão política.

Jair Bolsonaro, presidente do Brasil de 2018 a 2022, incorporou o discurso anticorrupção desde sua campanha eleitoral, capitalizando a insatisfação pública com escândalos de corrupção anteriores. Sua abordagem levanta questões sobre a linha tênue entre a luta legítima contra a corrupção e o uso dessa narrativa para consolidar poder de maneira autoritária.

Podemos então traçar alguns pontos de convergência e que merecem destaque, em discursos populistas, como a promessa de moralidade e ordem, quando líderes autoritários frequentemente utilizam a narrativa anticorrupção para se apresentarem como paladinos da moralidade e da ordem. Ao apontarem para a corrupção como o inimigo central, criam uma imagem de si como redutores capazes de restaurar valores tradicionais e estabilidade social. A disseminação e exploração da desilusão pública¹⁸⁴ em relação às ins-

181 <https://exame.com/mundo/ex-ditador-filipino-pode-ser-enterrado-como-heroi-da-nacao/>

182 <https://www.dw.com/pt-br/russos-veem-com-ceticismo-a-promessa-de-putin-de-combater-a-corrup%C3%A7%C3%A3o/a-16445215>

183 <https://www.estadao.com.br/internacional/putin-diz-que-nivel-de-corrupcao-na-russia-e-inadmissivel/>

184 Desilusão no sentido de perda da esperança, da descrença, do sentimento de tristeza, da frustração, desapontamento e/ou decepção.

tituições democráticas fornece um terreno fértil para aqueles que se apresentam como reparadores das instituições com reputações carcomidas. Frequentemente, esse papel é desempenhado por indivíduos que se autodenominam *outsiders* da política, uma vez que se argumenta que a política, em si, pode ser a causa subjacente de parte dessas mazelas. Nesse contexto, a percepção generalizada de falhas éticas nas estruturas democráticas é habilmente capitalizada por líderes que se posicionam como agentes de mudança, comprometidos em restaurar a integridade e a eficácia das instituições.

O discurso anticorrupção, nessas circunstâncias, torna-se mais uma ferramenta estratégica para conquistar a confiança do público, que se sente representado pelas palavras que abordam o desencanto. Este discurso visa consolidar apoio em torno da imagem de quem seria capaz de revitalizar o sistema político. Ao se dirigir especificamente àqueles desiludidos com as estruturas democráticas, os líderes que adotam essa abordagem buscam criar uma narrativa convincente que converge com a decepção pública, prometendo uma renovação moral e uma ordem pública e política restaurada.

A percepção de que as estruturas democráticas falharam na promoção da ética política é habilmente explorada pelos populistas. A retórica anticorrupção pode servir inclusive como justificativa para a centralização do poder. Líderes extremistas, ao se apresentarem como os únicos capazes de enfrentar a corrupção, buscam consolidar autoridade, frequentemente minando as instituições democráticas e enfraquecendo ainda mais o sistema baseado na independência dos poderes basilares da República (Executivo, Legislativo e Judiciário).

A manipulação e a disseminação seletiva de informações, muitas vezes exageradas ou distorcidas, assemelham-se a estratégias empregadas por seitas religiosas extremistas, tanto no contexto de *fake news*, como na demonização do adversário ou de quem não faz parte do grupo. Esta prática é uma ferramenta-chave à intenção de projetos fascistas, que adotam essa abordagem e manipulam a

percepção pública (ou do público) ao concentrar-se em casos específicos, direcionando a atenção para seus adversários, ao mesmo tempo em que, desta forma, evitam as análises sobre suas próprias práticas. Essa estratégia visa claramente moldar e controlar a percepção da realidade de modo a favorecer a consolidação de poder e a perpetuação de uma imagem intocada do líder e de seu movimento.

E, assim como líderes fascistas do passado, como Mussolini (principal pai ideólogo do fascismo italiano dos anos 1920) e Hitler (líder nazista do nacional-socialismo alemão), Trump e Bolsonaro entendem que a ocupação por vias democráticas é o caminho pra dominar as esferas públicas dos afetos, da economia e do sistema jurídico-político, e assim destruí-los com práticas autocráticas, que fragilizam de forma brutal as instituições públicas dos estados democráticos que eles governam (Silva, p. 31. 2021).

Silva (2021) ainda aponta que essas doutrinas ideológicas (políticas) encontradas pela nova direita desejam mesmo é destruir pelo lado de dentro a democracia. Porém, também atuam e forçam o sistema democrático, de fora para dentro, quando minam os valores institucionais de uma sociedade democrática.

“Esta permanecerá sempre como uma das melhores piadas da democracia, que ela tenha dado aos seus inimigos mortais os meios pelos quais ela foi destruída”¹⁸⁵. Não foi à toa que Jason Stanley escolheu a frase do ideólogo nazista Joseph Goebbels como epígrafe do livro. (Francisquini, 2019, online).

Quando Jason Stanley (2022)¹⁸⁶ escreveu para o Project Syndicate ¹⁸⁷, fez uma afirmação assustadoramente realista: “Para que os partidos e políticos fascistas ganhem as eleições, normalmente têm de atrair o apoio de pessoas que, se solicitadas, rejeitariam veementemente o rótulo fascista. Mas isto não precisa de ser tão difícil: os eleitores apenas têm de ser persuadidos de que a democracia já não serve os seus interesses”.

Os fascistas podem vencer quando os conservadores sociais decidirem que o fascismo é o mal menor. Podem vencer quando um número suficiente de cidadãos decidir que acabar com a democracia é um preço razoável a pagar para alcançar algum objetivo acalentado – como a criminalização do aborto. Podem vencer quando uma corte dominante decide acabar com a democracia, a fim de preservar a sua primazia cultural, financeira e política. Eles podem vencer quando atraem votos daqueles que apenas querem zombar do sistema ou atacar com ressentimento. E podem vencer quando as elites empresariais decidirem que a democracia é apenas um insumo substituível (Stanley, 2022, online).

Isso pode ser facilmente identificado no que ficou conhecido no Brasil como o perfil do homem de bem, que brotou como fruto de uma percepção de realidade na bolha bolsonarista. O sistema político e o judiciário, que na visão bolsonarista são apenas corruptos e defensores de ideais contrários à formação da família tradicional, devem ser ferozmente atacados e abatidos.

186 <https://www.project-syndicate.org/onpoint/fascism-100-years-and-the-threat-today-by-jason-stanley-2022-10>

187 O *Project Syndicate* produz e entrega comentários originais e de alta qualidade para um público global. Apresentando contribuições exclusivas de líderes políticos proeminentes, legisladores, acadêmicos, líderes empresariais e ativistas cívicos de todo o mundo, fornecemos à mídia noticiosa e a seus leitores análises e insights de ponta, independentemente da capacidade de pagamento. Os nossos membros incluem mais de 500 meios de comunicação – mais de metade dos quais recebem os nossos comentários gratuitamente ou a preços subsidiados – em 156 países (project-syndicate.org).

André Duarte (2020) reforça o bolsonarismo como fruto do movimento com foco na antipolítica e que se constituiu (em grande parte) de pessoas que antes eram indiferentes à política, como algo de interesse do universo comum da sociedade. Para Duarte (2020), quando esses, que eram indiferentes, se politizam acabam buscando moralizar, de forma rasteira, as relações políticas e, por isso mesmo, faz sentido que o amálgama da base de apoio bolsonarista seja justamente a bandeira de combate à corrupção. Mas pior do que isso, essa base política tem um denominador comum que repudia e despreza o sistema político (entenda-se aqui democrático), pois não compreende a dinâmica e o tempo político. Cria-se assim uma revolta por ações emergentes, como um sentimento revolucionário, afastando-os da hipótese de uma atuação reformista.

Esta atitude moralizadora para com a política perpassa todas as classes sociais, o que lhe dá aspecto de coesão, razoabilidade e respeitabilidade. Segundo essa lógica moralizadora e privatizadora da coisa política, tudo se passa como se os problemas da economia nacional pudessem ser resolvidos “se todos acordarem mais cedo para trabalhar”, afirma Tiago da Silva. Do mesmo modo, os problemas sociais seriam rapidamente solucionados por meio da aplicação de “castigos mais severos. Insensíveis ao tempo da política, acreditam que grandes mudanças exigem apenas o tempo de demonstração de suas verdades, creem no fim instantâneo da corrupção e nos efeitos imediatos de leis moralizantes.” A política passa a ser vista como atividade que deve ser recusada, gerando-se, então, o sentimento de revolta contra o sistema político e sua temporalidade e dinâmica próprias. Tais problemas se acentuam ainda mais em tempos de uso intensivo das redes sociais, aspecto que agrava os perigos do bolsonarismo como tomada de posição política que se volta contra a política (Duarte, 2020, p. 156).

The background is a complex abstract composition. It features large, overlapping organic shapes in shades of teal, orange, and dark red. A central figure is composed of a light beige, textured shape with a red circle on top and a black circle below it. To the right of this figure is a large yellow circle. The entire scene is overlaid with a grid of small, faint numbers in various colors (white, yellow, red) and thin lines. The overall style is reminiscent of mid-century modern graphic design.

10

XEQUE-MATE:
DESAFIOS À ORDEM
INSTITUCIONAL

O fenômeno da mudança da hegemonia política mundial, que transcendeu os contornos estabelecidos pela Guerra Fria, constitui uma dinâmica complexa e multifacetada que desafia a compreensão da população em geral, que não é especialista em economia e relações internacionais.

Os estudos da área de Relações Internacionais e Defesa [...] geralmente levam em conta a superfície geográfica do país, suas riquezas naturais (agrícolas e minerais), o peso de sua economia (em geral o Produto Interno Bruto total e per capita) e o tamanho e estrutura de sua população. Também são considerados a posição geopolítica, o pertencimento à Organizações Internacionais influentes (G-7, OCDE, OTAN, CSONU), a estabilidade político-institucional e, last but not least, a dimensão e qualidade das Forças Armadas. Geralmente esses itens são quantificados e tabelados, produzindo um ranking das potências e, a partir daí, uma série de reflexões estratégicas e cenários geopolíticos (Visentini, 2019, p. 09).

Durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, o mundo testemunhou a consolidação da polarização entre os Estados Unidos e a União Soviética, configurando a Guerra Fria como o epicentro das tensões globais. Contudo, com o advento da sociedade da informação, emerge um novo paradigma que redefine as relações geopolíticas, econômicas e diplomáticas, deslocando o eixo de poder da configuração de supremacia da bipolaridade entre estas duas potências, para um desenho agora multipolar, com outras nações tendo influência na geopolítica mundial. Visentini (2019) ainda destaca que “no início do século XXI há um Equilíbrio (instável) de Poder Global. Há dois níveis de clivagens internacionais, não exatamente superpostas: um político e outro econômico, que denotariam uma assincronia entre a estrutura de poder político e a de poder econômico”.

As divisões de influência econômica e política do século XXI estão em franca instabilidade, mas com evidências de um jogo que indica o fim de uma era de influência mundial hegemônica dos Estados Unidos. Segundo Emmanuel Todd (2003, p. 4):

não haverá império americano. O mundo é demasiado vasto, diverso e dinâmico para aceitar a predominância de uma única potência. O exame das forças demográficas e culturais, industriais e monetárias, ideológicas e militares que transformam o planeta não confirma a atual visão de uma América invulnerável. [...] Um quadro realista [mostra] uma grande nação cuja potência foi incontestável, mas que o declínio relativo parece irreversível. Os Estados Unidos eram indispensáveis ao equilíbrio do mundo; eles não podem hoje manter seu nível de vida sem os subsídios do mundo. A América, pelo seu ativismo militar de teatro, dirigido contra Estados insignificantes, tenta mascarar seu refluxo. A luta contra o terrorismo, o Iraque e o 'eixo do mal' não são mais do que pretextos. Porque ela não tem mais a força para controlar os atores maiores que são a Europa e a Rússia, o Japão e a China, a América perderá esta última partida pelo domínio do mundo. Ela se tornará uma grande potência entre outras (Todd *apud* Visentini, 2019, p. 21).

Neste início do século XXI, a influência de caráter multipolar pode evidenciar diferentes potências (EUA, União Europeia, Japão, Países Árabes e China) disputando um maior protagonismo no controle da ordem mundial. O que antes era de fácil entendimento popular, o domínio dos Estados Unidos frente à política mundial, agora se desenha com cores vermelhas, da influência do capital chinês. Difícil esta compreensão, pois como pode um país comunista ser influente na economia de um mundo capitalista? E como isso impacta a hierarquia entre potências e as relações internacionais?

O início do século XXI mostrou uma nova ordem econômica mundial, desta vez multipolarizada, na qual EUA, China, Japão, EU e países árabes disputam o poder.

A imigração transforma o Norte por dentro, assim como ocorreu com o Império Romano, só que de forma diferente. Nos Estados pós-coloniais (historicamente receptores de imigrantes) há certa assimilação, enquanto na Europa surgem crescentes tensões, em uma sociedade

envelhecida e sem novos projetos políticos. Já no Sul, produtor de insumos, a atitude das elites é diferenciada, sendo o pior caso o da América Latina, que se encontra sem projeto e em acelerado retrocesso econômico. Com a Revolução Tecnológica e o avanço de outras regiões, está se formando um gap irrecuperável (Visentini, 2019, p. 22).

A ascensão chinesa se estende inegavelmente na ordem econômica mundial de maneira significativa, há décadas com ótima performance econômica, em comparação com as tradicionais economias do sistema capitalista. Esta influência chinesa vai para além e se irradia à arena diplomática, desafiando a anterior hegemonia norte-americana. Esse reposicionamento de atores globais impacta diretamente a capacidade dos Estados Unidos de exercer uma influência reguladora nas políticas internacionais. Além disso, o tradicional papel desempenhado pelo Banco do FMI, ao moldar economias de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, enfraqueceu diante do novo paradigma informacional. As novas relações de trabalho e investimento, outrora sustentadas por estruturas consolidadas, enfrentam agora transformações severas, refletindo a natureza dinâmica do sistema econômico global baseado na informação. “A terceirização e o trabalho fragmentado por aplicativo, bem como o ‘empreendedor’ da ‘economia criativa’ substituem a antiga classe trabalhadora sindicalizada”, como afirma Visentini (2019, p. 22). Essa complexidade crescente evidencia a dificuldade para a população em compreender as nuances e implicações desta transição geopolítica em curso.

O atual cenário global caracteriza-se por uma ascensão dos movimentos ultranacionalistas, de extrema direita e até de características fascistas. Muitas vezes pela vontade de uma ruptura institucional, por mudanças no rumo político, provenientes de decepção popular em relação às decisões de caráter migratórios que impactam na oferta de empregos e na qualidade de vida, mas principalmente das dinâmicas das relações de trabalho e capital, as quais foram impositivamente moldadas pela força da globalização em um contexto marcado pela transição para uma sociedade da informação.

No Brasil, essa frustração encontrou um solo fértil, alimentada pela persistência de casos de corrupção que minam a confiança na esfera política e judicial. Adicionalmente, a insatisfação é acentuada pela incapacidade do sistema democrático em atender de maneira eficaz ou ao menos de maneira satisfatória às demandas sociais, resultando no aumento do desemprego e na escassez de acesso a serviços públicos e básicos como saúde e educação.

Neste contexto, ganham força movimentos radicais, como o (ultra)nacionalismo, o fascismo e a extrema direita, que facilmente se apresentam como alternativas sedutoras para aqueles que buscam a ruptura do sistema. A promessa de sacudir as estruturas estabelecidas e proporcionar uma representação política mais direta, mas nem sempre mais eficiente, torna-se um apelo atrativo para um contingente crescente de indivíduos insatisfeitos politicamente e desencantados com a realidade. Contudo, é crucial compreender os riscos inerentes a tais abordagens, uma vez que a busca por soluções simplistas pode resultar em consequências sociais e políticas severas e imprevisíveis.

O Brasil já viveu, lá no ano de 2007, um momento de esgotamento no sentimento público, de que a violência e a corrupção tinham adquirido contornos de uma doença social endêmica. No contexto cinematográfico brasileiro emergiu o filme "Tropa de Elite"¹⁸⁸, do diretor José Padilha, um filme policial e violento, cuja recepção atingiu todos os estratos sociais, consolidando-se como um sucesso de público. Este êxito foi de tal magnitude que, antes de seu lançamento oficial nas salas de cinema, multiplicaram-se milhares de cópias não autorizadas (piratas) em formato DVD, espalhando-se clandestinamente pelo território nacional. "Segundo os produtores, estima-se que cerca de 3 milhões de brasileiros viram Tropa de Elite em um DVD pirata, antes da estréia. Como ele já soma quase 2 milhões de espectadores pagantes em um mês em cartaz, isso dá um público

total de 5 milhões." (Milani, 2007). O êxito cinematográfico de "Tropa de Elite" foi muito rápido, a trilha sonora do filme alcançou status de sucesso absoluto, transcendendo barreiras etárias e sociais, sendo entoada inclusive por crianças, as quais se apropriaram do refrão emblemático: "Tropa de Elite, Osso duro de roer, Pega um, pega geral, Também vai pegar você"¹⁸⁹ (música da banda Tihuana)¹⁹⁰.

Este roteiro cinematográfico alcançou *status* de fenômeno do cinema e catalisou a formação de um ícone de herói nacional, representado pelo personagem do Capitão Nascimento, um membro do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da cidade do Rio de Janeiro, com atuação nas mais de 100 favelas cariocas, comandadas pelo tráfico de drogas e policiais corruptos. Este protagonista na verdade é um anti-herói e mostra que "apesar de toda a corrupção, ainda há policial interessado em acabar com o crime, mesmo que os métodos empregados não sejam os mais justos" (Milani, 2007). Isso ecoou no imaginário coletivo, de um policial incorruptível que combate bandidos, caracterizado por empregar a violência como meio de combate à própria violência. O sucesso do filme fez com que rapidamente também fosse lançada a continuação da trama e, em 2010, foi lançado o filme Tropa de Elite 2¹⁹¹; agora o inimigo é outro¹⁹².

Nesta sequência, o Capitão Nascimento é promovido a coronel e o inimigo da nova versão são os grupos de milicianos, também atuando como bandidos e com apoio por parte de um braço de representantes políticos. Assim, agora o inimigo é outro, não apenas os bandidos das favelas, mas "o sistema", a corrupção na polícia e na política. As frases proferidas pelo Capitão Nascimento saíram do cinema, tornaram-se recorrentes em memes e postagens diversas nas redes sociais.

189 <https://www.youtube.com/watch?v=3IKDMDrBVec>

190 Letra completa da música: <https://www.letras.mus.br/tihuana/48914/>

191 Trailer do filme Tropa de Elite 2 (2010): <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-189340/>

192 Trailer estendido do filme Tropa de Elite 2 (2010): <https://globoplay.globo.com/v/2486731/>

"Quando vejo passeata contra a violência, parceiro, eu tenho vontade de sair metendo a porrada".

"Homens de preto, o que é que você faz? Eu faço coisas que assusta o satanás. Homens de preto, qual é sua missão? Entrar pela favela e deixar corpo no chão".

"Bandido bom é bandido morto".

"Se o BOPE tratasse político corrupto como trata traficante, o Brasil seria um país melhor".

"Vai pro saco!" [Em alusão a uma forma de tortura, na qual o policial coloca um saco plástico na cabeça para asfixiar um suspeito].

"Ou você faz parte da solução, ou faz parte do problema".

"Isso aqui é guerra, e guerra é guerra".

"Senhores, sejam bem-vindos ao inferno".

"Eu sou a lei!"

"Eu quero ver o crime na cadeia e a chave jogada fora".

"Nós somos a Tropa de Elite, o resto é teoria".

"A gente entra, resolve o problema, e depois é que a imprensa vem".

"O sistema é foda".

"Missão dada é missão cumprida".

"Ter uma polícia cujo o símbolo é uma caveira. Ter uma polícia cujo o símbolo é a morte".

"O nome dessa operação deveria ser operação Iraque".

"O sistema é foda, parceiro".

Filmes: TROPA de Elite (2007) e Tropa de Elite 2 (2010).
Direção de José Padilha.

Este fenômeno levanta reflexões sobre a construção e a aderência de mitos sociais, pois ainda hoje as frases do filme *Tropa de Elite* fazem parte da cultura brasileira, mas principalmente adquiriram concretude nos *posts* e discursos bolsonaristas. Afinal, “bandido bom é bandido morto”, “Ou você faz parte da solução, ou faz parte do problema” e a mais simbólica das frases: “O sistema é foda, parceiro”. Estas frases, não apenas estas, são costumeiramente entoadas como “motivacionais” pelos grupos bolsonaristas.

Milani (2007) nos aponta que o filme *Tropa de Elite* mostra uma realidade brasileira com uma visão estereotipada, mas representativa da sociedade brasileira. Retrata o sentimento popular de que o “sistema” social todo é corrupto, de que a polícia e os políticos são corruptos, de que os estudantes universitários são descolados da realidade e vivem em bolhas distantes dos problemas e dramas reais do subúrbio. Na verdade, os filmes *Tropa de Elite* (1 e 2) representam muito bem “uma sociedade doente, que para combater um mal precisa fazer uso dele mesmo em doses ainda maiores” (Milani, 2007).

Em 2013, manifestações tomaram as ruas da cidade de São Paulo, após um aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus. Do epicentro dessas manifestações surgem os Black blocs, manifestantes que usavam de violência, como uma forma de catarse, para expressar a insatisfação diante das políticas econômicas e sociais vigentes. Simbolicamente destruíram fachadas de bancos e lojas; assim como o Capitão Nascimento, acreditavam que os fins justificavam os meios, que se combate “o sistema” com violência. Esses indivíduos acreditavam na necessidade de provocar um mal maior para assegurar que suas vozes fossem ouvidas diante da inércia nas esferas políticas.

Com roupas escuras e rostos cobertos, eles ficaram marcados por ações virulentas, algo violentas. Os adeptos da chamada tática black bloc quebraram vidraças de bancos, invadiram concessionárias de carros de luxo e literalmente partiram para cima da polícia quando esta reprimiu

manifestações. São Paulo e o Brasil nunca tinha visto aquilo e, bem cedo, black bloc acabou virando sinônimo de vandalismo entre a população e na imprensa (Oliveira, 2016)¹⁹³.

Os Black blocs estiveram presentes em manifestações nas ruas também em 2014, em 2015 e até mesmo em 2016, após o processo que culminou no impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Suas ações assustam paulistanos e desnorteiam movimentos sociais tradicionais. Defini-los é das tarefas mais difíceis e falar sobre eles é se mover em um terreno move-dição. Mesmo porque, não há os black blocs. Não existe movimento black bloc, tampouco existe uma organização que hierarquize decisões. O que há é a tática, o modo de agir, o modo de vestir. É muito mais uma ideia de ação difusa que parte de pessoas que pertencem a grupos sociais e ideológicos diferentes e, vez ou outra, até mesmo conflitantes (Oliveira, 2016).

Vitória Borges (2022)¹⁹⁴, no site UOL, nos informa que “os black blocs não são um grupo estruturado, mas sim uma tática que os manifestantes usam para se organizar em um protesto. Com inspiração anarquista, eles não têm um líder, representante, nem mesmo uma divisão hierárquica”. Borges (2022) vai além e afirma que o movimento se baseia na filosofia da desobediência civil e que de acordo com o Manual de Ação Direta - Black Bloc (uma espécie de treinamento a distância para os manifestantes), “a violência é uma reação à opressão. ‘Lembre que o que eles fazem conosco todos os dias é uma violência, a desobediência é uma reação a isso e, portanto, não é gratuita’, descreve o guia”.

193 André Oliveira. Black bloc: a tática fugidia que desnorteia e assusta SP. El País, online, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/10/politica/1473461724_961425.html. Acesso em: 31 dez. 2023.

194 Borges, Vitória. Patriotas ou black blocs? Como funciona tática que prega a desobediência. Site UOL, Cotidiano, online, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/12/14/patriotas-ou-black-blocs-como-funciona-tatica-que-prega-a-desobediencia.htm>. Acesso em: 31 de dezembro de 2023.

Na reportagem de José Carlos Oliveira¹⁹⁵, sobre a audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, a respeito dos protestos violentos, ainda em 2013, já se apontava que “Black blocs são resultado de uma ‘doença institucional’ do Brasil” e que “O perfil dos black blocs é de estudantes universitários, de classe média baixa, sem vinculação política (Oliveira, 2013).

É um sintoma de algum tipo de doença institucional que o Brasil está vivendo. De uma forma, talvez, mais performática, o que eles estão fazendo é falar muito alto e claramente de um enorme descontentamento que perpassa grande parte da juventude brasileira, afirma a pesquisadora¹⁹⁶. “E eles falam comigo: ‘O governo não escuta a nossa frustração e indignação, então a violência é a única forma que temos de chamar a atenção e ser escutados’” (Gallego *apud* Oliveira, 2013, online).

Ainda nesta audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, o advogado Flávio Britto alertou que “o poder público erra ao reprimir o movimento com truculência, enquadrando-o na Lei de Segurança Nacional ou na legislação que trata das organizações criminosas, sobretudo diante da série de escândalos de corrupção e de impunidade envolvendo autoridades públicas”. (Britto *apud* Oliveira, 2013, online).

Porém, o advogado Gustavo Oliveira fez uma dura declaração que busca colocar em evidência que muitas das reivindicações são legítimas e frutos da insatisfação nas instituições públicas e no combate à corrupção.

195 Oliveira, José Carlos. Black blocs são resultado de 'doença institucional' do Brasil, dizem especialistas. Agência Câmara de Notícias, online, 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/418840-black-blocs-sao-resultado-de-doenca-institucional-do-brasil-dizem-especialistas/>. Acesso em: 31 dez. 2023.

196 A professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo Esther Gallego.

“Calem-se, façam perguntas inteligentes e ouçam. Os senhores não vão conseguir a ponte de diálogo com as ruas violentas ou não apenas expressando o que os senhores já pensam. Ouçam não só nas bases eleitorais dos senhores” Ele sustenta que, mesmo os que agem de forma violenta, têm reivindicações legítimas, como mudanças na estrutura das instituições públicas e combate à corrupção, por exemplo (Oliveira *apud* Oliveira, 2013, online).

O que se pode evidenciar é que esses fenômenos, anteriores ao surgimento do que posteriormente ficou conhecido como bolsonarismo, evidenciam um contexto em que a pressão popular por uma ruptura no sistema político estava latente. Os representantes eleitos naquele período, contudo, demonstraram-se inadequados para interpretar as insatisfações populares. O movimento bolsonarista, por sua vez, habilmente (ou por coincidência de métodos) aglutinou estas insatisfações e decepções em torno de um discurso moralista e anticorrupção, caracterizado pela promessa de soluções simplistas para problemas complexos. Uma abordagem com elementos característicos e presentes em movimentos ultranacionalistas e fascistas, refletindo uma estratégia eficaz de canalização e instrumentalização de insatisfações populares para a construção de objetivos políticos específicos. A compreensão dos fatos transversais e suas implicações nos eventos são significativos para a percepção dos sintomas de uma sociedade adoecida, que contribuíram para a ascensão do bolsonarismo e suas ramificações na dinâmica política contemporânea.

Uma parte da sociedade brasileira foi cooptada pelas bolhas dos algoritmos das redes sociais e acabou por defender argumentos distorcidos, com base em *fake news*, das redes bolsonaristas, que defendem o discurso contra bandidos, tráfico de drogas, anticorrupção e também a implantação de uma intervenção militar e contra o STF. Desde o início de seu governo, Jair Bolsonaro elevou a tensão entre os poderes da República, proferindo discursos e promovendo *lives* em canal oficial no Youtube semanalmente.

Em agosto de 2021, Bolsonaro esteve presente no evento religioso, 1º Encontro Fraternal de Líderes Evangélicos de Goiás, ao lado de líderes religiosos e discursou por 20 minutos, segundo o site da JovemPan¹⁹⁷. Ao chegar foi recepcionado com gritos de **mito** pelos apoiadores na porta da Igreja Assembleia de Deus e falou que “não deseja e nem provoca rupturas, mas tudo tem um limite”. Fez um explícito chamamento para uma manifestação política, no dia 7 de setembro de 2021: “sei que a grande maioria dos líderes evangélicos vai participar desse movimento de 7 de setembro e assim tem que fazê-lo. Está garantido em nossa Constituição”. Neste dia ainda ele afirmou que somente Deus iria tirá-lo da Presidência da República.

“Tenho três alternativas para o meu futuro: estar preso, ser morto ou a vitória. Pode ter certeza, a primeira alternativa, preso, não existe. Nenhum homem aqui na Terra vai me amedrontar. Tenho a consciência de que estou fazendo a coisa certa. Tem algo mais importante do que nossa vida, é a nossa liberdade”, declarou. Bolsonaro também fez críticas à decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de suspender repasses a canais bolsonaristas e ironizou que alguns dizem que ele pretende dar um golpe. **“Eu já sou presidente. Vou dar um golpe em mim mesmo?”** Não pensem que muitos querem me tirar daqui em nome da volta da normalidade e da democracia. Querem me tirar daqui pelo poder. A abstinência do dinheiro fácil os torna belicosos. Os fazem reunir, os fazem conspirar. Digo uma coisa a eles: Deus me colocou aqui e somente Deus me tira daqui”, disse (Jovempan, 2021, online, grifo nosso).

O STF chegou a reforçar a segurança para o dia 7 de setembro, previsto para manifestação. A Embaixada norte-americana chegou a alertar¹⁹⁸ que americanos evitassem áreas de protestos, mantivessem discrição até mesmo com roupas discretas, em uma alusão ao

197 <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/tenho-tres-alternativas-estar-preso-morto-ou-a-vitoria-diz-bolsonaro-sobre-seu-futuro.html>

198 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/embaixada-dos-eua-alerta-americanos-sobre-risco-de-confrontos-em-7-de-setembro/>

uso do verde e amarelo pelos seguidores bolsonaristas e do vermelho pelos seguidores do ex-presidente Lula. Mensagens nos grupos de WhatsApp e Telegram, dos seguidores bolsonaristas, conclamavam para uma série de pautas¹⁹⁹, que em princípio poderiam parecer desconexas, mas que se mostram correlatas à luz da análise fascista e de luta contra o comunismo: apoio ao presidente Bolsonaro; voto impresso para 2022; ameaça de invasão na Embaixada da China; invasão e fechamento do STF; o impeachment do ministro do STF Alexandre de Moraes e do presidente do TSE Luís Roberto Barroso. Durante o feriado de aniversário da Independência, dia marcado das manifestações, diversos caminhoneiros favoráveis ao governo organizaram paralisações em estradas, em 15 estados brasileiros²⁰⁰ (Bahia, Espírito Santo, Paraná, Maranhão, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Roraima, São Paulo e Minas Gerais).

A comemoração cívica da independência brasileira regularmente é comemorada no dia 07 de setembro e o presidente da república anualmente acompanha um desfile militar na capital federal, em Brasília. Nesta data, em 2021, ocorreram diversas manifestações bolsonaristas pelo país. Na noite que antecedeu o feriado, a mobilização começou uma escalada de tensão, com um grupo de manifestantes tentando invadir a praça central dos três Poderes, em Brasília, e foi flagrado²⁰¹ que o filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, estava junto a alguns desses manifestantes. O presidente Bolsonaro fez duas aparições neste feriado, uma em Brasília, em que discursou e disse ao público que o povo não deve aceitar que uma pessoa “específica”, sem citar o nome de algum ministro do STF,

199 <https://revistaforum.com.br/politica/2021/8/15/milicias-bolsonaristas-falam-em-invadir-embaixada-da-china-no-de-setembro-101941.html>

200 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58494712>

201 <https://oantagonista.com.br/brasil/bolsonaristas-avancam-em-direcao-ao-congresso-eduardo-bolsonaro-se-mistura-ao-grupo/>

continue barbarizando a população²⁰². Disse também que não poderiam mais aceitar as prisões políticas, em referência a casos de prisão de seguidores que foram enquadrados em atos antidemocráticos e de ataques diretos pelas redes sociais a ministros do STF. Bolsonaro terminou seu discurso na capital federal afirmando que “nós valorizamos, reconhecemos e sabemos o valor de cada Poder da República”.

Neste mesmo dia, Bolsonaro seguiu para a cidade de São Paulo, e foi severamente mais enfático em seu discurso ao povo na rua, afirmando que²⁰³: “Digo a vocês que qualquer decisão do ministro Alexandre de Moraes esse presidente não mais cumprirá”. Atacou ainda o sistema eleitoral, dizendo que não é seguro. Porém, o ponto mais alto de seu discurso foi quando declarou: “Quero dizer aqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: ‘só Deus me tira de lá’ Aviso aos canalhas: não serei preso”.

No ano seguinte, o roteiro seguiu um parâmetro similar. O Presidente Bolsonaro, que já vinha insuflando seus seguidores ao longo do tempo, convocou uma manifestação de apoio político, com sua presença, na praia de Copacabana, cidade do Rio de Janeiro.

Após os atos realizados no feriado de 7 de setembro de 2021, mobilizados por faixas e gritos de guerra pelo fechamento do Congresso e do Supremo, uma pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha apontou que 31% dos entrevistados não consideravam aquelas ações antidemocráticas (Pauxis e Sardinha, 2023, online).

Os discursos e postagens nas redes sociais foram aglutinando o sentimento de insatisfação difuso e os seguidores bolsonaristas, a cada dia mais, aderiram ao “verdeamarelismo”, com roupas e até mesmo hasteando bandeiras nas portas de casa. O contexto político foi de mobilização generalizada permanente e a manifestação de

202 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-age-fora-da-constituicao-deve-ser-enquadrado-ou-pedir-para-sair-diz-bolsonaro/>

203 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-discurso-manifestacao-avenida-paulista/> /

sentimentos de insatisfação popular por meio de discursos e postagens nas redes sociais foi insuflando ainda mais o bolsonarismo. O “verdeamarelismo” foi uma prática simbólica recorrente, com o uso de roupas que remetem às cores nacionais e, de maneira ainda mais expressiva, pelo ato de hastear bandeiras nas portas das residências e de atividades comerciais. O engajamento político ao bolsonarismo crescia a olhos vistos.

Como o discurso bolsonarista se alastrou por diferentes classes sociais, também se infiltrou sobremaneira nas tropas policiais. Segundo Arthur Trindade M. Costa (2021), Professor da Universidade Nacional de Brasília (UNB) e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública²⁰⁴, “nem todo policial que acredita em Bolsonaro é golpista, mas a parcela radicalizada que reproduz discursos antidemocráticos é preocupante. A polícia precisa prevenir a radicalização política de seus integrantes”. Costa (2021) então nos apresenta, dentre outras análises, uma pesquisa de opinião na classe policial, feita pelo instituto de pesquisa de opinião Atlas, que demonstra números assustadores de que “21% dos policiais brasileiros (27% dos policiais militares) declararam que são a favor da instalação de uma ditadura militar no Brasil”.

Duas pesquisas, com metodologias diferentes e feitas por instituições diferentes, estimaram que um exército entre 120 e 140 mil policiais aderiram ao discurso bolsonarista mais radical que defende medidas antidemocráticas e fechamento das instituições. Bolsonaro se fortalece no amálgama de condições políticas, ideológicas, jurídicas e institucionais que dão forma ao modelo de ordem pública violento e desigual ‘naturalizado’ pela maioria dos policiais brasileiros. E, ao fazer isso, ele estimula que policiais não aceitem questionamentos ao seu projeto político e reprimam manifestações e movimentos sociais de oposição. A oposição passa a ser sinônimo de antipatriotismo, de ‘mal’ e de desordem (Costa, 2021, online).

Já em 2021, Costa (2021) alertava para os perigos de não se conter institucionalmente essa corrosão interna nas tropas policiais e pudemos constatar as consequências disto nos atos violentos após os resultados da eleição para presidente, em dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

É mais do que urgente que as polícias cuidem de prevenir a radicalização política de seus integrantes. Se não forem criados mecanismos de contenção e controle, quem garante que esse exército de pessoas armadas e treinadas aceitarão o resultado das urnas em 2022 caso Bolsonaro não venha a ser reeleito? Os riscos não podem ser menosprezados pela realpolitik (Costa, 2021, online).

Se uma parte da sociedade brasileira e, consequentemente, uma parte da força policial foram cooptadas pelas bolhas dos algoritmos das redes sociais, não seria diferente também nas Forças Armadas brasileiras. Miranda (2018), em sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais realizado na PUC-Rio, publicada também em livro, busca “desvelar aspectos da identidade do oficialato do Exército Brasileiro” e nos apresenta que a maioria dos entrevistados (oficiais do Exército) manifestou divergência quando questionados se a política deveria ser mantida fora dos quartéis. A maioria, em todos os grupos nas faixas de entrevistados, optou por: “Cabe ao Exército agir, mesmo que politicamente, quando a Pátria estiver em perigo”. Sendo que entre 1º e 2º tenentes o índice atinge 63,5%, entre os capitães 58,7% e quase a metade nos grupos de maior patente: 46,7% no grupo de maiores e tenentes-coronéis e 48,7%, do grupo de coronéis e generais. Segundo Fernandes (2019)²⁰⁵, repórter do Jornal O valor econômico, o autor deste estudo é ligado à escola de formação militar para o generalato:

o major Denis de Miranda, é professor da Academia Militar das Agulhas Negras, escola de formação de oficiais e única porta para o generalato na Força. Por lá passaram o presidente Jair Bolsonaro (turma de 1977) e todos os

generais do primeiro escalão, o vice Hamilton Mourão (1975), o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Heleno Ribeiro (1969), o titular da Secretaria de Governo, Carlos Alberto dos Santos Cruz (1974) e o da Defesa, Fernando de Azevedo e Silva (1976). (Fernandes, 2019, online).

Ainda, Fernandes (2019) nos lembra que “Bolsonaro compareceu, pela primeira vez como convidado, a uma cerimônia de formatura da Aman, em 2014. Dava início ali a uma campanha marcada pela presença em cerimônias militares de toda ordem, às quais não compareceria sem a anuência dos comandantes” e nos alerta que “A judicialização da política, como se viu, levou à politização do Judiciário. Não parecem infundados os temores de que a militarização da política leve à politização dos militares”.

Eduardo Costa Pinto (2019)²⁰⁶, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cita o trecho de um vídeo, com uma fala do Presidente Jair Bolsonaro, que não está mais disponível na plataforma Youtube e nos faz uma pergunta:

Bolsonaro afirmou durante a posse do Ministro da Defesa: **“Muito obrigado Comandante Villas Boas, pelo aquilo que já conversamos e que morrerá entre nós. O senhor é um dos responsáveis por eu estar aqui [na posição de presidente]”**. O que ele quis dizer com isso? (Pinto, 2019, p. 24, grifo nosso).

Com base na crescente polarização política e nos casos de maior violência (verbais e físicos), muito em virtude do uso das redes sociais como ferramenta de impulso, o Superior Tribunal Federal (STF) respondeu institucionalmente²⁰⁷ estabelecendo inquéritos relacionados às *fake news* (inquérito 4781, de março de 2019) e também outro, relacionado às Milícias Digitais²⁰⁸ (inquérito 4874,

206 IE-UFRJ DISCUSSION PAPER: PINTO, TD 006 - 2019.

207 <https://www.jota.info/stf/do-supremo/stf-ja-soma-7-novos-inqueritos-sobre-atos-antidemocraticos-23012023>

208 <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=6214799>

de 2021). Segundo a Portaria da Corregedoria Regional de Polícia Federal (IPL nº. 2021.0052061), assinado pela Delegada de Polícia Federal, Denisse Dias Rosas Ribeiro:

RESUMO DO(s) FATO(s) INVESTIGADO(s): O Excelentíssimo Senhor Ministro ALEXANDRE DE MORAES, do Supremo Tribunal Federal, eminente relator do inquérito 4874, determinou apuração de suposta **"organização criminosa, de forte atuação digital** e com núcleos de produção, publicação, financiamento e **político** absolutamente semelhante àqueles identificados no Inquérito 4781, com a **nítida finalidade de atentar contra a Democracia e o Estado de Direito"** (Ribeiro, 2021, online).

No dia 8 de janeiro de 2023, ocorreu um ato de depredação e vandalismo, logo após a posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que venceu a recandidatura de Bolsonaro à Presidência da República. Esse evento resultou na prisão de mais de mil pessoas envolvidas em ações violentas, similar ao ato de invasão ao Congresso norte-americano, mas que no Brasil foi um ato direcionado em atacar os três poderes da república: Legislativo, Judiciário e o Executivo (Palácio do Planalto, a sede do governo brasileiro)²⁰⁹. O Superior Tribunal Federal (STF) respondeu novamente institucionalmente e ainda no mês de janeiro de 2023, abriu mais um inquérito para apurar os Atos Antidemocráticos (inquérito 4879)²¹⁰.

O ato de violência em 8 de janeiro parece ter sido uma ação coordenada, já que grupos bolsonaristas mantiveram acampamentos em frente a quartéis do Exército em vários estados brasileiros desde o segundo turno das eleições, contestando os resultados eleitorais. Esses grupos reivindicavam a intervenção militar, a dissolução do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (STF). No dia deste atentado aos três poderes, uma "senha" ou "apito de cachorro" foi amplamente divulgada entre os grupos bolsonaristas nas redes

209 <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/8-de-janeiro/>

210 <https://digital.stf.jus.br/publico/publicacao/119361>

sociais, como WhatsApp e Telegram. Eles compartilharam mensagens sobre a "Festa da Selma"²¹¹, que, na realidade, era uma alusão à invasão das sedes dos três poderes.

Não parece haver muita dúvida que o código criado pelos baderneiros golpistas para organizar a tentativa de golpe de Estado que ocorreu no domingo (8) trazia uma conotação militar. Nas mensagens enviadas nos grupos de extrema-direita, especialmente no Telegram, a senha para o golpe era "Festa da Selma". Há uma clara similitude entre o nome feminino adotado e o grito de guerra que os militares adoram: "Selva!" (Lago, 2023, online).

Segundo o jornal Estado de Minas²¹², após a prisão de mil e quinhentas pessoas em flagrante, o ministro Alexandre de Moraes, responsável pela ação contra os atos antidemocráticos, declarou em uma visita ao presídio feminino junto com a presidente do STF, ministra Rosa Weber, onde estavam detidas participantes dos atos violentos na capital federal, no qual várias outras pessoas alienadas estiveram presentes. Estas pessoas que participaram ativamente destes atos violentos, contra os poderes da república, acreditam ainda que não fizeram nada, que apenas participaram de uma manifestação e alegam liberdade de manifestação. "É um negócio assustador o que essa lavagem cerebral dessas milícias digitais está fazendo com inúmeras pessoas" (Moraes *apud* Correia, 2023, online).

A tentativa de explodir uma bomba no Aeroporto Internacional de Brasília, na véspera do Natal de 2022, por parte de manifestantes bolsonaristas²¹³, revela a face sombria da influência da extrema direita na política brasileira. Os protagonistas deste ato, Wellington

211 <https://apublica.org/sentinela/2023/01/bolsonaristas-usam-codigo-festa-da-selma-para-coordenar-invasao-em-brasilia/>

212 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/01/interna_politica,1476291/moraes-ve-como-assustador-efeito-das-redes-em-bolsonaristas-presos.shtml

213 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/justica-do-df-condena-envolvidos-em-caso-de-bomba-em-aeroporto-de-brasilia/>

Macedo, George Washington de Oliveira Sousa e Alan Diego dos Santos Rodrigues, buscavam criar um cenário caótico que poderia resultar em uma intervenção militar, impedindo assim a posse do governo eleito de Luiz Inácio Lula da Silva.

A relação entre a extrema direita e atos violentos ganha destaque nesse episódio, evidenciando como líderes desses movimentos podem inspirar ações extremas sem necessariamente participar diretamente. Tal dinâmica assemelha-se a estratégias observadas em seitas religiosas extremistas, como o caso de Charles Manson, em que líderes exercem uma influência poderosa sobre seguidores, muitas vezes sem se envolver diretamente nos atos violentos realizados por estes.

Volker Turk, o Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos declarou, em uma entrevista exclusiva (Chade, 2023), sua preocupação com a desinformação e as redes sociais. Segundo Turk, a desinformação escalou a tal ponto que é necessário reafirmar o básico, de que mentir é errado. É necessário então se criar um ponto de regulamentação das redes sociais, sob o risco de que *fake news* provoquem abalos no sistema político democrático.

Esse é outro problema que vejo no caso do Brasil, um fenômeno que vemos em outras partes do mundo, que é a disseminação de desinformação. Vimos a negação dos resultados da eleição nos EUA e no Brasil. E isso é muito perigoso. É a erosão direta do sistema político e vai ao coração da liberdade (Turk *apud* Chade, 2023, online).

O poder de convencimento, quase comparável à lavagem cerebral, é alcançado pelo uso estratégico dos algoritmos nas redes sociais. A criação de bolhas de percepção da realidade, isolando seguidores de informações da realidade, através de uma sistemática proliferação de *fake news*, contribui para a formação de uma realidade paralela (virtual). Este fenômeno, que antes era alcançado por isolamento físico em comunidades afastadas, agora é obtido

digitalmente, levando a atos violentos em nome de uma causa percebida como momento histórico vital.

Você criar uma neblina na mente das pessoas, com fake news e com lavagem cerebral, e essas pessoas acreditam em coisas que não são mais fatos. Precisamos que a mentira seja algo errado de novo (Turk *apud* Chade, 2023, online).

Há necessidade de uma análise crítica sobre a relação entre extremismos e atos violentos em uma atmosfera carregada de tensão política. A ligação identificada entre o ex-assessor da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente²¹⁴, do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH)²¹⁵, Wellington Macedo²¹⁶, e George Washington, na tentativa de invasão à sede da Polícia Federal, associada ainda ao planejamento de um atentado à bomba no aeroporto de Brasília, na véspera do natal, reforça a seriedade e as consequências da doutrinação política para atos extremistas. Esta complexa teia ou rede de acontecimentos exige um exame cuidadoso das motivações subjacentes, mas também provoca uma reflexão sobre a interseção entre a retórica extremista e atos concretos de violência, com implicações significativas para a estabilidade institucional da democracia e da segurança pública.

214 <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/06/22/homem-que-planejou-atentado-com-bomba-no-aeroporto-de-brasilia-silencia-na-cpmi-sobre-crime.htm>

215 Pasta ministerial comandada por Damare Alves, advogada, pastora evangélica fundamentalista religiosa e política brasileira filiada ao Republicanos (REPUBLICANOS), que atualmente exerce o mandato de senadora da República pelo Distrito Federal

216 Durante o governo Bolsonaro, ele teve salário de R\$ 10.373 trabalhando no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, chefiado por Damare. Macedo ocupou o cargo entre os meses de fevereiro e dezembro de 2019. Em 2021, tinha sido preso por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) sob acusação de incentivar atos antidemocráticos de 7 de setembro daquele ano. Após 42 dias foi liberado e vinha sendo monitorado por tornozeleira eletrônica. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/26/foragido-apos-bomba-ex-assessor-de-damare-nao-vai-se-entregar-alcmin-se-opoe-a-fim-do-gsi>

O vídeo do depoimento de Alan dos Santos, disponível no Youtube²¹⁷ e em diversos sites de jornais de circulação nacional, acusado de ser um dos responsáveis pela tentativa de atentado à bomba, serve como exemplo do grau de manipulação a que um indivíduo pode ser submetido. Alan falou à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), da Assembleia Legislativa do Distrito Federal, e respondendo ao presidente da Comissão, disse que fez parte dessa tentativa de colocar uma bomba, em protesto, para obter informações sobre o código-fonte²¹⁸ das urnas eletrônicas. Porém, ao ser questionado pelo deputado sobre o que seria então um código-fonte, Alan responde que não sabia o que era exatamente, mas que "Se fosse para não ter estimulado a população porque deixaram as redes sociais informarem sobre esse código que dava a certeza se o Bolsonaro havia ganhado ou não, se o Lula havia ganhado ou não". Os casos caricatos de seguidores bolsonaristas que mergulharam neste isolamento de informações verídicas e acabaram de alguma forma conduzidos (para evitar o termo manipulados) pelas redes sociais foram frequentemente citados pela imprensa brasileira, apresentando características notáveis e até mesmo incomuns.

Fotos e vídeos registrando o episódio do "Patriota do caminhão", que durante um protesto se agarrou à grade frontal de uma carroceria de caminhão, por quilômetros, para tentar parar o trânsito de caminhões e assim obstruir uma rodovia; grupos de indivíduos prestando continência a pneus em frente a quartéis do exército; pessoas erguendo seus celulares acima de suas cabeças com lanternas acesas na tentativa de atrair a atenção de supostos extraterrestres; divulgação em grupos, leitura em público em voz alta e compartilhamento rápido de decisões *fake* da Justiça, incluindo uma

217 <https://www.youtube.com/watch?v=DE65BtUldXU>

218 O código-fonte de um software é um conjunto de arquivos de texto contendo todas as instruções que devem ser executadas, expressas de forma ordenada numa linguagem de programação. Essas instruções determinam o que um programa de computador deve fazer – o que ele deve apresentar e como ele deve se comportar. (TSE: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Outubro/codigo-fonte-voce-sabe-o-que-e>).

ordem de prisão ao ministro Alexandre de Moraes, bem como inúmeras imagens retratando indivíduos empunhando armas e fazendo ameaças de morte a ministros do Judiciário e ao candidato presidencial adversário de Bolsonaro, entre outras situações similares que ilustram a complexa realidade observada.

Como resultado efetivo dessa mobilização política/religiosa/ideológica/intolerante, organizada em bolhas de percepção, fomentadas pelos algoritmos das redes sociais, temos agora uma série de pessoas estigmatizadas como tolas, mas que foram úteis em algum momento à causa política, e que agora respondem processos por ataques antidemocráticos, com risco de penas que ultrapassam os 15 anos de cadeia. Como escrito em um editorial do jornal “Pitoco”, de pequena circulação regional, basicamente restrito à cidade de Cascavel, do interior do estado do Paraná, mas que serve como um exemplo de ordem genérica, que, em livre interpretação, estas pessoas são estigmatizadas como tolas, pois é recorrente o discurso, inclusive em perfil de redes sociais, de que são pessoas religiosas, que postam trechos bíblicos, que alertam para a chegada do anti-cristo, que, por circunstâncias “mil”, acabou em um ônibus que o levou à Brasília, que alega que lá estava para defender os ideais das escrituras sagradas, a moral implantada pelo seu Deus, que é pessoa de bem, direita e nunca fez nada de errado. Ao fim deste editorial, uma alusão ao poema de Carlos Drummond de Andrade, **E agora José?**, que se encaixa em verdade até mesmo na íntegra, como figura de linguagem, representativa do que sobrou, do resto de realidade, dos cacos que este rastro de intolerância e manipulação digital deixou.

Diversas dessas pessoas presas após os atos de violência contra a democracia, no dia 08 de janeiro de 2023, reforçam em seus depoimentos palavras e ideias que foram difundidas em discursos feitos por Bolsonaro ao longo de seu governo. O site de notícias G1 fez um vídeo que mostra algumas destas evidências²¹⁹.

219

<https://g1.globo.com/politica/video/compare-falas-de-bolsonaro-sobre-ameaca-comunista-e-depoimentos-de-terroristas-11284846.ghtml>

The background is a complex abstract composition. It features large, irregular shapes in shades of teal, orange, and dark red. Overlaid on these are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller circles in yellow, red, and black. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right quadrant, there is a faint grid of numbers, including 4, 7, 5, 6, 8, 9, 2, 1, 3, and 6, some of which are repeated. The overall style is reminiscent of mid-century modern graphic design.

11

FOLLOW THE MONEY

O atual panorama midiático, permeado pela disseminação de *fake news* através de veículos de imprensa não confiáveis, influencers e políticos nas redes sociais, revela uma intrincada rede de mecanismos de financiamento e remuneração. Estes atores sociais utilizam de mecanismos financeiros para propagação de conteúdos que incentivam o ódio, a discriminação, atividades neonazistas e a polarização política.

"O ódio, a mentira, a truculência, as teorias conspiratórias trazem engajamento mais do que o discurso racional e o discurso lógico de coisas plausíveis. E como esses acessos são monetizados e a publicidade é em função da quantidade de acessos, eles acabam lucrando com o ódio e com a desinformação" (Barroso *apud* Galzo, 2021, online).

Um representante da Justiça Eleitoral chegou a se reunir com representantes de algumas das principais empresas de redes sociais no país, YouTube, Twitch.TV, Twitter, Instagram e Facebook, para discutir como regular a suspensão dos pagamentos (desmonetização) feitos pelas plataformas a produtores e disseminadores de *fake news*. De acordo ainda com o repórter Wesley Galzo, do jornal Estado de São Paulo²²⁰, "as big techs se mostraram colaborativas e estão cooperando com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) na elaboração do modelo de regulação".

Alguns veículos de imprensa, no mínimo questionáveis, ao adotarem práticas sensacionalistas e disseminarem notícias distorcidas e *fake news*, não apenas arrecadam fundos por meio de publicidade online, mas também se tornam veículos propícios para a lavagem de dinheiro. A aparente legitimidade desses meios é explorada para ocultar possíveis transações financeiras ilícitas, enquanto a arrecadação de recursos pode se converter em um instrumento para perpetuar o mecanismo de desinformação.

Influencers e políticos, desempenhando papéis distintos nesse enredado jogo de estratégias digitais, compartilham semelhanças marcantes no que tange à arrecadação de fundos por meio das redes sociais. Os influencers, atuando como intermediários entre os veículos de imprensa e o público, desempenham um papel crucial no tabuleiro de xadrez das *fake news*, propagando conteúdo em suas redes sociais e divulgando em grupos de Whatsapp e Telegram. A controvérsia gerada, muitas vezes baseada em informações falsas, não apenas resulta em engajamento, mas também se converte em doações e contribuições financeiras dos seguidores, evidenciando a interconexão entre sua influência digital e a captação de recursos. Paralelamente, políticos, plenamente cientes da eficácia da disseminação de *fake news* para a polarização política, empregam estratégias digitais não apenas para conquistar apoio eleitoral, mas também para angariar fundos. A arrecadação de dinheiro, frequentemente proveniente de doações mobilizadas pela disseminação de informações falsas, revela a ligação crucial entre a manipulação política e a captação de recursos, destacando a relevância destes mecanismos na dinâmica desses atores nas redes sociais.

Para além da desinformação, o financiamento indireto de conteúdo que promove ódio, discriminação e *fake news* acrescenta um nível adicional de riscos. O dinheiro proveniente de práticas de arrecadação na internet, utilizado para perpetuar discursos prejudiciais à sociedade, dificulta a rastreabilidade financeira dessas operações. A opacidade financeira obscurece a origem dos recursos utilizados na produção e propagação de informações falsas, comprometendo a capacidade da sociedade em discernir fontes confiáveis e fundamentadas.

A justiça brasileira já tenta bloquear ações de remuneração (desmonetização)²²¹ das plataformas das redes sociais que se baseiam em disseminação de *fake news*²²². O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) abriu investigação sobre a rede de desinformação²²³, ligada a seguidores bolsonaristas, entre eles, Carlos Bolsonaro, vereador da cidade do Rio de Janeiro, um dos filhos de Bolsonaro e indicado como integrante do “gabinete do ódio”.

Aprofundar a compreensão da complexidade desses mecanismos de remuneração utilizados por veículos de imprensa não confiáveis, influencers e políticos nas redes sociais, não apenas para a arrecadação de fundos, mas também para a lavagem de dinheiro é imperativo para o desenvolvimento de estratégias eficazes que visem coibir a disseminação de *fake news* e a propagação de conteúdos nocivos, garantindo assim a integridade do espaço público digital e a preservação dos fundamentos éticos que norteiam a sociedade contemporânea.

O entrelaçamento de práticas de financiamento ou mesmo de lavagem de dinheiro com conteúdos de *fake news*, discursos de ódio e discriminatórios, bem como a contestação dos poderes republicanos, compromete irrevogavelmente a integridade ética da sociedade democrática. Somente através de um compromisso renovado com a transparência, responsabilidade e educação cívica e de letramento digital, as instituições democráticas poderão preservar os valores fundamentais que sustentam o tecido social e garantir a resistência a influências de seitas políticas nefastas.

221 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-intima-carlos-bolsonaro-e-suspende-monetizacao-de-canais-de-direita-no-youtube/>

222 <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5054056-canal-da-jovem-pan-news-e-desmonetizado-pelo-youtube-por-disseminar-fake-news.html>

223 <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/corregedor-do-tse-da-tres-dias-para-carlos-bolsonaro-explicar-uso-eleitoral-de-perfis-nas-redes-sociais.ghtml>

The background is a complex abstract composition. It features large, overlapping organic shapes in shades of teal, orange, and dark red. These shapes have a textured, cracked appearance. Scattered throughout are various geometric elements: a large yellow circle at the top center, a red circle below it, and several smaller red and yellow circles. Thin white lines crisscross the composition. In the upper right, there are faint, semi-transparent numbers (1-9) arranged in a grid-like pattern.

12

DESINFORMAÇÃO 2.0:

A FUSÃO FATAL
ENTRE *FAKE NEWS* E IA

Os algoritmos desempenham um papel crucial na formação e sustentação das seitas políticas extremistas online. Ao filtrar informações e promover conteúdo que reforça as crenças dos usuários, estes algoritmos perpetuam as bolhas de percepção, tornando-as cada vez mais resistentes à exposição a perspectivas diferentes. Isto resulta em um isolamento social virtual, onde os membros dessas seitas políticas têm dificuldade em considerar pontos de vista alternativos e em participar de discussões dialéticas construtivas.

Em diversos contextos globais, observa-se a disseminação de grupos extremistas, muitas vezes acompanhada pelo crescimento de seus seguidores, fenômeno que tem sido influenciado, em grande medida, pelo papel desempenhado pelas redes sociais. Essa influência é mediada, em grande parte, pelos algoritmos empregados nas plataformas de mídia social.

Para além da dimensão física, é no terreno virtual que a adesão aos movimentos nacional-populistas encontra sua realização mais completa. Lá, os algoritmos desenvolvidos e instaurados pelos engenheiros do caos dão a cada indivíduo a impressão de estar no coração de um levante histórico, e de, enfim, ser ator de uma história que ele achava que estaria condenado a suportar passivamente como figurante (Empoli, p. 96, 2019).

Ainda segundo Giuliano da Empoli, com a extrema direita na Itália, Estados Unidos e na Hungria, o impacto inicial e predominante da nova estratégia de propaganda consiste na emancipação da linguagem e comportamento. Pela primeira vez em muito tempo, a vulgaridade e os insultos não são mais considerados tabus. Preconceitos, racismo e discriminação de gênero emergem da obscuridade. Mentiras e teorias conspiratórias se estabelecem como lentes para a interpretação da realidade.

No caso do Brasil, durante os últimos anos, houve um aumento notável no número de seguidores de fontes de informações falsas, que propagam discursos de ódio, inclusive minimizam

os crimes cometidos durante o período da ditadura militar brasileira. Além disso, tais fontes de desinformação também promovem um evidente desrespeito às normas constitucionais e instituições democráticas, frequentemente associadas ao Poder Judiciário, com destaque para o Superior Tribunal Federal (STF). Apesar da “incitação ao ódio público não estar amparada pela cláusula constitucional que assegura a liberdade de expressão” (Fachin, 2020, p. 195),

[...] os postulados da igualdade e da dignidade pessoal dos seres humanos constituem limitações externas à liberdade de expressão, que não pode, e não deve, ser exercida com o propósito subalterno de veicular práticas criminosas tendentes a fomentar e a estimular situações de intolerância e de ódio público (Fachin, 2020, p. 201).

Mesmo assim, a tendência de disseminação de discurso de caráter de desinformação e de incitação ao ódio contribuiu no Brasil, ao longo do tempo, para a convergência de dois grupos distintos de pessoas: aquelas que vivenciaram diretamente o sombrio período da ditadura militar brasileira e, apesar das arbitrariedades e atrocidades então perpetradas, ainda se identificam com tal regime, e indivíduos mais jovens, que sequer nasceram naquela época, mas que foram expostos a informações falsas e influenciados por indicações de conteúdo provenientes das bolhas algorítmicas presentes nas redes sociais. Esta interação entre gerações, permeada pela polarização política e pela desinformação, tem contribuído significativamente para o complexo cenário político brasileiro atual.

O debate sobre liberdade de expressão e garantia do estado democrático tem pautado tanto a Corte Suprema brasileira como a norte-americana. Porém, em ambos os casos se constata, em decisões sólidas, à luz da filosofia política e da teoria constitucional, que o discurso antidemocrático e de ódio não deve circular com o pretexto de liberdade de expressão.

Portanto, mesmo diante dessa ampla liberdade de manifestação do pensamento e da opinião, é possível estabelecer algumas hipóteses de regulação e limitação à liberdade de expressão. Com efeito, a jurisprudência constitucional norte-americana tem entendido que esse direito fundamental não abrange, por exemplo, os atos de pedofilia, a pornografia ou discursos que incitem a violência (fighting words). Também não se encontra abrangida por esse direito fundamental textos, opiniões ou palavras de difamações dolosas (denominada de actual malice pela jurisprudência norte-americana [...]) (Moraes, 2022, p. 24).

A perspectiva de futuro mundial suscita preocupações adicionais, considerando a complexidade atual da internet, especialmente devido à disseminação crescente de aplicativos operados por inteligência artificial. No âmbito da inteligência artificial, que engloba diversas áreas em constante desenvolvimento, emergem categorias específicas que podem amplificar os efeitos das *fake news*. O espectro das *deepfakes*²²⁴ tem diversas camadas e uma delas é a *deep voice*²²⁵.

Essa tecnologia, chamada de generativa, encontra-se apta a criar novos conteúdos a partir de amostras, com base em algoritmos chamados text-to-speech. As empresas Meta, Microsoft e OpenAI já desenvolveram aplicações que são realmente disruptivas e capazes de, com apenas alguns segundos de uma voz qualquer, recriar o padrão para textos mais longos. Estas ferramentas de clonagem de voz humana estão disponíveis e acessíveis aos milhares de usuários e basta uma conexão da internet (Voice.AI, MetaVoice, VoiceMod,

224 Segundo o dicionário Houaiss, *deepfake* é uma técnica de síntese de imagens ou sons humanos baseada em técnicas de inteligência artificial; uma siglificação de "deep learning" e "fake"

225 *Deep voice* é um modelo de aprendizado de máquina que pretende simular a fala humana, seja pela via de transformação do texto em fala (similar a mecanismos utilizados por tradutores como Google Translate) ou pelo sistema de fala para fala, no qual uma pessoa grava sua voz e nela são imprimidas novas características de timbre, entonação, velocidade, dentre outras características, para transformá-la em uma nova voz. <https://magis.agej.com.br/deep-voice-afinal-existe-direito-a-propria-voz/#fnref-10494-2>

ResembleAI e PlayHT são alguns exemplos). Qualquer pessoa pode pegar uma amostra de sua própria voz (ou de qualquer outra pessoa, viva ou morta) e clonar em até 30 idiomas diferentes.

A apropriação e uso indevido de um padrão de voz humana já existente, a voz de alguém que existe ou já existiu, pode ser resguardada segundo parecer do ministro (Sanseverino, 2017) do Superior Tribunal de Justiça (STJ) do Brasil.

6. A voz humana encontra proteção nos direitos da personalidade, seja como direito autônomo ou como parte integrante do direito à imagem ou do direito à identidade pessoal.

7. Os direitos da personalidade podem ser objeto de disposição voluntária, desde que não permanente nem geral, estando seu exercício condicionado à prévia autorização do titular e devendo sua utilização estar de acordo com o contrato. Enunciado n. 4 da I Jornada de Direito Civil (Sanseverino, 2017, online).

Uma nova tecnologia normalmente nos traz possibilidades de futuros distintos. Já assistimos a um exemplo de projeção de um futuro distópico, no episódio "Volto Já" (*Be Right Back*), da série *Black Mirror*. Neste caso, a protagonista, após perder seu companheiro, com ajuda de ferramentas digitais, baseadas em inteligência artificial, recria um ser virtual, com o perfil do falecido, que conversa com a usuária como se ainda estivesse vivo. Estas ferramentas disponíveis atualmente de clonagem de voz e de criação de imagem, com uma quase perfeita sincronia labial²²⁶, denominadas de *deepfake*, podem permitir inclusive que atores falecidos estejam de volta em novas produções, nas telas de cinema por todo o mundo. Porém, o lado obscuro dessa tecnologia é o seu possível uso abusivo, seja para golpes ou ataques as mais diferentes pessoas, pelos mais diferentes motivos.

226

Sincronia Labial (também conhecido como Lip Sync, em inglês) é um termo técnico para combinar os movimentos dos lábios com a voz.

[...] podem repercutir de modo benéfico ou maléfico a um indivíduo ou, até mesmo à sociedade como um todo. A despeito das numerosas possibilidades vantajosas do uso do *Deep Voice*, devem ser considerados, também, possibilidades como o do roubo de identidades, a prática de ilícitos como extorsões mediante fraude ou o cometimento de crimes com a voz de outros indivíduos (ex: crimes contra a honra), a manipulação política e social contra ou a favor determinado indivíduo, dentre outras condutas deletérias (Guimarães e Guimarães, 2023, online).

Uma recente divulgação da BBC News, de Guy Hedgecoe (2023), na qual imagens geradas por inteligência artificial (IA) de algumas meninas locais, menores de idade e nuas circularam nas redes sociais, através dos aplicativos WhatsApp e Telegram, ocorrido em Almendralejo, na Espanha, expõe uma séria lacuna legal e suas implicações significativas no contexto do uso da IA. Além da lei atual espanhola não abordar especificamente a geração de imagens de natureza sexual por meio da IA, este incidente foi promovido por menores entre 12 e 14 anos, cuja idade os torna inimputáveis e não permite responsabilização legal na Espanha.

Apesar de no Brasil também não haver uma legislação específica sobre as novas tecnologias, existe o preceito jurídico de que a liberdade de expressão não é absoluta, afinal “não há liberdade de expressão que ampare a defesa de atos que atentem contra direitos assegurados na Constituição”, conforme relata o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), na decisão jurídica sobre *fake news*, no texto sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 572, de 2020.

Nenhuma disposição do texto Constitucional pode ser interpretada ou praticada no sentido de permitir a grupos ou pessoas suprimirem o gozo e o exercício dos direitos e garantias fundamentais. Nenhuma disposição pode ser interpretada ou praticada no sentido de excluir outros direitos e garantias que são inerentes ao ser humano ou que decorrem da forma democrática representativa de governo (Fachin, p. 97, 2020).

Esta ausência de regulamentação direta para tecnologias emergentes, como a IA, destaca a necessidade urgente de revisão e atualização das leis, de forma mais rápida, pois a tecnologia avança a passos muito mais largos do que a capacidade de nossos legisladores de tipificar os possíveis casos para abranger adequadamente tais situações, visando a proteção de direitos e a prevenção de abusos.

A ministra Rosa Weber, presidente do Supremo Tribunal Federal brasileiro, em 2020, já deixou o registro de que a manutenção da democracia exige uma constante atualização do Estado Democrático de Direito.

O Estado Democrático de Direito, cerne da República, com suas ideias nucleares de liberdade e responsabilidade, nunca é uma obra completa. É ponto de partida, na observação arguta de Canotilho, “assim, com a democracia, conquista diária e permanente, que se aperfeiçoa por meio da evolução do Estado Democrático de Direito, a cada dia desafiado, e a exigir reflexão diante das constantes transformações sofridas pela sociedade, fruto, em especial, da evolução tecnológica, em velocidade sem precedentes, a repercutir até em nossas percepções de tempo e espaço” (Weber, 2020, p. 06).

O caso em questão, além de evidenciar a lacuna legal, enfatiza a necessidade de uma abordagem abrangente no âmbito da conscientização e educação digital, visando à compreensão dos riscos e implicações éticas vinculadas à manipulação de tecnologias avançadas.

Este contexto contemporâneo nos leva a considerar que a educação digital deve transcender a mera conscientização e ser de fato um verdadeiro letramento digital²²⁷ em seu alcance mais amplo. Destinado assim não apenas a conscientizar, mas também

227

Letramento digital é a compreensão e capacidade de interpretar, criar e desenvolver habilidades de leitura e escrita no cenário tecnológico. (<https://educadordofuturo.com.br/educacao/o-que-e-letramento-digital/>).

a ser ferramenta essencial na luta contra o analfabetismo funcional digital, desenvolvendo proficiência na interpretação das diversas mídias digitais e a aquisição das demais competências técnicas e habilidades, necessárias para acessar, interagir e processar em ambientes digitais.

A falta de legislação específica torna imperativo abordar essa questão por meio de uma perspectiva mais ampla, ágil e adaptável que inclua não apenas medidas regulatórias, mas também estratégias educacionais que ajudem a prevenir incidentes semelhantes ao ocorrido em Almendralejo, na Espanha, e promovam a responsabilidade no uso da IA e outras tecnologias.

Já temos como realidade a ascensão das *deepfakes*²²⁸, que de forma altamente convincente transcende a simples geração de imagens estáticas. De fato, a *deepfake* constitui um método sofisticado de manipulação em mídia digital, predominantemente em áudio e vídeo, com o intuito de gerar material aparentemente autêntico, embora "falso" em seu conteúdo. Cabe ressaltar que o termo "falso", neste contexto, não denota necessariamente uma conotação negativa, pois existem exemplos notáveis de sua aplicação no cinema e na publicidade, sem o julgo de mérito ou valor, pois é apenas algo que foi utilizado para entretenimento e consumo, com a devida autorização dos responsáveis, como a inclusão de cenas nunca antes gravadas com o ator Harrison Ford em um filme da franquia Indiana Jones, bem como a criação de um dueto impossível entre a cantora brasileira Elis Regina e sua filha, utilizando imagem e voz, em uma propaganda de um fabricante de automóveis.

Entretanto, é importante notar que atualmente já é possível encontrar plataformas que permitem a manipulação rudimentar de imagens e áudios, envolvendo figuras públicas de renome mundial.

228

Segundo o dicionário Houaiss, *deepfake* é uma técnica de síntese de imagens ou sons humanos baseada em técnicas de inteligência artificial; uma siglificação de "*deep learning*" e "*fake*".

Embora essas manipulações ainda possam ser consideradas imperfeitas, segundo estudos da empresa de segurança Kaspersky, em 2022²²⁹, mais de 60% dos brasileiros ignoram a existência das *deepfakes* e 71% não conseguem reconhecer quando um vídeo foi editado usando técnicas de *deepfake*.

O receio de que tenhamos campanhas político-partidárias com um derrame de *deepfake*, em redes sociais de mensagens privadas, como Whatsapp e Telegram, às vésperas de uma eleição é uma realidade pertinente com o avanço tecnológico. Já em 2018 fomos alertados, por Robert Chesney²³⁰ e Danielle Citron²³¹ de que *deepfake* é a ponta do iceberg de um contexto social, tecnológico e, por que não dizer, até mesmo jurídico complexo. No site Lawfare, “uma publicação multimídia sem fins lucrativos dedicada a ‘Escolhas Difíceis de Segurança Nacional’”, que fornece análises apartidárias de questões políticas e jurídicas, lê-se que:

Alimentada pela inteligência artificial, a personificação digital está aumentando. Algoritmos de aprendizado de máquina (geralmente redes neurais) combinados com software de mapeamento facial permitem a fabricação fácil e barata de conteúdo que sequestra a identidade de uma pessoa – voz, rosto, corpo. A tecnologia *deepfake* insere rostos de pessoas em vídeos sem sua permissão. O resultado são “vídeos verossímeis de pessoas fazendo e dizendo coisas que nunca fizeram” (Chesney e Citron, 2018, online).

229 <https://www.kaspersky.com.br/blog/brasileiros-desconhecem-deepfake/18834/>.

230 Robert (Bobby) Chesney é reitor da Faculdade de Direito da Universidade do Texas, onde também ocupa a Cátedra James A. Baker III em Estado de Direito e Assuntos Mundiais na UT. Ele é conhecido internacionalmente por seus estudos relacionados à segurança cibernética e à segurança nacional. Ele é cofundador da Lawfare, a principal fonte on-line do país para análise de questões jurídicas de segurança nacional, e é co-apresentador do popular programa The National Security Law Podcast. [Tradução nossa].

231 Danielle Citron é professora de Direito na Escola de Direito da Universidade de Boston e MacArthur Fellow em 2019. Ela é autora de “Crimes de Ódio no Ciberespaço” (Harvard University Press, 2014). [Tradução nossa].

Os autores alertam sobre o risco de uma crise iminente para a segurança nacional, a democracia e a privacidade. O que sabemos é justamente que as legislações de países democráticos são regularmente lentas frente às novas mudanças tecnológicas e suas implicações jurídicas. Segundo Chesney e Citron (2018), o que sabemos é que as *deepfakes* podem sim gerar “sentimentos de constrangimento e vergonha e infligir danos à reputação que podem devastar carreiras (especialmente para as pessoas comuns)”. Os riscos evidentes à democracia, envolvendo os limites das soluções tecnológicas e jurídicas, que Chesney e Citron (2018) já apontaram no passado, ainda hoje estão como uma espada que pende sobre nossas cabeças: [...] “Um clipe de áudio falso pode ‘revelar’ comportamento criminoso de um candidato às vésperas de uma eleição” [...] “Vídeos falsos podem mostrar funcionários públicos recebendo subornos, proferindo palavras de cunho racial ou praticando adultério” [...] “Políticos e outros funcionários do governo poderiam aparecer em locais onde não estavam, dizendo ou fazendo coisas horríveis que não fizeram” [...] “Poderiam ser mostrados soldados assassinando civis inocentes numa zona de guerra, precipitando ondas de violência e até mesmo danos estratégicos a um esforço de guerra” [...] “Um *deepfake* pode representar falsamente um policial branco atirando em um homem negro” [...].

Observe que todos esses exemplos enfatizam como um *deepfake* bem executado e oportuno pode gerar danos significativos em um determinado caso, seja o dano à propriedade física e à vida na sequência de agitação social ou pânico ou à integridade de uma eleição. A ameaça representada pelos *deepfakes*, no entanto, também tem uma dimensão sistêmica a longo prazo (Chesney e Citron, 2018, online).

O funcionamento das instituições democráticas pode ser afetado com a disseminação de *deepfakes*, pois representa uma ameaça simbólica na confiança necessária ao sistema. A generalização de *deepfakes* pode predispor o público a ser mais cético em relação a fatos verdadeiros, porém desconfortáveis (Chesney e Citron, 2018, online).

Os vieses cognitivos já desempenham um papel na resistência a informações inconvenientes, mas a ubiquidade dos *deepfakes* pode acentuar essa tendência, fornecendo uma justificativa pronta para o descarte de evidências indesejadas. No mínimo, à medida que os vídeos falsificados se tornam ubíquos, **o público pode enfrentar dificuldades na aceitação do que seus próprios sentidos (sejam visuais ou auditivos) lhes apresentam – mesmo quando se trata de informações factualmente precisas.** [grifo nosso] (Chesney e Citron, 2018, online).

Nas eleições presidenciais da Argentina, em novembro de 2023²³², o ultraliberal Javier Milei foi eleito presidente, contra o candidato da esquerda, Sergio Massa, representante da linha peronista.

Economista de formação e deputado desde 2021, Milei **cresceu por meio das redes sociais, fora do radar da mídia e da rede territorial dos partidos tradicionais. "Nunca tivemos um cartaz do Milei aqui. Não o vimos chegar, ele entrou pela janela"**, disse um líder da Villa 21-24, o maior bairro popular da Argentina, ao El País. Ele obteve grande apoio dos setores mais vulneráveis, tradicionalmente afins ao peronismo, mas também de eleitores de classe média e alta (Adamor, 2023, online, grifo nosso).

Ambos os lados da campanha usaram inteligência artificial em grande escala em suas propagandas políticas²³³. A imprensa chegou a rotular que a "eleição na Argentina é a primeira da era da inteligência artificial"²³⁴. Antes era apenas plausível imaginar um cenário, em um futuro não tão distante, no qual essa tecnologia se disseminasse de maneira descontrolada, especialmente nas redes sociais digitais como WhatsApp e Telegram, às vésperas de eventos eleitorais, por exemplo. Isso poderia resultar na divulgação de

232 <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/11/argentina-se-divide-entre-o-louco-milei-e-peronista-oportunista.shtml>

233 <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/14/campanha-presidencial-na-argentina-usa-ia-em-grande-escala.ghtml>

234 <https://www.estadao.com.br/internacional/a-eleicao-argentina-e-a-primeira-a-empregar-ia/>

conteúdos forjados que retratam candidatos realizando ações e/ou falando algo que nunca ocorreu de fato. Diante dessas perspectivas, é evidente que a população em geral enfrentará desafios consideráveis no que tange à distinção do que é a realidade, não apenas no cenário hipotético mencionado anteriormente, mas em todos os cenários concebíveis.

Esta campanha eleitoral para a presidência da Argentina foi marcada pelo novo estágio de participação das *deepfakes*. Tanto o candidato da esquerda, Sérgio Massa, se fez valer da inteligência artificial, como também o candidato da extrema direita, Javier Milei. Ambos construíram diversas peças publicitárias com imagens geradas por diferentes plataformas.

A campanha do candidato Massa (e atual ministro da economia da Argentina) usou de inteligência artificial para construir uma imagem de um homem forte e destemido. Para isso fez vídeos de Massa em diversos papéis: como um soldado na guerra, caça-fantasmas e Indiana Jones. Foi mais longe, e empregou elementos visuais que remetiam ao icônico cartaz da campanha presidencial de Barack Obama em 2008 ("Hope") e até mesmo uma fake capa da revista New Yorker. O uso de *deepfake* foi também para evidenciar a personalidade de seu oponente, Milei, conhecido por seus arroubos coléricos. Neste caso, na intenção de retratar como uma pessoa instável e perigosa, foi inserido o rosto de Milei em trechos de filmes como "Laranja Mecânica" e "Medo e Delírio em Las Vegas". Um dos vídeos de I.A. de maior destaque foi feito em apenas dois dias, após um debate, quando Milei disse que Margaret Thatcher, primeira-ministra do Reino Unido, era uma grande líder. O vídeo²³⁵ mostra Thatcher pilotando um submarino em ataque na Guerra das Malvinas, em 1982²³⁶. Este conflito com a Inglaterra foi responsável

235 <https://x.com/DiogoCortiz/status/1724565079239152002?s=20>

236 <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-das-malvinas/noticia/guerra-das-malvinas.ghtml>

pela morte de 649 argentinos. Um comunicado da campanha de Sergio Massa afirmou que “o uso que faz de IA serve para entreter e sustentar argumentos políticos, não para enganar o eleitor”²³⁷.

Em entrevista, Massa afirmou que ficou chocado a primeira vez que viu o que a inteligência artificial é capaz de fazer. **“Eu não tive minha mente preparada para o mundo em que viverei”**, afirmou ele. “O desafio é enorme. Nós estamos montando um cavalo que temos de montar, mas ainda não conhecemos seus truques” (Nicás e Herrera, 2023, online, grifo nosso).

Do outro lado, a abordagem seguiu uma trajetória semelhante. Milei lançou mão de uma série de imagens cuidadosamente fabricadas para enaltecer sua imagem pública, associando-o a um leão. Essa metáfora simbólica remete não apenas à semelhança de seus cabelos, evocativa de uma juba leonina, mas também à valentia e ferocidade atribuídas ao referido felino. Em uma das imagens o leão aparece abraçando a bandeira argentina, demonstrando ser afetuoso e confiável e em outra, aparece um leão por sobre a sede do governo argentino, Casa Rosada, rugindo e espantando, com debandada, os adversários políticos e atuais membros do governo. Uma alusão clara de ferocidade e das mudanças que ele pretende fazer em seu novo governo. A utilização estratégica dessas representações visuais visava não apenas fortalecer a imagem do candidato, mas também estabelecer uma conexão emocional com o eleitorado, explorando elementos simbólicos que transcendem a mera representação física. Ainda, em grupos de apoiadores de Milei, circulou um vídeo, de autoria desconhecida, que mostrava o candidato opositor (Sergio Massa) cheirando cocaína²³⁸ e, segundo os apoiadores de Massa, esse material foi manipulado com a sobreposição da imagem

237 <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NIgNdcnIAQQ:https://www.estadao.com.br/internacional/a-eleicao-argentina-e-a-primeira-a-empregar-ia/&hl=pt-BR&gl=br>

238 <https://x.com/DerechaNews/status/1722339476469334361?s=20>

do rosto da pessoa²³⁹. Como já exposto, o uso de *deepfakes* tem no mínimo duas funções distintas e podem servir para entretenimento, engajamento e até mesmo como amplificação narrativa simbólica verbal e não verbal. Porém, os novos perigos já não estão à espreita, já batem à porta, com o disfarce de estímulo para novos eleitores, e poderemos ver a liberdade de expressão sendo invocada em peças que induzem ao erro, fomentam a polarização e a disseminação de desinformação ou mesmo de discursos de ódio.

Segundo Durães (2023, online), não há na Argentina, e mesmo no mundo, ainda definição jurídica específica de como lidar com o contexto de uso da inteligência artificial. O que precisamos lembrar é que IA é, em verdade, apenas uma ferramenta para intenções humanas. Pedro Sanches, especialista em Direito Digital, privacidade e proteção de dados pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, nos recorda que o cerne do problema não é a tecnologia, mas o uso que fazemos dela:

“Desvios ou condutas ilícitas sempre vão existir, independentemente do nível de tecnologia aplicada. Não acho válida a restrição de utilização de tecnologias específicas simplesmente em razão de situações ou pontuais desvios de conduta” (Sanches *apud* Durães, 2023, online).

No contexto de nossa sociedade contemporânea, é amplamente reconhecido o conceito de modernidade líquida, desenvolvido por Zygmunt Bauman (2001), na virada para o século XXI, caracterizada por uma nova era marcada pela fragilidade, fugacidade e maleabilidade das relações sociais, econômicas e de produção, as quais se assemelham aos atributos dos líquidos. Em contraste com a modernidade sólida, período anterior em que as relações eram mais sólidas e duradouras, a modernidade líquida emergiu após a Segunda Guerra Mundial e se tornou mais evidente na década de

239

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/11/18/novo-estagio-das-fake-news-deepfake-vira-arma-de-campanha-na-argentina.htm>

1960, embora suas raízes remontam aos primórdios do capitalismo industrial. Nesse contexto, as relações econômicas se sobrepuseram às relações sociais e humanas, resultando em uma fragilização dos laços interpessoais e institucionais. A lógica do consumo substituiu a lógica moral, e as pessoas passaram a ser avaliadas não pelo seu caráter, mas pelas suas escolhas de consumo. As instituições tornaram-se líquidas, refletindo a ideia de que cada indivíduo é, em si mesmo, uma instituição. O emprego se transformou em um empreendimento individual, com a responsabilidade pelo sucesso recaindo inteiramente sobre o indivíduo. Sob essa ótica, a exploração capitalista é considerada a norma, em que o empreendedor de si mesmo vende sua força de trabalho ao empreendedor capitalista. A modernidade líquida é caracterizada por sua agilidade, acompanhando as tendências culturais e a lógica consumista em todas as esferas da sociedade, da ciência à educação, das relações humanas à economia.

A contemporaneidade, marcada pela fluidez da modernidade líquida, resulta em uma fragilidade dos laços interpessoais e institucionais. Detecta-se que devido à influência das redes sociais, essa fluidez da modernidade se infiltrou no conceito da verdade, tornando difuso seus contornos. Por consequência, no entanto, as bolhas algorítmicas das redes sociais, caracterizadas pela segmentação de informações, customização e pela formação de comunidades virtuais de interesse comum e pensamentos afins, emergem como agentes de fortalecimento dos vínculos pessoais contribuindo de fato para uma cristalização das percepções da realidade e consequentemente maior cristalização das relações, contrapondo-se à ideia de fluidez que permeia a modernidade líquida.

A observação do modelo de funcionamento adotado pelas recentes seitas políticas, orientadas pelos algoritmos de plataformas de redes sociais e que se beneficiam da disseminação da segregação e da hostilidade como meios de coesão política, permite antever uma perspectiva de grupos sociais que tendem a se tornar mais restritos em relação à admissão de novos membros. Isso decorre do fato

de que esses grupos se constituem em torno de afinidades políticas compartilhadas, muitas vezes caracterizadas por uma retórica que busca eliminar ou marginalizar perspectivas divergentes.

Vislumbra-se um cenário potencialmente desafiador para as sólidas instituições democráticas que sustentam os alicerces de uma sociedade democrática. Esse desafio decorre não apenas da metamorfose das próprias instituições, que passam a refletir a concepção de que cada indivíduo, como citado por Bauman (2001), mas também da persistente ameaça representada pelos frequentes ataques perpetrados por grupos políticos de extrema direita, que comprometem os pilares fundamentais de um Estado democrático. Esses ataques, sejam simbólicos, verbais ou físicos, por vezes coordenados e orquestrados nas plataformas de redes sociais, minam a integridade e a autoridade das instituições tradicionalmente encarregadas de proteger e garantir os direitos de todos os cidadãos, inclusive das minorias.

Contudo, paradoxalmente, tais ataques também contribuem para a consolidação da noção de que, de forma representativa, a fluidez intrínseca à sociedade moderna é sucedida por uma cristalização de conceitos, em grande parte influenciada pelos algoritmos das redes sociais. Essa aparente contradição revela como as dinâmicas sociais contemporâneas são permeadas pela interação complexa entre as ameaças à democracia, como a manipulação da informação, e os ataques às instituições. O papel dos algoritmos nesse contexto sugere que a disseminação seletiva de informações, quando combinada com as características polarizadoras das redes sociais, pode intensificar e facilitar a aceitação acrítica de narrativas autoritárias, moldando assim a percepção pública de maneira profunda e muitas vezes não perceptível. Essa dinâmica representa um desafio à imagem de solidez e sustentação que as instituições democráticas deveriam projetar, gerando uma ameaça direta ao próprio modelo democrático e, conseqüentemente, minando o respeito que deveriam naturalmente inspirar no conjunto da sociedade.

Portanto, é imperativo considerar o que o futuro já nos mostra: as bolhas de percepção da realidade se cristalizam e incentivam a polarização dos temas em debate, fomentadas pelos algoritmos das redes sociais. Este fenômeno aponta para uma inversão notável na evolução social, em que a tecnologia, que historicamente promoveu a conectividade e a fluidez, pode contribuir para uma fragmentação mais profunda das perspectivas e percepções individuais. Neste cenário, a influência das redes sociais e das tecnologias digitais sobre a construção da realidade social merece uma análise mais aprofundada, considerando não apenas as consequências imediatas, mas também a evolução a longo prazo das estruturas sociais e culturais. A cristalização das bolhas de percepção levanta questões importantes relacionadas à polarização, ao isolamento social e à formação de comunidades virtuais que podem ser caracterizadas por perspectivas cada vez mais estreitas, semelhantes ao que acontece nos casos de seitas religiosas ou políticas. Portanto, é crucial investigar como a evolução tecnológica impacta nossa compreensão da realidade e, consequentemente, as dinâmicas sociais que definem a experiência humana contemporânea.

Isso nos remete à lembrança de conceitos, anteriormente considerados futuristas, propostos por Derrick de Kerckhove em sua obra "A Pele da Cultura" (1997). Neste contexto, Kerckhove delinea o conceito de Psictecnologias como aquelas tecnologias que ampliam as capacidades psicológicas dos seres humanos, estendendo assim a influência sobre a psique humana. Adicionalmente, o autor argumenta que essas tecnologias têm (ou terão) a capacidade de emular e intensificar a capacidade mental, não se limitando apenas a prolongar as faculdades de envio e recepção da consciência, mas também a interagir com ela de forma intrusiva e promover modificações.

A rápida evolução dessas tecnologias requer um esforço constante por parte dos legisladores para desenvolver regulamentações realmente eficazes e atualizadas, do ponto de vista preditivo das inovações tecnológicas, que protejam a integridade e a segurança das informações e da sociedade em amplo espectro, individual e coletivo.

An abstract collage background featuring various geometric shapes like circles and triangles in shades of orange, teal, and dark blue. The collage has a textured, layered appearance. Faint numbers are scattered across the top right section.

13

REVOLUÇÃO
QUÂNTICA
SILENCIOSA

A ideia de que o mundo virtual e o mundo real iriam se misturar sempre esteve na mente de muitas pessoas, mas muitos pensavam que isso só aconteceria com o uso de dispositivos especiais, como óculos de realidade virtual, capacetes com sensores de ondas magnéticas, luvas que simulam o toque e outras tecnologias consideradas "*geeks*". No entanto, para surpresa, já estamos vendo a coexistência de realidades virtuais com o nosso mundo real, sem a necessidade de usar nenhum equipamento extra além do celular ou computador pessoal.

Os algoritmos de redes sociais desempenham um papel significativo na criação de bolhas de percepção da realidade, contribuindo para a formação de comunidades com interesses comuns. No entanto, eles não devem ser responsabilizados exclusivamente por esse fenômeno. A história nos ensina que a formação de bolhas de percepção ocorreu em diferentes contextos e com diversas ferramentas. Para entender e conseguirmos propor soluções a esse problema, é essencial considerar a influência de líderes carismáticos, discursos sedutores e o isolacionismo, bem como a restrição do acesso a informações e conhecimento. Necessário ainda nos aprofundarmos nos estudos, com uma metodologia de análise transversal, que possibilite levar em conta os avanços de percepções academicamente referendadas em diversas áreas do conhecimento, como psicologia, antropologia, sociologia, comunicação, ciência da informação e demais que tenham estudos com objeto focal em seitas sectárias ou movimentos extremistas. A conscientização sobre os riscos das bolhas de percepção da realidade é fundamental para promover uma sociedade informada e aberta ao diálogo.

Essa análise ressalta a relevância da interatividade nas redes sociais na disseminação de desinformação, com grupos minoritários e conspiratórios ampliando suas percepções por meio de compartilhamentos, impulsionados pelos algoritmos e impactando a percepção da realidade. Além disso, como Lifton (2012), destaca que o isolamento social e da informação, para aplicação das estratégias

de estados autoritários, não apenas se fez necessário, como foi um dos fatores preponderantes para a cristalização do pensamento identitário de grupo.

Desta mesma forma, a influência dos algoritmos nas redes sociais na formação de seitas políticas não pode ser subestimada. As seitas religiosas e estados totalitários tentam isolar o acesso à informação aos seus seguidores, já as bolhas de percepção isolam virtualmente os membros de comunidades da sociedade em geral. Os casos de formação de grupos ou seitas extremistas certamente podem não ser pensados como regra geral, porém não podemos apenas incluí-los na lista de casos isolados.

A necessidade imprescindível de avaliar criticamente o impacto social dos algoritmos de seleção, indução ou predição, em redes sociais, não pode de forma alguma andar separada da necessidade imperativa do debate sobre a autenticidade das informações, à medida que a tecnologia continua a evoluir e a capacidade de criar conteúdos falsos se torna cada vez mais sofisticada, porém esta é apenas a ponta do iceberg. Até aqui, só falamos sobre impactos no indivíduo e na sociedade dos resultados de *softwares*: aplicativos, algoritmos, sistemas e implicitamente nos avanços das pesquisas em inteligência artificial. Mas ainda existem submersos, na massa deste iceberg, logo abaixo do nível da água, *Machine Learning*, Redes Neurais e *Deep Learning*, onde temos, segundo a IBM²⁴⁰, “uso de dados e algoritmos para imitar a maneira como os humanos aprendem, melhorando gradualmente sua precisão”.

Se o iceberg já se mostra maior do que se avistava, é preciso também estar atento à parte massiva submersa, o *hardware* e a evolução da capacidade de processamento das máquinas, onde rodam todas essas aplicações já citadas. Esta evolução da capacidade de processamento das máquinas (*hardware*) é que sustenta o avanço

constante da malha de programas (*softwares*). Neste cenário, os recentes progressos na engenharia da computação em colaboração com especialistas em física quântica e engenheiros quânticos conduziram ao desenvolvimento de computadores com processadores quânticos. Este não é um cenário de ficção científica e também não mais apenas um experimento de laboratório; trata-se de uma realidade em constante evolução que está sendo investigada ativamente no âmbito acadêmico e que já tem aplicações comerciais. O surgimento destes processadores quânticos gera atualmente uma espécie de "corrida armamentista", ainda que velada, entre as principais potências mundiais²⁴¹.

Um computador quântico tem características básicas muito diversas dos computadores clássicos de formato binário (1 e 0) que utilizamos em nossas mais rotineiras atividades de hoje em dia. "Enquanto na computação clássica os bits (ou dígitos binários) podem assumir apenas um valor, 0 ou 1 – em que o 0 representa um sinal sem corrente elétrica e o 1 com corrente –, a computação quântica trabalha com 0, com 1 e com combinações de 0 e 1 ao mesmo tempo. São os bits quânticos ou qubits" (Zaparolli, 2021, online).

A criptografia utilizada em segurança de nossos computadores, que impede a invasão por terceiros, garante a integridade de uma conta bancária, por exemplo, é baseada em processos matemáticos extremamente complexos, mas ainda em processos binários. A segurança cibernética e a criptografia são atividades de rotina em nossa sociedade, que já tem o fluxo líquido em questões de rotina, entre tantas outras, de satélites de comunicação, nos atendimentos de saúde e hospitais, sistemas de controle de tráfego aéreo, transações monetárias e financeiras entre nações, em diferentes continentes. A segurança nacional de praticamente todos os países também depende de fluxos de sistemas de dados consistentes e criptografados.

241

<https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/computacao-quantica-ja-ameaca-seguranca-de-eletronicos-e-desespera-potencias-entenda/&hl=pt-BR&gl=br>

O desafio preditivo que se enfrenta hoje é saber quando chegará o Q-day: “o termo que alguns especialistas usam para descrever uma época em que um computador quântico robusto será capaz de decifrar os grandes números primos subjacentes aos nossos sistemas de encriptação públicos que protegem as nossas contas bancárias, os mercados financeiros e a nossa infraestrutura crítica” (Deslandes, 2023, online), podendo incluir nesta lista praticamente todos os sistemas de segurança que são utilizados. Todo esse arcabouço ou arsenal estratégico de informações sigilosas estarão vulneráveis, mesmo que se imaginem imunes com seus respectivos firewalls e criptografia de alta complexidade.

[...] o Google pode ter atingido a “supremacia quântica”, ponto em que um computador quântico teria realizado uma operação que uma máquina tradicional não seria capaz de fazer. Nesse caso, o chip Sycamore, projetado pelo Google, teria executado em pouco mais de três minutos um cálculo que o mais poderoso supercomputador da atualidade, o IBM Summit, levaria 10 mil anos para realizar (Zaparolli, 2021, online).

A Intel²⁴², empresa de desenvolvimento de processadores, avança diariamente em chips para computação quântica. A empresa canadense D-Wave Systems²⁴³ já disponibiliza um computador quântico para atividades comerciais de otimização²⁴⁴, segurança cibernética, aprendizado de máquina e amostragem. Segundo Zaparolli (2023), a IBM lançou o “IBM Q System One. Primeiro computador quântico universal disponível ao público, ele está apto a fazer vários tipos de operações.” A NASA já tem laboratório dedi-

242 <https://www.intel.com.br/content/www/br/pt/search.html?ws=text#q=qubits&sort=relevancy>.

243 <https://www.dwavesys.com/>.

244 Segundo site da D-Wave Systems (2023), os “problemas de otimização existem em muitas áreas diferentes, incluindo projeto de sistemas, planejamento de missão, programação de aviação, análise financeira, pesquisa na web e radioterapia contra câncer. São alguns dos problemas mais complexos do mundo, e ser capaz de calcular rapidamente as soluções ideais pode trazer enormes benefícios para as empresas, as pessoas e a ciência”.

cado a estudo e desenvolvimento que interliga inteligência artificial e computação quântica²⁴⁵. No portal oficial da NASA²⁴⁶, encontramos que "Google e NASA alcançam a supremacia quântica". Segundo Frank Tavares (2019)²⁴⁷, "O Google, em parceria com a NASA e o Laboratório Nacional de Oak Ridge, **demonstrou a capacidade de calcular em segundos o que levaria milhares de anos** até mesmo para os maiores e mais avançados supercomputadores, alcançando um marco conhecido como supremacia quântica" [grifo nosso]. O ponto desse marco reside na realização de um feito único por um processador quântico, algo que nenhuma outra máquina tradicional existente é capaz de realizar.

Isso não apenas indica a aproximação do ponto crítico designado como "Q-day", mas também reflete a progressão constante nesta direção. A preocupação não reside mais na incerteza de "se" atingiremos esse marco, mas sim na inevitabilidade de "quando" ocorrerá o momento em que um sistema computacional poderá potencialmente ter a capacidade de acessar e quebrar as medidas de segurança e códigos que atualmente empregamos.

Em síntese, a influência dos algoritmos das redes sociais e aplicativos de mensagens pessoais na formação de bolhas de percepção da realidade apresenta um desafio significativo às instituições democráticas e à integridade do espaço público. A customização de conteúdo, a rápida disseminação de informações distorcidas e a promoção de comunidades de interesse frequentemente moldadas por ideologias extremistas são tendências que ameaçam a saúde da democracia. Como observado, tais fenômenos estão intrinsecamente relacionados às *fake news* e ao surgimento de seitas políticas que podem minar a confiança nas instituições democráticas, como evidenciado nos Estados Unidos e no Brasil.

245 <https://www.nasa.gov/intelligent-systems-division/discovery-and-systems-health/nasa-quail/>

246 <https://www.nasa.gov/technology/computing/google-and-nasa-achieve-quantum-supremacy/>

247 <https://www.nasa.gov/technology/computing/google-and-nasa-achieve-quantum-supremacy/>.

Neste contexto, o avanço da inteligência artificial e a crescente disponibilidade de novas tecnologias, incluindo computação quântica, aumentam a capacidade de produção de *fake news* e a criação de grupos isolacionistas de maneira sem precedentes. Essa perspectiva coloca em foco a necessidade urgente de regulamentações e estratégias eficazes para lidar com as consequências negativas dessas transformações tecnológicas.

CONCLUSÃO E CONSEQUÊNCIAS

A consciência do papel preponderante e segregacionista dos algoritmos nas bolhas de percepção demanda uma ampliação nos estudos interdisciplinares para uma compreensão abrangente deste fenômeno. A abordagem transversal, envolvendo diversas áreas do conhecimento, é fundamental para mapear o contorno desse complexo objeto de pesquisa. A interseção entre ciência da computação, ciência da informação, sociologia, psicologia, antropologia, comunicação, filosofia, história e direito proporciona uma perspectiva para decifrar os mecanismos subjacentes às bolhas de percepção e seus impactos sociais.

As atuais tecnologias de informação e comunicação permitiram um novo levante de grupos e/ou seitas políticas, ligadas à extrema direita, em diversos países no mundo, não apenas no Brasil e nos EUA. A velocidade com que informações podem ser disseminadas globalmente apresenta benefícios inegáveis; no entanto, essa mesma característica também pode dificultar as ações e o trâmite de processos jurídicos essenciais para prevenir crimes, atentados ou mesmo golpes de estado. A proliferação de desinformação, especialmente por meio de aplicativos de mensagens instantâneas em múltiplos grupos, que atinge milhares de usuários, oferece uma plataforma propícia em que pessoas em massa possam ser doutrinadas, influenciadas ou mesmo enganadas, com potencial de desencadear um efeito cascata capaz de influenciar resultados eleitorais em âmbito internacional, nacional e regional.

Segundo reportagem do jornal inglês *Financial Times* (2023)²⁴⁸, o governo dos Estados Unidos, já sob a liderança de Joe Biden, manifestou preocupação diante das declarações proferidas por Jair Bolsonaro antes das eleições presidenciais, durante uma reunião oficial com diversos embaixadores em Brasília, em 18 de julho de 2022. Bolsonaro adotou

teorias que questionavam a legitimidade do sistema eleitoral brasileiro, seguindo uma estratégia semelhante à adotada por Donald Trump.

Bolsonaro demonstrava publicamente que ainda estava muito ligado a Trump, inclusive sendo o último líder do G20 a parabenizar Biden pela vitória nas eleições²⁴⁹. “Bolsonaro continuou a falar sobre fraude nas eleições dos EUA e continuou a entender a sua relação com os Estados Unidos em termos da sua relação com o presidente Trump”, afirmou Ton Shannon, ex-embaixador dos EUA no Brasil, aos repórteres do *Financial Times* (2023).

O governo dos Estados Unidos anteviu então a possibilidade de Bolsonaro recorrer a medidas semelhantes às que culminaram na conturbada invasão do Capitólio em 2021 ou mesmo em um golpe militar, assemelhando-se ao ocorrido no Brasil em 1964, como estratégia para se manter no poder. A mencionada reunião com embaixadores foi o ponto central de uma ação movida na justiça eleitoral brasileira, que resultou na condenação de Bolsonaro e sua subsequente inelegibilidade por oito anos²⁵⁰, decidida pelo Supremo Tribunal Federal. Importante destacar que tal ação só foi julgada em 2023, após as eleições que culminaram na derrota de Bolsonaro e na vitória de Luís Inácio Lula da Silva.

Bolsonaro adotou a narrativa junto aos seus seguidores que desacreditava o processo eleitoral, propagando a ideia de ser vítima de conspiração e fraude articulada pela esquerda, com suposta cumplicidade do Supremo Tribunal Federal para manipular os resultados eleitorais, em um paralelo similar à estratégia adotada por Trump. O histórico dos Estados Unidos se interpor no cenário político brasileiro, exemplificado quando “em 1964, Washington apoiou um golpe militar no Brasil que derrubou o governo do presidente de esquerda João Goulart e deu início a uma ditadura de 21 anos” (Financial Times, 2023), provoca ainda hoje na esfera política brasileira, especialmente

249 <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-15/bolsonaro-e-o-ultimo-presidente-do-g20-a-parabenizar-biden-estarei-pronto-a-trabalhar-com-o-novo-governo.html>

250 <https://www.infomoney.com.br/politica/tse-forma-maioria-e-torna-bolsonaro-inelegivel-ate-2030-por-abuso-de-poder-politico-em-reuniao-com-embaixadores/>

entre os setores de esquerda, severas restrições. Então, qualquer movimentação poderia ser minimamente interpretada como interferência externa ao processo eleitoral brasileiro de 2022.

Este cenário complexo instigou uma abordagem cautelosa do governo Biden, que optou por uma campanha discreta de recados enviados a aliados e membros do governo brasileiro, incluindo militares, de que Bolsonaro deveria respeitar o resultado das eleições, reforçando a importância do respeito ao resultado das eleições e à estabilidade democrática. "A solução foi uma campanha concentrada, mas não anunciada em vários ramos do governo dos EUA, incluindo os militares, a CIA, o Departamento de Estado, o Pentágono e a Casa Branca" (Financial Times, 2023).

Inicialmente o governo dos EUA divulgou em nota, um dia após a reunião de Bolsonaro com os embaixadores, que acreditava nas urnas eleitorais eletrônicas brasileiras²⁵¹. Na sequência, visitaram o Brasil no ano da eleição, 2022, em curtos intervalos de tempo, a general Laura Richardson, chefe do Comando Sul dos EUA, que cobre a América Latina; o chefe da CIA, William Burns e o secretário da Defesa, Lloyd Austin. Ainda segundo as fontes jornalísticas do *Financial Times* (2023), os interlocutores no Brasil, dos integrantes do governo norte-americano, eram Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados, o vice-presidente Hamilton Mourão, Tarcísio Gomes de Freitas, ministro da Infraestrutura e o almirante Flávio Rocha, secretário de assuntos estratégicos da presidência no governo de Jair Bolsonaro.

Fontes do governo brasileiro relataram à imprensa britânica que as autoridades norte-americanas transmitiram mensagens de apoio à democracia, mas também de advertência contra tentativas de subversão da ordem constitucional.

O objetivo foi reforçar duas mensagens consistentes para os generais brasileiros inquietos e os aliados próximos de Bolsonaro: Washington tinha posição neutra quanto ao

251

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/19/um-dia-apos-bolsonaro-atacar-urnas-embaixada-dos-eua-diz-que-eleicoes-no-brasil-sao-modelo-para-o-mundo.ghtml>

resultado da eleição, mas não toleraria qualquer tentativa de questionamento do processo de votação ou do resultado (Financial Times, 2023).

No Brasil, uma semana após a posse do novo governo de Luís Inácio Lula da Silva, em 8 de janeiro de 2023, ocorreu uma manifestação caracterizada pela invasão e depredação dos edifícios que abrigam as sedes dos três poderes da república em Brasília: o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF). Esse episódio tem evidentes semelhanças com o tumultuado caso registrado no Capitólio, em Washington, em 6 de janeiro de 2021, como registrado no artigo²⁵² de Bernardo Ricupero (2024), professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

As instituições democráticas brasileiras, particularmente o poder judiciário representado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pelo Supremo Tribunal Federal (STF), desempenharam um papel fundamental na contenção de uma potencial tentativa de golpe de estado. Mesmo diante das pressões políticas e populares, incluindo o apoio de milhares de seguidores bolsonaristas, essas instituições demonstraram força e respeito ao processo democrático e a ordem constitucional.

O fato de a eleição não ter sido seriamente contestada é uma prova da força das instituições brasileiras. Mas foi também, em parte, resultado de uma discreta campanha de pressão travada pelo governo dos EUA ao longo de um ano para incentivar os líderes políticos e militares do Brasil a respeitar e salvaguardar a democracia, algo que não foi amplamente noticiado (Financial Times, 2023).

Em 2024, mais de um ano após a invasão ocorrida em Brasília, o Ministério Público Federal (MPF) denunciou 1.413 pessoas, por tentativa de golpe e outros crimes. Muitas já foram julgadas e condenadas, outras aguardam ainda na fila pelo julgamento²⁵³.

252 <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>

253 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/05/8-de-janeiro-stf-conclui-julgamento-e-condena-mais-29-acusados-de-envolvimento-nos-atos.ghml>

Além disso, meses depois dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, e após investigação, a Polícia Federal conseguiu provas (entre elas um vídeo²⁵⁴) de uma reunião de Bolsonaro, quando ainda era presidente, em 2022, com seus ministros, assessores e militares de alta patente, debatendo sobre estratégias para promover um golpe de estado no Brasil, que poderia ser executado antes mesmo ou depois das eleições. As evidências e provas indicam que o Brasil passou muito perto de sofrer mais um golpe militar.

Assim se constata desafiador o novo contexto do direito, tanto para acadêmicos como na esfera de competência legislativa e judiciária, pois devemos olhar atentamente para o futuro de forma mais preditiva, não apenas com o foco nas relações humanas, mas na constante e acelerada evolução tecnológica deste século da informação.

É real que grupos vivem em mundos paralelos, sobre o impacto dos algoritmos em redes sociais. É verdade que o comportamento humano e as intenções de poder e manipulação ainda são uma constante na sociedade, mas soma-se a este cenário a relação da interação da tecnologia e da sociedade. É necessário e urgente antever, prevenir e proteger o real estado democrático. Porém, sem abrir mão do processo que garanta a todos a presunção de serem inicialmente inocentes, até que se prove o contrário e com o direito à ampla defesa.

Mais do que atual está a necessidade de revisitar os conceitos e aplicação de princípios básicos como a democracia, a liberdade e a tolerância. Gisele Leite (2021) nos diz que as pessoas não podem ter "receio de expor suas ideias porque existe castigo e, principalmente, se tais ideias forem notoriamente falsas e infundadas. Afinal, somente através da crítica é que tais ideias podem ser refutadas e alteradas". Porém ela nos lembra de Karl Popper, que em 1945, trouxe à luz o "paradoxo da tolerância"²⁵⁵.

254 <https://www.youtube.com/watch?v=s5hYugtZ70g>

255 O paradoxo da tolerância está presente na obra intitulada "A Sociedade Aberta e os seus Inimigos", onde o filósofo identificou e criticou extensamente as ideias filosóficas que tanto deram origem, na opinião de Popper, aos movimentos totalitários do século XX. Todo o livro é, enfim, uma franca defesa da sociedade aberta e pluralista, da racionalidade e do falibilismo (Leite, 2021, online).

Menos bem conhecido é o paradoxo da tolerância: tolerância ilimitada levará ao desaparecimento da tolerância. Se estendemos tolerância ilimitada até àqueles que são intolerantes, se não estamos preparados para defender a sociedade tolerante contra o ataque dos intolerantes, então os tolerantes serão destruídos, juntamente com a tolerância. Nesta formulação não pretendo dizer que devemos sempre suprimir a verbalização de filosofias intolerantes; conquanto que possamos contradizê-las através de discurso racional e combatê-las na opinião pública, censurá-las seria extremamente insensato. Mas devemos reservar o direito de suprimi-las, mesmo através de força; porque poderá facilmente acontecer que os intolerantes se recusem a ter uma discussão racional, ou pior, renunciarem a racionalidade, proibindo os seus seguidores de ouvir argumentos racionais, porque são traiçoeiros, e responder a argumentos com punhos e pistolas (Popper *apud* Leite, 2021, online).

No cenário de acelerada evolução tecnológica, os riscos que se estendem à estrutura democrática são inegáveis. “Para preservar a tolerância e a democracia faz-se necessário controle e cuidado, sob pena das rédeas do poder serem legadas aos totalitários comandantes e oportunistas de ocasião” (Leite, 2021, online). Os legisladores, incumbidos da criação e revisão de leis, enfrentam desafios decorrentes da incapacidade de acompanhar a rapidez com que as inovações emergem. A práxis de legislar e julgar com regulamentações reativas, muitas vezes pautadas em eventos ocorridos, precisa ser estritamente acompanhada da necessidade de uma abordagem preventiva, principalmente da relação humano-máquina-humano. A crescente complexidade e imprevisibilidade tecnológicas tornam mais desafiador o campo da Ciência da Informação, mas também desafiam ainda mais o campo legislativo, que deve antecipar sobre potenciais consequências, tanto no campo individual como no coletivo, sem perder de vista o estado democrático de direito. Nesse contexto, é imperativo manter um enfoque constante nas áreas limítrofes da tecnologia, investindo em análises preditivas para compreender os impactos e antecipar desdobramentos futuros. Essa abordagem proativa é essencial para reduzir o risco inerente do avanço das tecnologias e principalmente para responder de maneira eficaz às

mudanças tecnológicas, humanas e sociais, garantindo a proteção dos direitos e interesses da sociedade democrática.

[...] Antes que o faça, será bom prevenir. E, como a luta não poderá alegar o que ele é agora, argumentemos que se a sua essência vier a ser aumentada, é bem possível que incorra em tais e tais extremidades. Consideremo-lo ovo de serpente que, chocado, por sua natureza, se tornará nocivo. Assim, matemo-lo, enquanto está na casca... [Assim escreveu Shakespeare, em diálogo de Bruto à Júlio, na obra Júlio César. ATO II, Cena I] (Shakespeare, 2000).

À medida em que nos dirigimos a um futuro, que já arrombou a nossa porta, onde as bolhas de percepção se cristalizam, a abordagem proativa torna-se crucial. A promoção da alfabetização digital emerge como estratégia-chave para capacitar os cidadãos e deve transcender a mera instrução técnica, incorporando habilidades que estimulem a análise crítica, o questionamento fundamentado e a compreensão dos mecanismos de funcionamento das plataformas online. Além disso, estratégias educacionais devem abordar a importância da diversidade de fontes e de pensamentos, promovendo a busca ativa por diferentes perspectivas e a validação de informações por meio de métodos críticos e confiáveis. Essa abordagem não apenas fortalece a resiliência da sociedade contra a manipulação digital, mas também reforça os alicerces de uma participação informada e responsável nas esferas públicas digitais. Ao fomentar o pensamento crítico e a habilidade de discernir informações, os cidadãos se tornam menos suscetíveis a serem conduzidos por narrativas, muitas vezes impulsionadas por máquinas ou *softwares* e disseminadas nas redes sociais, que têm o poder de influenciar o comportamento humano de maneira quase irracional, levando indivíduos a agirem por impulso. Ao compreender as dinâmicas pertinentes à comunicação de massa, o cidadão pode desenvolver uma resistência, com filtro crítico e eficaz contra o impulso irrefletido de cliques e compartilhamentos.

O estabelecimento de regulamentações mais adequadas à contemporaneidade das novas tecnologias é um passo vital para fortalecer a resiliência contra manipulações algorítmicas e mitigar os

efeitos prejudiciais das bolhas de percepção. Ao criar um ambiente regulatório que fomente a responsabilidade das empresas de tecnologia e proteja a integridade da informação, pode-se contribuir significativamente para a construção de uma esfera pública digital mais saudável, garantindo transparência e responsabilidade nas plataformas digitais. No enfrentamento desses desafios, a colaboração entre governos, setor privado, acadêmicos e sociedade civil é essencial. A implementação de medidas educacionais conjuntas, além de políticas públicas, como campanhas educativas e a criação de órgãos reguladores, com a contribuição de equipes acadêmicas de formação mais transversal e especializados em tecnologia, contribuirá para a construção de um ambiente online mais diversificado, inclusivo e acima de tudo mais democrático.

O financiamento e a disseminação de discursos de intolerância, de ódio e discriminatórios desencadeiam, além da instabilidade política, uma erosão dos valores fundamentais de tolerância que sustentam a coesão social na sociedade democrática. A arquitetura e a aplicação desses discursos para questionar os poderes estabelecidos na democracia não apenas semeia a desconfiança, mas também cria divisões profundas, comprometendo a capacidade da sociedade em atuar de forma participativa e colaborativa na construção de um ambiente democrático saudável, livre das influências de seitas nefastas, sejam políticas ou religiosas.

A busca pela verdade, tolerância e pela compreensão mútua requer esforços coletivos na promoção de uma cultura digital responsável. Somente por meio desses esforços conjuntos, será possível assegurar que as instituições desempenhem seu papel vital na proteção da democracia, dos direitos individuais, na promoção da justiça, na manutenção da estabilidade política, na educação cidadã e de um futuro cada vez mais justo, que respeite a diversidade e a inclusão.

REFERÊNCIAS

ADAMOR, J. **Eleições na Argentina**: veja os perfis dos candidatos Sergio Massa e Javier Milei. Brasil de Fato. Online. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/19/eleicoes-na-argentina-veja-os-perfis-dos-candidatos-sergio-massa-e-javier-milei>. Acesso em: 21 nov. 2023.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Joice Hasselmann denuncia “milícia” e “gabinete de ódio” na disseminação de fake news**. Online. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/622252-joyce-hasselmann-denuncia-milicia-e-gabinete-de-odio-na-disseminacao-de-fake-news/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

AGÊNCIA SENADO. **Frota afirma que Carlos Bolsonaro comanda ‘milícia virtual’ do governo dentro do Planalto**. Online. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/30/frota-afirma-que-carlos-bolsonaro-comanda-2018milicia-virtual2019-do-governo-dentro-do-planalto>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ATCHISON, A. J.; HEIDE, K. M. **Charles Manson and the Family**: the application of sociological theories to multiple murders. *In*: International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology 2011, p. 771-798. DOI: 10.1177/0306624X10371794. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/0306624X10371794>. Acesso em: 17 out. 2023.

ARAÚJO, A. **A traição da tradição**. *In*: Diário de Notícias. Portugal. Online. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/a-traicao-da-tradicao-14108619.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

ARIAS, J. **O Deus obsessivo e politicamente incorreto de Bolsonaro**. El País. Opinião. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/08/opinion/1546944981_294288.html. Acesso em: 1 dez. 2023.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BBC News Brasil. **Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades**. Online, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em: 06 nov. 2023.

BEER, T. **Majority Of Republicans Believe The QAnon Conspiracy Theory Is Partly Or Mostly True**, Survey Finds. Forbes. Election. EUA. 2020a. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/tommybeer/2020/09/02/majority-of-republicans-believe-the-qanon-conspiracy-theory-is-partly-or-mostly-true-survey-finds/?sh=58b701365231>. Acesso em: 04 dez. 2023.

BEER, T. **Bipartisan Lawmakers Introduce House Resolution Condemning QAnon 'Cult'**. Forbes. Business. EUA. 2020b. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/tommybeer/2020/08/25/bipartisan-lawmakers-introduce-house-resolution-condemning-qanon-cult/?sh=a2dc50d7f841>. Acesso em: 04 dez. 2023.

BERNARDI, A. J. B.; MORAIS, J. A. de. **Fascismo à brasileira?** Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. *In*: Revista Política & Sociedade. v. 20 n. 48, p. 300 – 327, 2021: Dossiê Trabalhos essenciais na pandemia. UFSC. Florianópolis. Santa Catarina. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2021.72401>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/72401>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BIANCHINI, L. **Bolsonaro é fascista?** Listamos 13 frases do candidato para reflexão. Brasil de fato. Online. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BORGES, V. **Patriotas ou black blocs?** Como funciona tática que prega a desobediência. Site UOL, Cotidiano. Online. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/12/14/patriotas-ou-black-blocs-como-funciona-tatica-que-prega-a-desobediencia.htm>. Acesso em: 31 dez. 2023.

BRANDALISE, C. **Filha de Olavo de Carvalho:** "Está quieto, pois sentiu baque dos processos. Universa UOL entrevista. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/25/heloisa-de-carvalho.htm>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.123**, DE 1º DE JULHO DE 2004. Regulamenta a Lei no 10.826, de 22 de dezembro de 2003, que dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas - SINARM e define crimes. *In*: planalto.gov.br. 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5123.htm. Acesso em: 1 dez. 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 9.785**, DE 7 DE MAIO DE 2019. Regulamenta a Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003, para dispor sobre a aquisição, o cadastro, o registro, a posse, o porte e a comercialização de armas de fogo e de munição e sobre o Sistema Nacional de Armas e o Sistema de Gerenciamento Militar de Armas. *In*: planalto.gov.br. 2019-2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9785.htm. Acesso em: 1 dez. 2023.

BRAUN, H. A. R. **A influência e o uso das mídias sociais na guerra híbrida, o caso da Síria**. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa – ABED. 2018. Disponível em: https://www.enabed2018.abedef.org/resources/anais/8/1534768570_ARQUIVO_ShortPaperparaXENABED2018HelmutRamirez.pdf. Acesso em: 06 jan. 2024.

BUSSOLOTO, C. **Charles Manson, o homem mais perigoso que já existiu**. Canal ciências criminais. Online. 2022. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/charles-manson-homem-perigoso/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

BUTANTAN, Instituto. **Portal do Butantan**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/institucional/o-instituto>. Acesso em: 06 jan. 2024.

CALIXTO, L. **Dez fatos que ligam a família Bolsonaro a milicianos**. Congresso em Foco. Online. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/dez-fatos-que-ligam-a-familia-bolsonaro-a-milicianos/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

CAMPEAN, F. A. P. **O discurso bolsonarista e a desconstrução do Brasil**. 2019, p.229. Tese de (Doutorado em Linguística). Campinas, SP. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=494353>. Acesso em: 31 dez. 2023.

CARON, G. R. **Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922)**. Dissertação de mestrado em História. PUC. São Paulo. 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12876/1/Giuseppe%20Rafael%20Caron.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

CARVALHO, I. **5 vezes em que Bolsonaro fez apologia à violência usando crianças: "ECA tem que ser rasgado"**. Brasil de Fato. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/12/5-vezes-em-que-bolsonaro-fez-apologia-a-violencia-usando-criancas-eca-tem-que-ser-rasgado>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CARVALHO, O. de. **A VINGANÇA DO CARAIO**. Diário. Online. 2018. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/tag/frithjof-schuon/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CAVALCANTI, C. R. da S.; AZEVEDO, N. P. G. de. **O movimento parafrástico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” X “Deutschland Über Alles”**. Policromias – Revista do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-64, jan.-abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/49295/28673>. Acesso em: 31 dez. 2023.

CAVIEZEL, J. **Steve Bannon and Jim Caviezel discussing adrenochrome on his War Room**. Podcast. In: X, PatriotTakes. 20 de junho de 2023. Disponível em: <https://twitter.com/patriottakes/status/1671306495944785925>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CERQUEIRA, M. **Confira 7 “fatos” absurdos contados pela Coreia do Norte**. In: Jornal Ciência. 2016. Disponível em: <https://www.jornalciencia.com/confira-7-fatos-absurdos-contados-pela-coreia-do-norte/>. Acesso em: 24 set. 2023.

CONECTAS, Direitos humanos. **Boletim Direitos na Pandemia**. Online, 2021. Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/#wpcf7-f18339-o1>. Acesso em: 7 nov. 2023.

CHADE, J. **Desinformação mata e redes sociais precisam ser reguladas, diz chefe da ONU**. Reportagem UOL. Online. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/12/29/desinformacao-mata-e-redes-sociais-precisam-ser-reguladas-diz-chefe-da-onu.htm>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária** – 4ª reimpressão. São Paulo: Perseu Abramo, 2001, p. 104.

CHESNEY, R. CITRON, D. **Deepfakes: A Looming Crisis for National Security, Democracy and Privacy?**. Lawfare. Online. February 21, 2018. Disponível em: <https://www.lawfaremedia.org/article/deepfakes-looming-crisis-national-security-democracy-and-privacy>. Acesso em: 30 out. 2023.

CONGRESSO EM FOCO. **Carlos me pôs na presidência e deveria ser ministro, diz Bolsonaro ao defender o filho**. Online. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/carlos-me-pos-na-presidencia-e-deveria-ser-ministro-diz-bolsonaro-sobre-filho/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro: “quilombola não serve nem para procriar”**. Online. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

CONIB, Confederação Israelita do Brasil. **Conib lamenta iniciativa do Exército de homenagear oficial do exército alemão.** Online. 2019. Disponível em: <https://conib.org.br/noticias/todas-as-noticias/conib-lamenta-iniciativa-do-exercito-de-homenagear-oficial-do-exercito-alemao.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

CORREIA, V. **Moraes classifica como "assustador" efeito das redes sociais em bolsonaristas presos.** Correio Brasiliense. Online. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/04/5084410-moraes-classifica-como-assustador-efeito-das-redes-sociais-em-bolsonaristas-presos.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

COSTA, A. T. M. **O Bolsonarismo nas polícias.** Fonte Segura. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/o-bolsonarismo-nas-policias-2/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CORREIO FORENSE. **Com 18 nomes, PP tem o maior número de investigados na Lava Jato.** Online. 2015. Disponível em: <https://www.correioforense.com.br/improbidade-corrupcao/com-18-nomes-pp-tem-o-maior-numero-de-investigados-na-lava-jato/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

DAL PIVA, J.; BOTTARI, E. Clã Bolsonaro condecorou 16 PMs denunciados em organizações criminosas. *In*: **UOL Investiga**. Online. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2022/09/23/cla-bolsonaro-condecorou-16-pms-denunciados-em-organizacoes-criminosas.htm>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DESLANDES, N. **Countdown to Q-day.** TechInformed. 2023. Disponível em: <https://techinformed.com/count-down-to-q-day/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

DORIA, P. **Plínio e Bolsonaro.** Insight Inteligência. Edição 90. Online. 2020. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/plinio-e-bolsonaro/#:~:text=0%20fascismo%20brasileiro%20era%20mais,no%20governo%20de%20Get%C3%BAlio%20Vargas>. Acesso em: 01 dez. 2022.

DUARTE, A. M. **A pandemia e o pandemônio:** Ensaio sobre a crise da democracia brasileira Ed. Via Verita 2020. ISBN 978-8564565883

DURÃES, U. **'Novo estágio das fake news':** deepfake vira arma de campanha na Argentina. Uol, Internacional, São Paulo. Online. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/11/18/novo-estagio-das-fake-news-deepfake-vira-arma-de-campanha-na-argentina.htm>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ECO, U. **O Fascismo Eterno**. Discurso proferido em conferência na Universidade Columbia. 1995. in: Cinco Escritos Morais, Tradução: Eliana Aguiar, Editora Record, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://deusgarcia.files.wordpress.com/2018/06/eco-o-fascismo-eterno.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023. Também disponível em epub. ISBN 978-85-01-40506-7. 2018.

EL PAIS. **O que são os 'Pandora Papers'?** As chaves para entender a investigação. Internacional. Online. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-03/o-que-sao-os-pandora-papers-as-chaves-para-entender-a-investigacao.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos**. Tradução Arnaldo Bloch. 1. ed. ISBN 978-85-54126-60-5 São Paulo: Vestígio, 2019, p. 192.

ESTADÃO. **Bolsonaro repetiu lema integralista ao encerrar discurso na ONU;** entenda. Jornal Estado de São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-repetiu-lema-integralista-ao-encerrar-discurso-na-onu-entenda/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FACHIN, E. **Direito à liberdade religiosa**. 2023. In: Supremo Tribunal Federal. Liberdade de Expressão. 1 ed. Brasília, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023, p. 195-202.

FACHIN, E. **fake news**. 2020. In: Supremo Tribunal Federal. Liberdade de Expressão. 1. ed. Brasília, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023, p. 95-107

FERNANDES, M. C. **Os valores da farda que volta ao poder**. In: O valor econômico. Online. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.valor.com.br/cultura/6047841/os-valores-da-farda-que-volta-ao-poder>. Acesso em: 19 out. 2023.

FERRAZ JR. **O Brasil e outros países são reféns do crime organizado**. Jornal da USP. Online, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/o-brasil-e-outros-paises-sao-refens-do-crime-organizado/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **MOURÃO FILHO, Olímpio**. Atlas histórico do Brasil. CPDOC. Online. 2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/3707>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FINANCIAL TIMES. **The discreet US campaign to defend Brazil's election**. Michael Stott em Londres, Michael Pooler e Bryan Harris em São Paulo. Online. 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/07533564-2231-47a6-a7b8-2c7ae330efc5>. Acesso em: 28 dez. 2023.

FIORILLO, M. **O avanço do "eterno fascismo"**. In: jornal da USP. São Paulo. Online. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=571419>. Acesso em: 17 out. 2023.

FLYNN, S. **Dr Bandy Lee warned five years ago that Trump was dangerous**. She's more worried now. Independent. Reino Unido. Online. 2022. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/bandy-lee-trump-doctor-election-b2176369.html>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FRANCISQUINI, R. **Como funciona a propaganda?** Ideologia, demagogia e desigualdade. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (RBCS). Vol. 34 n° 101. Online. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/yRyb9f69wJCwdqWZr7nhNN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2023.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Apêndice Histórico**. Online. Disponível em: <https://integralismo.org.br/apendice-historico/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FREEDOM OF MIND Resource Center. **BITE Model of Authoritarian Control**. Disponível em: <https://freedomofmind.com/cult-mind-control/bite-model/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FREUD, S. **O Eu e o Id**, "Autobiografia" e outros textos. Freud (1923-1925). Obras completas volume 16. Companhia das Letras. Paulo César de Souza (Tradutor). 2011.

GALZO, W. **TSE se reúne com redes sociais para frear pagamentos a desinformadores**. UOL/Estado de São Paulo. Online. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/09/24/tse-se-reune-com-redes-sociais-para-frear-pagamentos-a-desinformadores.htm> Acesso em: 22 nov. 2023.

GENI e IPPUR. **A expansão das milícias no estado do Rio de Janeiro**. Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI/UFF) e Observatório das Metrópoles (IPPUR/UFRJ). Relatório final. 2021, p. 37. Disponível em: <https://geni.uff.br/2021/04/30/a-expansao-das-milicias-no-rio-de-janeiro-uso-da-forca-estatal-mercado-imobiliario-e-grupos-armados-4/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GOIS, A. **Especialista em história russa diz que Olavo não é 'Trótski de direita': 'É o Rasputin'**. Jornal O Globo. Online. 2019. Disponível apenas para assinantes em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/especialista-em-historia-russa-diz-que-olavo-nao-e-trotski-de-direita-e-o-rasputin.html>. Acesso em: 09 jan. 2024.

GOUVEIA, L. B. **Transformação digital**: desafios e implicações na perspectiva da informação. 2019, p. 12

GUEDES, P. Paulo Guedes: 'Empregada doméstica indo para Disney, uma festa danada' Jornal O Globo. **Youtube**. Online. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bLGlc4cVP8Q>. Acesso em: 27 dez. 2024.

GUIMARÃES, C. D. P.; GUIMARÃES, G. D. P. **Deep Voice**: Afinal, existe direito à própria voz? *In*: Magis Portal jurídico. Direito 4.0: Fronteiras Digitais. Online. 2023. Disponível em: <https://magis.agej.com.br/deep-voice-afinal-existe-direito-a-propria-voz/>. Acesso em: 31 out. 2023.

GUILLEN, L. D.; SOUZA, I. C. de; LIMA, S. O.; MARTINS, V. S. Percepção da Realidade. *In*: **Anais do 3º Simpósio de Neurociências da Grande Dourados - SINGraD, Dourados. UFGD**. 2012. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/SINGraD/article/view/1143#:~:text=Percep%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20processo%20atrav%C3%A9s,pr%C3%B3prio%20de%20cada%20ser%20humano%20>. Acesso em: 24 set. 2023.

HAN. B. **Infocracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. 1. Ed. ISBN 9786557136201. São Paulo: Vozes, 2021, p. 112.

HATCHER, C. Cults, Society and Government. *In*: **NEW RELIGIOUS MOVEMENTS, MASS SUICIDE, AND PEOPLES TEMPLE Scholarly Perspectives on a Tragedy**. Vol. 37. Studies in American Religion. 1989. ISBN 0-88946-680-7, p. 179-198

HEDGE COE, G. **As imagens falsas de crianças nuas geradas por inteligência artificial que chocaram cidade da Espanha**. BBC News. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c13m42n8e2go>. Acesso em: 24 set. 2023.

JHU, Johns Hopkins University. **Mortality analyses**: Mortality in the most affected countries. Online. 2023. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>. Acesso em: 01 dez. 2023.

IDOETA, P. A. **Comparações descabidas com nazismo desvalorizam memória do Holocausto**, diz historiador. BBC News Brasil, São Paulo. Online. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52870901>. Acesso em: 01 dez. 2023.

JONES, C. A. Exemplary Dualism and Authoritarianism at Jonestown. *In*: **NEW RELIGIOUS MOVEMENTS, MASS SUICIDE, AND PEOPLES TEMPLE Scholarly Perspectives on a Tragedy**. Vol. 37. Studies in American Religion. 1989 ISBN 0-88946-680-7, p. 209-230

JUDEUS PELA DEMOCRACIA – Oficial. **"Da série "coincidências (ou não)":** Depois de "Brasil acima de tudo" e "Trabalho liberta", a nova frase de bolsonaristas à campanha de 22 é: "Uma nação, Um povo, Um líder". Mais um slogan "livremente inspirado" no nazismo? Tradução da imagem: "Um povo, uma nação, um líder". 24 de junho de 2021, 8:43 PM. Tweet. Disponível em: <https://twitter.com/jpdoficial/status/1408209170348773376>. Acesso em: 7 nov. 2023.

KASPERSKY Daily. **Mais de 65% dos brasileiros não sabem o que é "deepfake"**. Kaspersky. Online. 2022. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/blog/brasileiros-desconhecem-deepfake/18834/>. Acesso em: 24 set. 2023.

KASPERSKY Daily. **O que são bots? - Definição e Explicação.** Kaspersky. Online. 2021. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-are-bots>. Acesso em: 24 set. 2023.

LAGO, R. **Até que ponto a "Festa da Selma" era a "Festa da Selva!"?** Congresso em foco. UOL. Online. 2023. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/ate-que-ponto-a-festa-da-selma-era-a-festa-da-selva/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LEITE, G. **Não devemos tolerar os intolerantes.** Jornal Jurid. Online. 2021. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/nao-devemos-tolerar-os-intolerantes>. Acesso em: 24 set. 2023.

LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U.; SEIFERT, C. M.; SCHWARZ, N.; COOK, J. (2012). **Misinformation and Its Correction:** Continued Influence and Successful Debiasing. Psychological Science in the Public Interest, Supplement, 13, 106-131. <https://doi.org/10.1177/1529100612451018>. Acesso em: 10 set. 2023.

LIFTON, R. J. **Thought Reform and the Psychology of Totalism:** A Study of 'brainwashing' in China. The University of North Carolina. UNC Press. 2012 ISBN: 978-0-8078-8288-7 Disponível em: <https://uncpress.org/book/9780807842539/thought-reform-and-the-psychology-of-totalism/>. Acesso em: 24 set. 2023.

LIMA, E. Sara Winter um arquivo vivo. **Revista Isto É.** Online. 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/sara-winter-um-arquivo-vivo/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

MACIEL, A.; FONSECA, B.; LEVY, C.; RUDNITZKI, E. **Carlos e Eduardo Bolsonaro praticam tiro em clube nos EUA acusado de usar sinais nazistas.** Agência Pública. Online, 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/09/carlos-e-eduardo-bolsonaro-praticam-tiro-em-clube-nos-eua-acusado-de-usar-sinais-nazistas/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A.; COELHO, F. M. F.; DIAS, T. B. **"Fake news acima de tudo, fake news acima de todos":** Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". *In: Revista Eletrônica Correlatio* v. 17, n. 2 - Dezembro de 2018 Pgs. 65-90. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/9299>. Acesso em: 31 dez. 2023.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem:** Understanding Media. Ed. Cultrix. 1969

MELLO, P.; C. VERPA, D. **China luta para manter avanços em IA apesar de 'guerra fria' com os EUA.** Folha de São Paulo. Online. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/12/china-luta-para-manter-avancos-em-ia-apesar-de-guerra-fria-com-os-eua.shtml>. Acesso em: 04 dez. 2023.

MERCIER, H.; SPERBER, D. The Enigma of Reason. *In: Hugo Mercier's website.* Online. Disponível em: <https://sites.google.com/site/hugomercier/presentation?authuser=0>. Acesso em: 06 jan. 2024.

MIRANDA, D de. **A construção da identidade do oficial do exército brasileiro.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018, p. 102. ISBN: 978-85-8006-241-0

MILANI, R. **Crítica:** Tropa de Elite. Papo de Cinema. Online. 2007. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/tropa-de-elite/>. Acesso em: 31 dez. 2023.

MORAES, A. de. Liberdade de expressão e limites. 2022. *In: Supremo Tribunal Federal.* Liberdade de Expressão. 1. ed. Brasília, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023, p. 15-34.

MUSEU DO HOLOCAUSTO. **"Respeitosamente, o convidamos a visitar o Museu do Holocausto de Curitiba.** Será um prazer recebê-lo, @monark! Venha! Aqui, você perceberá que o nazismo foi muito além de pessoas exercendo, em suas palavras, o "direito de serem idiotas". 08 de fevereiro de 2022, 1:17 PM. Tweet. Disponível em: <https://twitter.com/MuseuHolocausto/status/1491083721206022145?s=20>. Acesso em: 7 nov. 2023.

NICAS, J.; HERRERA, L. C. Eleição na Argentina é a primeira da era da inteligência artificial; entenda o que isso significa. *In: Estado de São Paulo.* 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/a-eleicao-argentina-e-a-primeira-a-empregar-ia/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NOGUEIRA, M. A. F. (ORG.). **Comunicação e Tecnologia.** 1. ed. Rio de Janeiro: SESES, 2019, p. 264.

NOMURA, B. O que é milícia: entenda as origens e como o crime funciona no Brasil. *In*: O **Estado de São Paulo**. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/milicia-o-que-e-como-funciona-no-brasil-e-por-que-e-tao-dificil-combate-las/&hl=pt-BR&gl=br>. Acesso em: 10 nov. 2023.

OLIVEIRA, A. **Black bloc**: a tática fugidia que desnorteia e assusta SP. El País. Online. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/10/politica/1473461724_961425.html. Acesso em: 31 dez. 2023.

OLIVEIRA, J. C. **Black blocs são resultado de 'doença institucional' do Brasil, dizem especialistas**. Agência Câmara de Notícias. Online. 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/418840-black-blocs-sao-resultado-de-doenca-institucional-do-brasil-dizem-especialistas/>. Acesso em: 31 dez. 2023.

OLIVEIRA, M. **Caminho para a ultradireita na Itália começou há 30 anos**, diz autor de livro sobre Mãos Limpas. Folha de São Paulo. Mundo. Online. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/11/caminho-para-a-ultradireita-na-italia-comecou-ha-30-anos-diz-autor-de-livro-sobre-maos-limpas.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ORAZEM, E. **QAnon**: a teoria conspiratória que mirou a política e acertou as relações pessoais. Brasil de Fato. Online. Los Angeles. EUA. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/03/qanon-a-teoria-conspiratoria-que-mirou-a-politica-e-acertou-as-relacoes-pessoais>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PAULA, C. P. A. de; ARAÚJO, E. P. O.; SARAIVA, P. G. P. **Comunicação, Informação e Imaginário no processo eleitoral brasileiro**: o "Messias" Bolsonaro e o mito do rei pela graça de Deus. Prisma.com, n.º 41, Pg. 100-122. 2020, ISSN: 1646 -3153. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/6442/62370>. Acesso em: 25 nov. 2023.

PAUXIS, B.; SARDINHA, E. **Ditaduras e governos em tempos autoritários fecharam o congresso 18 vezes – a última, há 46 anos**. Ditadura nunca mais, Congresso em foco. UOL. 2023. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/ditaduras-e-governos-autoritarios-fecharam-o-congresso-18-vezes-a-ultima-ha-46-anos/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

PAZ, D. **Fake news**. Charge. Disponível em <https://danielpaz.com.ar/blog/2020/05/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

PEIXOTO, P. **EXCLUSIVO - 'Ele sempre foi anticiência e nunca gostou de ser brasileiro nem do povo brasileiro'**, declara filha de Olavo de Carvalho. Revista Cenarium. Agência Cenarium. 2022. Disponível em: <https://aamazonia.com.br/exclusivo-ele-sempre-foi-anticiencia-e-nunca-gostou-de-ser-brasileiro-nem-do-povo-brasileiro-declara-filha-de-olavo-de-carvalho/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

PIRANDELLO, L. **Assim É** (Se lhe Parece). Ed. Tordesilhas. 2. ed. 2022. ISBN 9786555680560.

PINTO, C. H. **A relação do algoritmo com a publicidade nas mídias sociais**. Orientadora: Gisele Mota Ramos. Monografia (Graduação em Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Publicidade). Centro Universitário de Brasília. Brasília. 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6985>. Acesso em: 24 set. 2023.

PINTO, E. C. **Bolsonaro e os Quartéis**: a loucura com método. IE-UFRJ DISCUSSION PAPER: PINTO, TD 006, Pg. 01-29. 2019, Disponível em: https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD_IE_006_2019_PINTO.pdf. Acesso em: 19 out. 2023.

RFI, Rádio França Internacional. **Pelo menos 90 mortos em seita religiosa no Quênia**. Online. 2023a. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20230426-pelo-menos-90-mortos-em-seita-religiosa-no-qu%C3%A9nia>. Acesso em: 01 dez. 2023.

RFI. **Polícia francesa prende guru ligado à seita de Tantra Yoga na região de Paris**. Online. 2023b. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20231128-pol%C3%ADcia-francesa-prende-guru-ligado-%C3%A0-seita-de-tantra-yoga-na-regi%C3%A3o-de-paris>. Acesso em: 01 dez. 2023.

RIBEIRO, D. D. R. **PORTARIA. nº. 2021.0052061**. Polícia Federal. Corregedoria Regional de Polícia Federal. 2021. Disponível em: https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/41/2021/10/peca-62-inq-4874-merged_081020215150.pdf. Acesso em: 1 dez. 2023.

RICUPERO, B. **O que foi o 8 de janeiro?** Jornal da USP. Artigo. Online. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

ROBB, A. **Anatomy of a Fake news Scandal**. Rolling Stone. Online. 2017. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/feature/anatomy-of-a-fake-news-scandal-125877/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

RODRIGUES, P. **Presidente fala em cristofobia;** afinal, o que é liberdade religiosa?. Ecoa UOL. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/20/presidente-fala-em-cristofobia-afinal-o-que-e-liberdade-religiosa.htm>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ROSSI, M. **Um 'apagão' de vídeos nas redes bolsonaristas no cerco aos ataques à democracia que emulam o trumpismo.** El País Brasil. Online. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-22/um-apagao-de-video-nas-redes-bolsonaristas-no-cerco-aos-ataques-a-democracia-que-emulam-o-trumpismo.html>. Acesso em: 07 nov. 2023.

RUDNITZKI, E.; SCOFIELD, L. **Robôs levantaram hashtag que acusa China pelo coronavírus.** Agência Pública. Online. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/robos-levantaram-hashtag-que-acusa-china-pelo-coronavirus/>. Acesso em: 23 out. 2023

SANSEVERINO, P. de T. [Rel. Ministro]. **RECURSO ESPECIAL.** Superior Tribunal de Justiça STJ. REsp 1630851/SP, TERCEIRA TURMA, julgado em 27/04/2017, DJe 22/06/2017. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/stj/860670072?_gl=1*t1d7i9*_ga*MjA1OTYxOTY4OC4xNjk4NjkwMzc5*_ga_QCSXBQ8XPZ*MTY5ODc1Mzk3Ni4yLjEuMTY5ODc1NDgyNC40Ny4wLjA. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo. Ed. Paulus, 2. ed., 2011 ISBN 978-85-349-2765-9

SCHULSON, M. **Can Cult Studies Offer Help With QAnon?** The Science Is Thin. Undark. MIT. Online. 2023. Disponível em: <https://undark.org/2021/02/24/cult-studies-qanon/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SHAKESPEARE, W. **Júlio César.** ATO II, Cena I, Roma. No jardim de Bruto. eBooksBrasil.org. 2000. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cesar.html>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, S. L. P. da. **O irracionalismo de conveniência:** Ensaio sobre pós-verdade, *fake news* e a psicopolítica do fascismo digital. Editora Appris. 1. ed. Curitiba, p. 233. 2021.

SILVA, L. R. L.; FRANCISCO, R. E. B.; SAMPAIO, R. C. **Discurso de ódio nas redes sociais digitais:** tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. Galáxia (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553. Publicação Contínua. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202151831>. Nº 46, 2021, p.1-26. Acesso em: 7 de. 2023.

SILVA, R. Como a China usa as redes sociais para manipular o debate público. **Revista Superinteressante**. Online. Editora Abril. São Paulo. 2022. Disponível em: https://super.abril.com.br/sociedade/como-a-china-usa-as-redes-sociais-para-manipular-o-debate-publico?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_super_audiencia_institucional&gad_source=1&gclid=CjwKCAiAjrArBhAWEiwA2qWdCDQ3iSe4RMk2IKQqalFEGb2JycRMumwYBPCsbQke8fZRXQ6Jj2zzsRoC8PMQAvD_BwE. Acesso em: 04 dez. 2023.

SOARES, D. A. **'Apito de cachorro'**: a mensagem codificada usada por fascistas. *In*: megacurioso.com.br. 2022. Online. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/123174-apito-de-cachorro-a-mensagem-codificada-usada-por-fascistas.htm>. Acesso em: 17 out. 2023.

SOUZA, M. D. de. **Bolsonaro e seus robôs**: como funciona a propagação de *fake news* sobre o coronavírus. Brasil de Fato. São Paulo (SP). Online. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 23 out. 2023.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**. A política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.

STANLEY, J. **One Hundred Years of Fascism**. Project Syndicate. Online. 2022. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/onpoint/fascism-100-years-and-the-threat-today-by-jason-stanley-2022-10>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SWI. swissinfo.ch. **É falso que o adrenocromo seja uma droga extraída de crianças estupradas**. Swiss Broadcasting Society (SRG). Online. 2023. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/spa/efe-verifica-desinformaci%C3%B3n-qanon_es-falso-que-el-adrenocromo-sea-una-droga-extra%C3%ADda-de-ni%C3%B1os-violentados/48685900. Acesso em: 04 dez. 2023.

TAVARES, F. Google and NASA Achieve Quantum Supremacy. *In*: **NASA.GOV**, 2019. Disponível em: <https://www.nasa.gov/technology/computing/google-and-nasa-achieve-quantum-supremacy/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

TEITELBAUM, B. **Escritor relata conversão de Olavo de Carvalho à seita muçulmana**: 'Um lado que ele não queria expor para o resto do mundo'. *In*: Gshow. Online. 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/escritor-relata-conversao-de-olavo-de-carvalho-a-seita-muculmana-um-lado-que-ele-nao-queria-expor-para-o-resto-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2023.

TELES, L.; LIMA, S.; QUEIROZ, G. **Momentos críticos de Bolsonaro impulsionam retórica anticomunista nas redes sociais.** Jornal Estado de São Paulo. Online. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/timeline-eleicoes-2022/bolsonaro-retorica-anticomunista-redes-sociais/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

TROPA de Elite. Filme. Direção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2007.

TROPA de Elite 2. Filme. Direção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2010.

TUFEKCI, Z. **We're building a dystopia just to make people click on ads.** Technology, Entertainment, Design. TEDGlobal. NYC. 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/zeynep_tufekci_we_re_building_a_dystopia_just_to_make_people_click_on_ads?subtitle=pt-br. Acesso em: 19 nov. 2023.

VIANA, S. do N.; COSTA, L. C. S. Blitzkrieg bolsonarista um conto de fa(r)da. **Revista Trama**, Volume 18, Número 44, 2022, p. 50-67. e-ISSN 1981-4674.

VILELA, S. **A quem pertencem os símbolos nacionais?** Deutsche Welle. Online. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-quem-pertencem-os-s%C3%ADmbolos-nacionais/a-63589788>. Acesso em: 1 dez. 2023.

VISENTINI, P. F. **Eixos do poder mundial no século XXI:** uma proposta analítica. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais e-ISSN 2238-6912. ISSN 2238-6262. v.8, n.15, Jan./Jun. 2019, p.9-25. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/austral/article/download/91767/52900>. Acesso em: 31 dez. 2023.

VISCARDI, J. M. **fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter.** In: Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(59.2): Pg.1134-1157, mai./ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/01031813715891620200520>. Acesso em: 31 dez. 2023.

VENTURA, D.; REIS, R. **Direitos na pandemia mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no brasil.** Boletim n. 10. SÃO PAULO. 2021. Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/#wpcf7-f18339-o1>. Acesso em: 01 dez. 2023.

UOL, Notícias. **França prende guru em operação contra seita internacional de yoga.** Online. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/11/28/franca-prende-guru-em-operacao-contra-seita-internacional-de-yoga.htm>. Acesso em: 01 dez. 2023.

UOL. **Guedes:** Fies levou até para filho de porteiro para universidade, diz jornal. Online. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/29/guedes-fies-levou-ate-para-filho-de-porteiro-para-universidade-diz-jornal.htm>. Acesso em: 27 dez. 2023.

WEBER, R. Apresentação. *In: Supremo Tribunal Federal. Liberdade de Expressão*. 1. ed. Brasília, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023, p. 5-8.

WENDLING, M. **QAnon:** o que é e de onde veio o grupo que participou da invasão ao Congresso dos EUA. BBC News. Online. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55577322>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ZAPAROLLI, D. **A era dos qubits.** Pesquisa FAPESP, Edição 284 de 2019 e atualizada online em 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-era-dos-qubits/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SOBRE O AUTOR



Carlos Rocha

É professor de Telejornalismo e Cinema na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também se formou em Comunicação. Possui doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Fernando Pessoa, em Portugal. Desde 1995, atua em trabalhos sobre inovação em Tecnologia da Comunicação e Informação. Ajudou a fundar a UFPR TV em 2002 e propôs a Rede IFES em 2003, promovendo e incentivando a colaboração entre as universidades federais brasileiras.

E-mail: rocha@ufpr.br

ID Lattes: 3421695357180866

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

ALGORITMOS DAS REDES SOCIAIS E SEITAS POLÍTICAS

REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA, DEMOCRACIA E SOCIEDADE